Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

ANO 62.º N.º 21 042
Dezembro 1982
Sexta-feira
31
20$00

Enquanto parece começar a contagem decrescente para as eleições

Balsemão apresenta Crespo a Eanes

PR apela à luta "anti-crise"

Lucas Pires ganhou 'aos pontos' Conselho Nacional

Basílio Horta: posição incerta no seu partido

Freitas vai tentar criar "novo CDS"

Págs. 4 a 6 e 24

Paz para as nossas vidas e guerra à nossa crise

ASSÁMOS o Natal sem Governo, em crise. Em crise e sem Governo, vamos entrar no Ano de 1983. As perspectivas nacionais não nos oferecem margem para optimismos e congratulações. Não será necessário repetir, nesta hora de despedida, que o Ano de 1982 nos deixa um travo amargo: nenhum problema resolvido, alguns problemas agravados. Todavia a crise, no seu desenvolvimento e nas contradições que a caracterizam, não é uma situação estática, não pesa sobre nós como uma condenação irremediável. Independentemente de coincidências e condicionamentos internacionais, existem condições nacionais que permitem pensar que em Portugal é possível vencer a crise, restabelecer a confiança, reacender a esperança.

Sabemos que não é fácil ultrapassar a situação presente, deter e contrariar o processo de degradação material e moral

Continua na pág. 24

Fogo no campeonato

Aí está a ronda 14 do campeonato nacional de futebol, com dois pólos incandescentes: em Alvalade, o fabuloso Sporting - Benfica; na Medideira, o Amora - Porto que vai jogar-se sob protesto dos homens da margem Sul do Tejo. Nas imagens: Oliveira treina Meszaros e Eriksson está confiante. Dois mestres que vão estar, no domingo, frente-a-frente.

Pág. 15

Andropov sugere cimeira com Reagan

Estado de guerra na Polónia é hoje levantado

Págs. contrais

Diário de Lisboa

Amanhã, sábado, Dia de Ano Novo, não se publica o «Diário de Lisboa», encontrando-se encerrados todos os nossos serviços. Voltaremos ao contacto com o público leitor na próxima segunda-feira, dia 3 de Janeiro.

1982

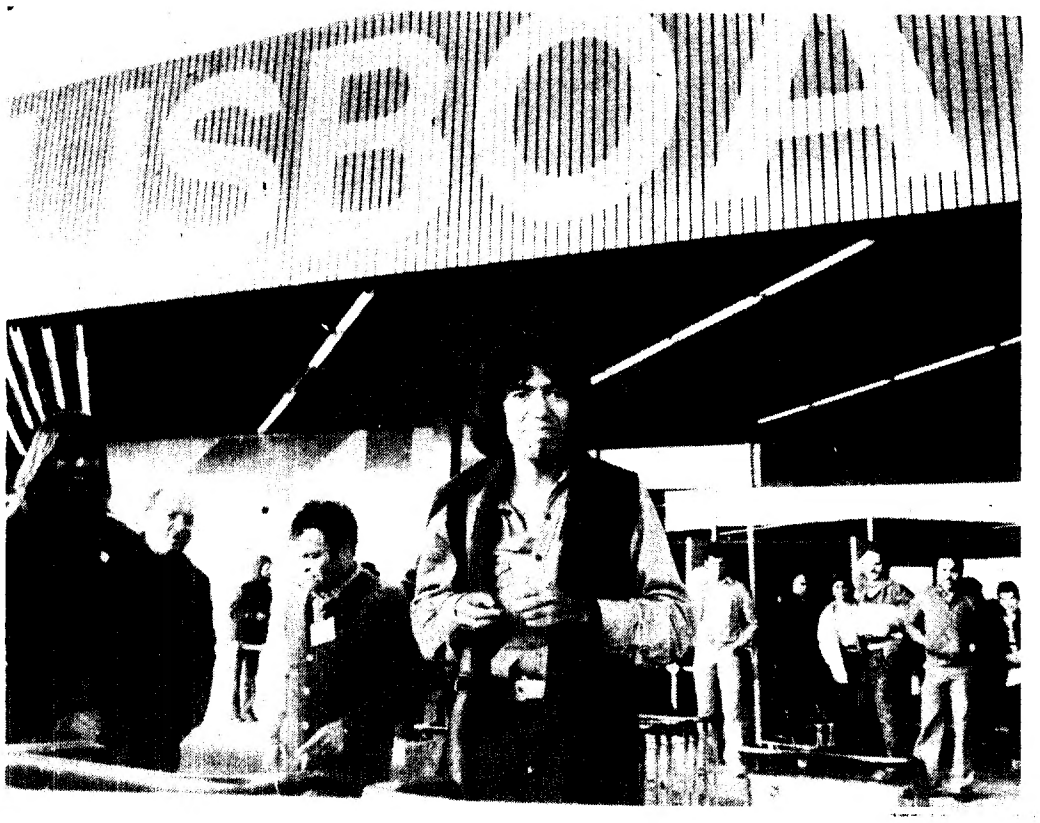
Hoje no 'DL'

- O ano teatral
- O ano cinematográfico
- O mundo em imagens

Sérgio de volta a casa

Pouco passava das sete da manhã quando Sérgio Godinho aterrou no Aeroporto de Lisboa, vindo do Rio de Janeiro. O decreto de expulsão, assinado pelo presidente brasileiro, foi ontem publicado e Sérgio deixou o país no primeiro avião com destino a Lisboa. Vinha sorridente e satisfeito, e os amigos, mais uma vez, lá estavam a aguardá-lo. Agora só falta a absolvição (que considera quase certa) e a anulação do decreto assinado por Figueiredo antes de ontem.

Pág. 7



Crónica do reino de Lilliput

Garcia Barreto

Ao despedir-me de pessoas de família para regressar à capital dos meus sonhos e pesadelos, logo elas, de sorriso enigmático mas brincalhão luzente nos rostos, me afirmaram que iria ter uma surpresa. Sim, senhor: uma surpresa, uma pequenina surpresa para alimentar o meu gozo de espectador e actor da realidade. Mas qual surpresa? Não te preocupes, logo verás! Encolhi os ombros, a sorrir também, e fui descendo uma suave colina por um arruamento talhado à pressa por mão de aprendiz, caminho-de-cabras nunca promovido a rua ou estrada, torci os pés, cambaleei como que dançando um bailado sem coreografia, com a pequena mala de viagem na mão, enquanto o pensamento ia ocupado em desfiar um rosário de várias supresas possíveis. Não devia ser nada de grave pelo modo como mo deram a entender, talvez porque soubessem como eu gosto de surpresas, mas de surpresas mais ou menos calculadas que é para não rasgarem muito o tecido da imagiação e da dúvida. Visitara a família viajando de carro, mas o danado deu em não cumprir cabalmente a sua tarefa, o culpado era eu, reconheci, questão de motores é como o corpo humano, precisa de revisões periódicas, senão de um momento para o outro pode dar-se o imprevisto. Foi o que sucedeu. Agora ia regressar de transporte público, levemente aborrecido porque o meu ego satisfaz-se quando carrego no acelerador do automóvel e vejo as árvores, as casas e as pessoas a passarem por mim ou eu por elas numa girândola febril e os quilómetros a somarem-se no respectivo contador, inebria-me a velocidade, devo ter algum recalcamento de piloto de competição que nunca se pôde estrear. Bom, mas não era por este caminho que eu ia. Era por um caminho de pedras e buracos, areia fina e pó a esvoaçar com o vento e a pôr-me na garganta um pigarreio incómodo. Percorridos uns cem metros entrei na aldeia propriamente dita, sacudi as calças com palmadas fortes e caminhei lentamente, fotografando o ambiente com a minha objectiva de forasteiro curioso. Ao cair da noite passada, quando cheguei, mal consegui deambular o olhar pela vida do lugarejo, irritado com a avaria no automóvel. Agora tudo era diferente. As velhas casas assumiam outros contornos, velhas casas de pedra, apagadas e esconsas, quase tugúrios, de janelas pequeninas e toscas a esconderem a timidez da pobreza, imaginava-as povoadas por velhos, vestidos de negro, arrastando os pés tristes e recolhidos ou repousando ao calor do borralho, já que os adultos na força da idade tinham ido concretizar os sonhos nessas franças espalhadas pelo globo, a que o português aporta com uma mão à frente e outra atrás, mais o recatado espanto de conhecer mundo novo onde a esperança se possa conjugar no presente. Pois era, as casas diziam do abandono a que estava votada a vida por ali, parecia uma localidade fantasma, daquelas que rodeiam minas abandonadas, e nem meia dúzia de flores murchas plantadas em irreconhecíveis latas ferrugentas dependuradas das janelas, conseguiam alegrar o espaço circundante. Nem elas nem um cochicho preso numa gaiola de caniço no varandim da casa do extremo da rua principal, que se desunhava a cantar aplaudido por um olho de sol. Meti-me com um puto que olhou para mim como se eu fosse um fenómeno, um extraterrestre ou coisa semelhante saída de um OVNI, tal era a sua estupefacção e receoso recolhimento e não sei se foi por pensar em extraterrestres, dei comigo a comparar temas díspares, sem nexo aparente, por exemplo aquela aldeia com o fantástico voo espacial de Yuri Gagarine dezoito anos atrás. O que é que havia de interligação nestes factos? Talvez o desfasamento do progresso, as assimetrias do desenvolvimento mundial. Coexistiam ao mesmo tempo no planeta as fabulosas conquistas humanas do final do século XX e o atraso chocante e bárbaro daquela aldeia do meu país da periferia económica, onde se misturam restos de medievalismo com dissonâncias de liberalismo oitocentista, havia ali esfinges perdidas de antigos servos da gleba manietados ainda hoje por um desses últimos monarcas regionais, senhor de terras e gado, de pequenas fabriquetas semiartesanais, que dispunha das pessoas como se fossem títeres da sua vontade, arlequins do seu quotidiano, enfim, consubstanciava-se ali um tempo noutro tempo.

É verdade: e a surpresa? Tinha-me esquecido dela impregnado por estes pensamentos enquanto calcorreava na direcção da gare dos caminhos-de-ferro. Só se a surpresa com que me haviam alfinetado a disposição era tudo aquilo que se desenrolava à minha volta e de que eu era protagonista. Não, não era isso de certeza, ou não era somente isso, os meus familiares não me julgariam surpreendidos com a sua aldeia que eu conhecia mal, apesar de tudo, mas conhecia, de outras viagens, espaçadas viagens de caixeiro-viajante da vida. Nem tão-pouco me surpreendiam aquelas duas nuvens que namoravam o cume verde da serra, nuvens espessas, cinzentas e brancas, rendilhadas como bilros, flocos de algodão sujo como se tivessem sido utilizadas para limpar o céu que à volta era azul-claro, tão claro e luminoso que obrigava a piscar os olhos, pondo ardores nas córneas desprotegidas. Talvez estas nuvens em farrapos sejam o mais pitoresco da aldeia. (Desculpem: risquem a palavra **pitoresco** deste discurso, porque ela lembra-me um pouco o vocabulário salazarista com que neste país se costuma(va) tapar a miséria e o atraso rural. **Pitoresco, típico** e outros vocábulos semelhantes ainda me doem. As palavras não têm culpa, mas os homens que as usaram, indiscriminada e criminosamente, para turista camóne ver, adulteraram-nas. Tiraram-lhes o sabor, apodreceram-nas. Troquem-na, por favor, pelo adjectivo **agradável).** Diríamos, então, que o mais agradável da aldeia eram aquelas nuvens aos farrapos, panos velhos de limpar o céu, ou de enxugar as lágrimas ao Sol. Extasio-me a olhá-las, mas logo me lembro da viagem de regresso. E pergunto a uma rapariga para que lado fica a gare. É já ali, diz-me. Não tem que enganar. Sobe esta rua, atravessa o largo, anda uns duzentos metros, talvez um pouco mais e é logo ali. Vê-se logo. Agradeci, mas fiquei de pé atrás. O 'já ali' devia ser muito comprido. Mas fui. E realmente ao cabo do trajecto divisei a estação: um lugar pequenino, tão pequenino que um único funcionário lhe chega para os aviamentos, funcionário atarefado, diga-se, na venda de bilhetes, no despacho das bagagens, no controlo das horas de chegada e partida dos comboios da sua vida, no enxotar os cães que rosnam às canelas dos passageiros, nas respostas às questões que lhe põem. O comboio vem à tabela? Sim, sim, vem à tabela, responde entre dois passos saltitantes com a bandeirinha vermelha na mão. A seu lado, na plataforma, um avô e um neto que presumo forasteiros como eu, dialogam, o garoto desbobina perguntas sobre comboios e linhas e o avô, solícito como todos os avós, dá-lhe troco, acautelando-se, porém, não vá a criança soltar-se da algema ossuda da mão esquerda e fugir-lhe movida pela mola da curiosidade que a domina. Todo o cuidado é pouco. Mas só depois reparo nas linhas demasiado estreitas da via-férrea, parecem da largura das utilizadas pelos eléctricos de Lisboa. Curiosas, no mínimo. Logo a seguir um silvo interrompe o meu sossego, sinal que precede o comboio. O comboio, não: uma pequenina automotora, quase um brinquedo de criança, diria uma miniatura Marklin, desejo sempre adiado da minha infância. A automotorazinha, vagarosa e bamboleante, deixa-me perplexo. Não é um brinquedo, é mesmo um transporte, um transporte colectivo do século XX! Dentro notam-se pessoas mergulhadas num mar de cestos e cabazes. Não sei quem está mais admirado: se eu se o petiz. O brinquedo pára, o infatigável funcionário arruma bagagens numa mala exterior da automotorazinha, veículo de cor azul já queimado pelas intempéries e anos de uso e eu entro e acomodo-me ao lado do avô e do neto, meio desconfiado com as possibilidades da geringonça, encaixo a minha mala de viagem entre as pernas e fico à espera. À espera de quê? De que **aquilo** ande, deslize, para eu sentir a sensação de viajar num brinquedo. Mas para o meu espanto ser mais completo, eis que, após a apitadela regulamentar, enquanto o motorista mete as mudanças na máquina como se se tratasse de uma carripana dos anos vinte, o zeloso, infatigável, imprescindível e polivalente funcionário corre à frente da automotorazinha muito compenetrado do seu papel, até à passagem de nível uma cinquentena de metros à frente, fechando a passagem com duas correntes laterais e levantando a mão com a bandeirinha vermelha. A minha perplexidade é total. Ó amigos, ajudem-me, há quanto tempo D. Pedro V inaugurou o primeiro troço ferroviário entre Lisboa e o Carregado? Será possível que estejamos à porta do ano 2000, num país que alguns se afadigam em levar à Comunidade Económica Europeia, onde há comboios que quase voam e o monocarril é já uma realidade experimentada? Será que a Revolução de Abril deu-se mesmo, ou li isso algures, escrito por um ficcionista do futuro? Ou estou a visitar uma cidadezinha miniatura do género das que existem espalhadas pelo mundo para gáudio da petizada? Uma espécie de Maduradam. Uma dessas cidadezinhas que são um pouco a memória de um povo, um museu vivo por onde circulam deleitados visitantes.

Para trás fica a aldeia, vejo o campanário da igreja a dominar aquele mundo concentracionário e levo nos ouvidos o cantar do cochicho. Agora o entendo. Não era canto, mas grito de revolta! Amargura e desespero lançados ao vento em notas avulsas, panfleto a denunciar aquela paz podre, aquele marasmo que tem o peso de séculos. Levo também as palavras dos meus companheiros de viagem, de um avô e de um neto que, indiferentes aos olhares circunspectos dos naturais daquele **paraíso perdido,** continuam o palreio enquanto seguem as evoluções do brinquedo serpenteando por montes e vales à compita com um rio. Ó avô que comboio é este? Perguntou a criança cujos olhos, por certo, estavam cheios de comboios eléctricos apinhados de gente. É o comboio do reino de Lilliput!, respondeu o homem num rasgo de imaginação, piscando-me o olho. E eu lembrando-me das palavras iniciais dos meus familiares, reconheço: que surpresa, minha gente! E que país, meus amigos!

Rossio, 115
Rossio, 118
R. do Carmo, 45
Av. de Roma, 17-A

R. Almeida e Sousa, 20-A
R. Prof. Reinaldo Santos Lote 1473
R. Frederico Arouca, 45 – Cascais
Av. 25 de Abril, 48 – Almada
R. Ferreira Borges, 12-A

E AGORA TAMBEM NA

INFORMAM OS SEUS CLIENTES, QUE POR MOTIVO DE FERIADOS E BALANÇO, ESTÃO ENCERRADOS DE 1 A 4 DE JANEIRO

GIBEL
CABELEIREIROS DE SENHORAS

MAIS RÁPIDO
E
MAIS ECONÓMICO

(ABERTO DE 2.ª A 6.ª, DAS 8 ÀS 20 HORAS)
SÁBADOS, DAS 8 ÀS 13 HORAS

CALÇADA DO SACRAMENTO, 38 LISBOA
GRATIFICAÇÃO ABOLIDA

REVEILLON
PAVILHÃO DE BELENENSES
com os
VAPORES DO REGO

COMUNA
TEATRO PESQUISA

ESTREIA
DIA 7 JANEIRO

A
CASTRO

representa:

TEXTO - ANTONIO FERREIRA
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
MUSICA - EDUARDO MAMEDE
E JOSE PEDRO CAIADO

TERÇA A SABADO AS 21.45
DOMINGO AS 17 HORAS
2ºFEIRA - DESCANSO

PRAÇA DE ESPANHA ✱ XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CIENCIA ✱ TEL 72 08 18

DIA 5 – QUARTA-FEIRA, 22 H. – ENSAIO GERAL PARA OS SÓCIOS DO CLAC – CLUBE DOS AMIGOS DA COMUNA

Em democracia não há donos políticos do País

António de Sequeira Zilhão

NÃO, não se pode deixar de estranhar que, estando institucionalizado um regime democrático com poderes definidos e atribuídos aos respectivos órgãos de soberania, se esteja a assistir na presente conjuntura de crise governamental – resultante de um assinalável desaire da coligação direitista apoiante do Governo demissionário – à veleidade de essa coligação e qualquer dos partidos nela coligados, embora desconjuntados, **darem-se ares** de privilégio na determinação do modo de suprir a crise com a designação, supostamente indiscutível ou irrecusável, do sucessor do primeiro-ministro renunciante, e apresentando-se este, inclusive, como elemento activo para a escolha a fazer.

Com efeito, espalha-se curiosamente a ideia de que à AD – apesar do seu fracasso eleitoral –, de que à AD, ou mais especialmente ao PSD, cabe procurar fulano ou beltrano para suceder ao dr. Pinto Balsemão na chefia da equipa de governo.

«Não há lugar para a dissolução da Assembleia da República, nem com fundamento nas eleições de 12 de Dezembro, nem com fundamento na demissão de Pinto Balsemão»... Assim se formula peremptoriamente a sentença professoral. Aquele define o perfil do futuro primeiro-ministro; com o que parece concordar, **de modo geral,** o CDS, ainda pelas palavras do prof. Freitas do Amaral que, espirituosamente, vai dizendo que «a AD está engripada porque é próprio da época», mas já está «a receber tratamento adequado, dado pelos partidos da coligação». E acrescenta, não menos espirituosamente, que «a febre está-lhe a passar»...

Para o PPM (o infinitesimal partido dos monárquicos populares), segundo os dizeres do seu inefável representante, parece que «a AD está bem de saúde, num mundo muito doente», sendo que a **Aliança** «tem agora, francamente, de se lançar numa política de desenvolvimento», precisamente para o que se dispõem os monárquicos populares a dialogar com o futuro primeiro-ministro (Vítor Crespo?), «a perspectiva da sua política e do programa que vai desenvolver». E acrescenta mais o eng. Gonçalo Ribeiro Teles que o PPM – embora sem **líderes** e com flexibilidade muito grande – «tem quadros suficientes para figurar no novo Executivo»; para cumprimento do programa da AD e dado, até, que os populares-monárquicos se consideram continuar a ser elementos-chave da governação, designadamente na agricultura, plano energético, expansão urbana, juventude e e comunicação social...

Enfim, a AD, pelos seus dirigentes, e toda a direita – inclusive a extrema-direita que apesar de tecer contundentes críticas, se lhes cola..., transitoriamente – pretendem soluções **rápidas** e **duradouras,** «as que mais convenham ao Parlamento e à Aliança Democrática»; pretendem um «governo forte», possivelmente, com um homem que venha de Coimbra... (O que significa esta linguagem em certas bocas?)

Eis em síntese e a largos traços como a situação se exibe e apresenta de certo lado, pelo que se extrai das notícias e relatos, tomados por vezes como correspondendo à ordem natural das coisas...

Quando afinal a indigitação do novo primeiro-ministro – e, como se sabe, diz-se **indigitação,** porque o desfecho positivo da crise de governo depende do conseguimento e viabilidade de um executivo, mediante a propositura dos ministros e secretários de Estado que o integrem – é das atribuições próprias e da competência específica do Presidente da República, embora dentro dos pressupostos e condições estatuídas na Constituição. E ainda, como é óbvio, o PR pode aceitar ou não a lista ministerial que lhe for proposta para efeitos de nomeação.

Assim ao Presidente compete atender aos resultados ou indicações eleitorais que estejam na ordem do dia (no caso em apreço, com uma AD fracassada e deprimida, e com a recuperação das forças de esquerda); compete-lhe, sim, ouvir os partidos e as suas sugestões; compete-lhe, outrossim, ouvir o Conselho de Estado. Mas só a ele cabe **decidir** – não esquecendo a situação do país e a correlação das forças não só políticas como sociais – da personalidade que há-de intentar a formação do governo, bem como da composição deste que lhe for proposta.

Isto parece e é axiomático. Mas a verdade é que se vai estranhamente falando – **escrevendo e dizendo,** quer na Imprensa, quer nos outros órgãos de comunicação social – **como se** o Presidente tivesse de aceitar o que os dirigentes da AD, do PSD ou do CDS e, muito especialmente, o primeiro-ministro demissionário, porventura lhe proponham.

A razão é simples. Está em que as chamadas forças de «mudança», diremos **de regressão** porque tendentes à restauração de tantos aspectos ultrapassados pelo 25 de ABRIL – inclusive as estruturas de um capitalismo monopolista de Estado –, consideram-se hoje proprietárias do poder político tão-só por terem conseguido obter 47 % dos votos do eleitorado nas eleições legislativas de Outubro de 1980 (aliás, nas condições bem conhecidas de manipulação da opinião pública). E, por a esse resultado ter correspondido uma maioria no leque parlamentar, afirmam e gritam que têm um mandato a cumprir pelo menos até 1984.

Mas o caso é que não atendem aos **factos políticos** posteriores, como logo o foram as eleições presidenciais de Dezembro também de 1980, nas quais o seu candidato – apresentado contra a Constituição de 1976 – sofreu uma derrota exuberante; como o foram e são as suas crises e desagregações internas e o descalabro ligado aos seus governos (ou desgovernos...); como o foram e são as conclusões que se tiram das recentes eleições autárquicas e respectivos resultados.

EM democracia não pode haver donos enquistados no poder. E assim bem parece ser de atender às circunstâncias que militam no sentido de uma **alternativa** verdadeiramente democrática, tal como as forças de oposição à AD sugerem e solicitam ao Presidente da República:

– A dissolução da Assembleia da República;

– A formação de um governo de gestão, sob a imediata responsabilidade e direcção de quem o PR entenda com os requisitos indispensáveis de democratismo e isenção, de objectividade e honestidade política, para anteceder e preparar a oportunidade constitucional de novas eleições gerais.

Mas também, perante essa aconselhável, necessária e clarificadora consulta ao corpo eleitoral da nação, é de esperar, melhor, é de **concitar,** que as forças – todas as forças – que se reclamam como fiéis ao espírito renovador do 25 DE ABRIL se apresentem coordenadas, unidas no essencial e bem cientes da importância excepcional de que se reveste o recurso a tal consulta popular na actual encruzilhada histórica da vida portuguesa.

Se assim não suceder e se, de qualquer modo se vier a verificar que, no final de contas, permanecem e têm de permanecer o estado de espírito, as condições socioeconómicas, as injustiças e o clima político, enfim, que preponderaram neste país e o bloquearam durante quase meio-século, é caso para se perguntar, então, para que se fez o 25 DE ABRIL, o 25 de Abril e o 1.º de Maio de 1974, que, para tantos e tantos representaram o momento mais feliz das suas vidas de resistentes antifascistas.

E teríamos de (não queremos supor que **teremos de...**) chegar à triste conclusão do sem remédio das grandes inépcias – mais ou menos acentuadas – existentes em todos os campos, reveladas por aqueles que hoje se encontram constituindo a **classe política** que encabeça os partidos e correntes de opinião progressistas.

Ser-nos-ia então insuperável a saudade de Homens que, infelizmente, já não puderam dar a inestimável contribuição da sua lucidez, da sua clarividência, do seu senso e cultura intelectual e cívica. De homens que tanta falta hoje fazem a este país. De homens, entre outros, como Raul Proença, António Sérgio, Jaime Cortesão, Azevedo Gomes ou Bento de Jesus Caraça. Ou, ainda, como José Domingues dos Santos. Ou, ainda, como Sarmento de Beires.

Mas eles – e tantos mais – cuja vida foi uma inteira doação à luta antifascista e pela causa da democracia – de uma democracia que o fosse tanto pela forma como pelo conteúdo – deixaram às gerações actuais uma clara **mensagem** de inteligência política e de unidade de esquerda, à qual bom e belo seria que essas gerações se ligassem conscientemente e consequentemente. Para além de todas as irridências, para além de todos os pessoalismos e, até, de todas as ambições e vaidades balofas.

Ou teremos que continuar a viver numa República em que pontificam monárquicos, numa República «arrependida»; e numa democracia gerida por antidemocratas ou, melhor, por «democratas» que serviram e pactuaram com o regime antidemocrático, mas dele emergiram e estão emergindo espantosamente, alimentando uma profunda atitude desforrista face ao 25 de Abril.

O país deve evoluir na paz e na essencial fraternidade, como é próprio aspirar na quadra cristã que atravessamos. Mas que não se entenda como tal e não se confunda com essa aspiração o apagamento da alvorada libertadora de Abril. Que não se pretendam o contra-revolucionário recuo e a impossibilitação da obra indispensável e serena de justiça social, à luz dos princípios fundamentais da Constituição da República Portuguesa.

Quem beneficia com a política agrícola comum (CEE)?

Blasco Hugo Fernandes

APESAR do adiamento das negociações sobre a adesão portuguesa à Comunidade Económica Europeia (CEE), este tema continua ainda a constituir preocupação dominante para os que procuram políticas e caminhos conducentes ao desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesa. Até porque há quem pense não haver razões para alterar o ritmo das negociações e prossiga na esfera da sua intervenção superstrutural a desenvolver acções na mira da futura entrada naquela Comunidade. No que se refere à agricultura – e sobre este sector nos vamos debruçar – admite-se que a CEE possa resolver muitos dos seus problemas, vencer o marasmo crónico em que ela se vem debatendo de há uns largos anos a esta parte. Projectam-se medidas de política agrícola, elaboram-se planos norteados pela eventual integração europeia como se esta, com a sua Política Agrícola Comum, fosse a panaceia dos problemas agrícolas nacionais, a saída para a crise sectorial. Verificar que interesses tem servido a Política Agrícola Comum (APC), e que vantagens pode Portugal tirar desta, parece benéfico e de grande importância para nos habilitarmos a uma opinião crítica desta opção.

Os interesses prevalecentes

SE tivermos em consideração a estrutura das principais produções agrícolas da Comunidade reconhece-se que o maior nível de protecção recai sobre determinados produtos, nomeadamente sobre os cereais (em particular o trigo e com excepção do arroz), o açúcar e o leite, gerando desse modo desequilíbrios e contradições intracomunitárias na medida em que subalterniza subsectores mais carecentes de auxílio e de incentivos económicos. E isto acontece apesar de aqueles citados produtos se encontrarem no grupo dos «muito excedentários» da CEE para os quais esta apresenta um grau de auto-abastecimento bastante superior a 100. Este proteccionismo selectivo materializa-se não só pela política de preços francamente favorável àqueles produtos agrícolas, mas também, pelo apoio directo que a Comunidade lhes concede. Com efeito, entre 1978 e 1980, por exemplo, as despesas da secção do fundo comunitário de orientação e garantia agrícolas consagradas ao apoio dos diversos mercados agrícolas privilegiaram os produtos excedentários anteriormente mencionados que, em globo, beneficiaram de mais de 75 por cento do total despendido pela referida área de intervenção da CEE.

A República Federal da Alemanha e a França, são os dois principais beneficiários desta política de preços, esta última detendo isoladamente cerca de 40 por cento da produçãm trigueira e 60 por cento da de milho, e, em conjunto com a RFA, 52 por cento da produção de açúcar e 48 por cento da produção de leite na Comunidade (dados relativos ao ano de 1980). Se aos três mercados indicados acrescentarmos o da carne bovina, que se integra também no grupo dos produtos com maior apoio do fundo comunitário, embora numa dimensão menor, aparece

Continua na pág. 18

ponto a ponto

● **Ramalho Eanes e a mulher** – segundo o semanário «O Jornal» – estiveram anteontem no aeroporto da Portela a despedir-se dos filhos de Samora Machel que, vindos do Sal (Cabo Verde) onde gozaram férias, passaram algumas horas em Lisboa. Os filhos do presidente moçambicano aproveitaram a curta escala entre nós para, acompanhados por uma assessora da Presidência da República, visitarem a cidade.

● O secretário-geral do PS, **Mário Soares,** recebeu uma mensagem de felicitações do primeiro-secretário da União Socialista das Forças Populares (Marrocos), Abderrahim Bouabid. O teor da mensagem é o seguinte:

«Os socialistas marroquinos regozijam-se que o Partido Socialista Português tenha voltado a ser primeiro partido de Portugal após os seus êxitos nas eleições municipais.

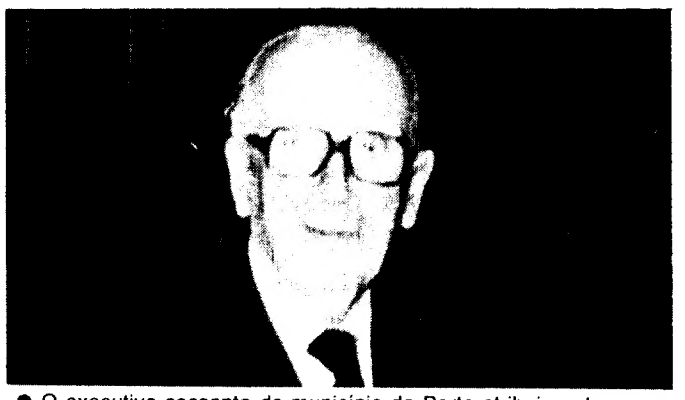
Formulam votos fraternais para as próximas vitórias políticas, e a recondução do Partido Socialista na responsabilidade nacional de conduzir o povo português na consolidação do desenvolvimento da democracia política, económica e social.»

● O presidente do Governo Regional recebeu ontem no Funchal, em audiência de 60 minutos, uma delegação do Partido Comunista (Madeira).

No final da audiência, realizada a pedido do PCP, **Jardim** explicou ter entendido «dever receber a delegação pelo facto de o partido ter representação parlamentar na Região e querer expor os seus pontos de vista sobre a grave crise nacional».

Os Comunistas – disse Jardim – «também estão preocupados com a situação e disse-lhes que neste momento há duas grandes balizas a defender: o regime democrático e a autonomia».

O chefe do Governo Regional acrescentou que «a democracia e a autonomia estão em perigo perante a crise que o País atravessa».



● O executivo cessante do município do Porto atribuiu ontem, por unanimidade, a medalha de ouro da cidade a **Azeredo Perdigão.**

Foi proposta por Coelho de Magalhães, PSD, «por serviços prestados à cidade» pelo presidente da Gulbenkian.

A distinção confere a Azeredo Perdigão o título de cidadão do Porto.

● O Ministério da Cultura e o Patriarcado de Lisboa assinaram um protocolo conjunto para a criação de um arquivo histórico central, em que se reúna toda a documentação dispersa pelas igrejas da cidade.

O arquivo ficará instalado no Mosteiro de S. Vicente de Fora, que será objecto de obras de recuperação e conservação para as quais o protocolo também prevê uma dotação inicial, à disposição do Patriarcado.

O acordo incumbe ainda o Bispado de Lisboa do levantamento de documentação actualmente existente nos templos da capital.

No acto da assinatura estiveram presentes o Cardeal-Patriarca, o bispo de Madarsuma, o ministro e secretário de Estado da Cultura e a presidente do Instituto Português do Património Cultural, departamento que patrocina o projecto.

Expressamente confidencial

● **Os meios** *dirigentes do PSD não confirmam nem desmentem que o professor Vítor Pereira Crespo seja o mesmo professor Vítor Pereira Crespo que, a descontento universal, foi titular do MEU.*

● **Não se confirma** *que, no caso de uma desistência do professor Vítor Crespo, o dr. Francisco Balsemão tencione propor à Comissão Política do PSD, para lhe suceder no cargo de Primeiro-Ministro, o conhecido e viajado homem-de-Estado algarvio, dr. José Vitorino.*

● **A lista** *das pessoas convidadas, ou sondadas, para ocupar cargos ministeriais, é razoavelmente longa. Consta que será publicada por um semanário de Lisboa. Mas, segundo a fonte a que tivemos acesso, o general Soares Carneiro não foi convidado para ministro da Defesa Nacional. Prevalece a opinião de que o cargo deverá ser desempenhado por um civil. Parece estar indigitado para a alta função o dr. José Alfaia, o vencedor da ANOP.*

● **Diz-se** *que o engenheiro Ângelo Correia terá recusado um convite para assumir a presidência do PSD.*

● **Na Buenos Aires** *não confirmam, nem desmentem, que para reforçar o PSD e em consequência dos seus últimos êxitos políticos como Primeiro-Ministro, ex-Primeiro-Ministro e líder da Aliança Democrática, o dr. Francisco Balsemão pense apresentar, de surpresa, o seu pedido de demissão de presidente do PSD.*

● **Podemos informar,** *segundo fontes de confiança, que não é verdade que, tendo decidido publicar um semanário político de grande expansão e alto nível, o dr. Marcelo Rebelo de Sousa tenha dirigido um convite ao dr. Francisco Balsemão para se ocupar das funções de editorialista.*

● **Não é provável** *que o futuro secretário de Estado da Família seja o dr. João Morgado, nem que a pasta da Agricultura tenha sido reservada para o PPM e que este partido hesite entre confiá-la a um teórico, o arquitecto Ribeiro Teles, ou a um prático, o senhor D. Duarte Pio.*

● **Podemos desmentir** *que o professor Vítor Crespo pense acumular com as de Primeiro-Ministro as funções de ministro da Educação e das Universidades.*

● **Não foi convidada** *para porta-voz do Governo a cançonetista Cândida Branca Flor. E não é verdade que o lugar esteja reservado para Maria Elisa.*

● **Não é possível** *prever quem seja o futuro ministro da Economia e das Finanças. Fala-se, todavia, no financeiro Jorge de Brito.*

● **Não é verdade** *que desgostoso com a perda da maioria na Câmara Municipal de Lisboa, o engenheiro Krus Abecasis tenha solicitado a pasta da Habitação e Obras Públicas, o que lhe permitiria erguer torres noutras cidades do país.*

● **Não é seguro** *que, finalmente, a pasta dos Negócios Estrangeiros, seja confiada ao dr. António Maria Pereira.*

● **Apesar** *da boa vontade do professor Crespo ainda não será nesta remodelação que o Governo será valorizado com um verdadeiro ministro do Turismo.*

● **Os leitores** *do «Diário de Lisboa» estranharam que o nosso jornal, na edição de 21 de Dezembro, tenha, em primeira mão e na primeira página, avançado a informação de que o doutor Freitas do Amaral poderia abandonar a presidência do CDS. A informação tinha sido obtida pela jornalista Fernanda Mestrinho. Sobre este assunto, após verificação cuidadosa, podemos acrescentar que a convicção de Fernanda Mestrinho não resultou de qualquer confidência intima ou imprevidente de Diogo Freitas do Amaral.*

● **Dizem-nos** *não ser verdade que o dr. Mário Soares tenha convidado o professor Diogo Freitas do Amaral para passar uns dias de repouso na sua casa de Nafarros.*

● **Pedem-se** *sugestões para o nome de um novo partido político.*

No Conselho Nacional de ontem: Lucas Pires, João Porto, Adriano Moreira...

Lucas Pires, 42 — Basílio Horta, 35

CDS: "apoio condicionado" a Vítor Crespo

O pedido feito ontem pelo PSD ao CDS *resposta clara e atempada* à proposta do nome de Vítor Crespo para Primeiro-Ministro, foi ouvido: depois de sete horas de aceso debate, o Conselho Nacional do CDS optou por um apoio condicionado à figura escolhida pelo PSD. A tese *antes Vítor Crespo do que eleições já* levou de vencida a sua rival *antes eleições do que Vítor Crespo.* Daí o resultado final: Lucas Pires, 42 – Basílio Horta, 35. Resultado que o derrotado aceitou mal...

Considerando a necessidade de concluir rapidamente a formação do novo Governo, o Conselho Nacional mandata a Comissão Directiva para apreciar, negociar e decidir sobre a participação do CDS no referido Governo, em conjunto com os restantes partidos da Aliança Democrática, tendo em conta o nome do Primeiro-Ministro indigitado, o programa proposto e a composição global do elenco governativo previsto, garantindo a constituição do melhor Governo nas actuais circunstâncias, o fortalecimento da AD e cumprimento dos seus objectivos.

Este longo parágrafo, só compreensível, depois de uma longa e agitada sessão de trabalhos, faz parte do comunicado final do Conselho Nacional centrista. Comunicado onde nem uma só vez o nome de Vítor Crespo é mencionado e que, emitido ao raiar da aurora, não teve um parto fácil.

«Péssimo ministro...»

• 23 horas de ontem: no Largo do Caldas, sede nacional do CDS, nada a assinalar. Inesperadamente, fonte ligada ao Conselho Nacional centrista confidencia: *Lucas Pires vai flar à Imprensa.*

Confirma-se, pensam os jornalistas. *O quê?* perguntam os que ignoram as «últimas». Que Lucas Pires pedirá a sua demissão se o Conselho não apoiar, embora com condições, o nome de Vítor Crespo para Primeiro-Ministro.

Contra-informação ou não, a verdade é que Lucas Pires não falou.

Entra Luís Beiroco. A Imprensa insiste, Luís Beiroco sugere: *as pessoas devem sobretudo reflectir nas questões que levaram Freitas do Amaral, a apresentar a sua demissão.* Mais não diz, a não ser que *tenciona* intervir na reunião do Conselho Nacional.

O ambiente aquece. Num comunicado distribuído aos profissionais da Informação, a Juventude Centrista afirma que embora compreendendo que a decisão final sobre Vítor Crespo *esteja na dependência de factores nacionais, não compreende como um péssimo ministro da Educação pode dar um bom Primeiro-Ministro; como um despedido pode vir agora a dar empregos.*

«Feliz Ano Novo!»

• 3,30 da manhã: quando a reunião chegava ao seu termo, o C. N. é obrigado a «baralhar e a dar de novo» depois do resultado da votação. Razões? Basílio Horta vencido por escassa margem, pede a demissão do seu cargo.
• 5,20: Basílio Horta sai da sede do CDS sem prestar declarações aos jornalistas. *Demitiu-se?* pergunta-se-lhe. O primeiro-vice-presidente do CDS fecha-se num mutismo cúmplice.

• 5,30: A «avalanche» começa. Um a um, por vezes em grupo, os conselheiros centristas, marcas de cansaço no rosto, dirigem-se para a saída. Dirigindo-se aos jornalistas, alguns desejam amavelmente *Feliz Ano Novo!* Mas é tudo: informações sobre a maneira como decorreram os trabalhos, nem uma.
• 5,50: Rui Pena, presidente do Conselho Nacional, desce com o comunicado final. Antes mesmo de proceder à sua leitura, é assaltado: *Basílio Horta demitiu-se?* Como é de seu timbre, o dirigente centrista não se esquiva às perguntas. *Reconsiderou e continua presidente da Comissão Directiva* – declara. *E também vice-presidente do Partido?* Notoriamente embaraçado, Rui Pena explica (?) que *atendendo à demissão do presidente do partido (...) não existe desde ontem o cargo de vice-presidente.* E dessa não se sai.

Lê em seguida o comunicado e presta-se às interrogações que se seguem.

Significado do comunicado? pede-se-lhe. Rui Pena: *certa abertura à solução concreta proposta pelo PSD (...) se fosse aprovada a outra tese prevalecente nos trabalhos, a abertura seria eventualmente menor.*

Insiste-se. *Se há duas correntes, duas linhas, qual o conteúdo de cada uma delas?* O ex-líder do grupo parlamentar do CDS na Assembleia da República replica: *apenas duas tácticas diferentes de negociações.*

De ambos os lados, de Rui Pena e dos jornalistas, é a despedida, não sem antes uma última declaração: *vamos tentar um relançamento sem o prof. Freitas do Amaral, porventura em termos mais alargados.* Como é óbvio, Rui Pena falava do CDS. Não da AD. Essa, apesar do apoio «condicionado» do CDS a um Governo Vítor Crespo, *já não tem relançamento possível,* conforme palavras «roucas» de um conselheiro com *três maços de tabaco no lombo.*

M. A.

Partidos da Oposição pronunciam-se

PCP exige eleições antecipadas Freitas do Amaral foi o "grande derrotado"

«Na sequência da demissão do Governo Balsemão, a renúncia de Freitas do Amaral ao cargo de presidente do CDS e os mais recentes desenvolvimentos da situação política confirmam e aprofundam a crise da AD e dos partidos da AD e constituem uma nova manifestação de que a **AD deixou de ter quaisquer condições para continuar a governar o País** – sublinha, uma nota da Comissão Política do PCP sobre a situação política actual.

Assinala, ainda, o documento, a propósito da renúncia de Freitas do Amaral, o facto de o dirigente da AD se ter «empenhado pessoalmente» na concepção e execução de um «plano subversivo e golpista» (designadamente na revisão da Constituição, na elaboração da lei da Defesa Nacional e de todo o projecto de governamentalização e instrumentalização das Forças Armadas) para concluir que o ex-presidente do CDS «surge assim como grande derrotado ao ser gorado este plano, particularmente no que respeita às chefias militares».

Entretanto, a mesma nota do PCP frisa que os factos confirmam a sua anterior análise de que «a derrota e crise da AD não é apenas, nem fundamentalmente, a derrota de algum ou alguns dirigentes da AD, deste ou daquele partido, mas é uma derrota de toda a AD, do PSD e do CDS, é a derrota da política antipopular, antidemocrática e antinacional conduzida pela AD, pelos seus Governos e pela sua maioria parlamentar».

Falência completa»

Por outro lado, o PCP assinala a importância fundamental da luta da classe operária e das massas populares e o resultado das eleições autárquicas, aliados à «falência completa da política da AD» e suas consequências sociais e políticas, como factores determinantes da crise da AD.

Finalmente, a comissão política do PCP considera que o aprofundamento da crise retira à AD «toda e qualquer legitimidade e representatividade para governar» e aponta como «única saída democrática» a dissolução da AR, a formação de um Governo de gestão dos negócios correntes do Estado que prepare, em condições democráticas, as eleições antecipadas.

UDP alerta para a criação de "bloco central PSD/PS com apoio americano"

Reunida ontem para debater a «grave situaçã política», a Comissão Política da UDP considerou necessário apelar à «unidade de todos os trabalhadores na luta contra a direita para exigir a convocação imediata de eleições gerais, como resposta às jogadas e contra-jogadas dos chefes da AD que pressionam para uma nova viragem reaccionária e a formação de um Governo forte que imponha um OGE de miseria, o pacote laboral, os aumentos escandalosos e o aumento da repressão».

No seu comunicado que anuncia a realização para os próximos dias 8 e 9 de Janeiro duma reunião do Conselho Nacional do Partido, a UDP alerta ainda para «as manobras que se estão a desencadear nos gabinetes para a constituição de um bloco central PSD/PS com o apoio americano» e para o papel do Presidente da República a pessoa que «menos influência teve na queda do Governo AD e que agora pretende de novo, dar-lhe a mão abrindo a porta à formação de um novo Governo AD exigindo apenas que fosse sólido».

Conselho de Ministros estudou medidas de austeridade

O Conselho de Ministros, reunido ontem sob a presidência de Pinto Balsemão debateu um conjunto de medidas destinadas à contenção do défice orçamental e da balança de transacções correntes.

Estas medidas, necessariamente de austeridade, não foram ainda reveladas, nem se sabe, por enquanto, se serão aprovadas por este Executivo, invocando os poderes de gestão que tem, ou se serão deixadas para o próximo.

O Conselho de Ministros, de acordo com o comunicado final aprovou também uma série de diplomas, nomeadamente o que fixa o estatuto de remunerações das chefias militares.

Outros projectos aprovados incidem sobre o regulamento do Imposto de Turismo, a nova redacção do Estatuto do Instituto António Sérgio do sector cooperativo, e o que altera o regime jurídico das máquinas eléctricas de tipo «flipers».

Na lista dos projectos legislativos aprovados no plenário presidido por Pinto Balsemão, contam-se o que define o acesso das Câmaras Municipais a financiamentos à habitação apoiada pelo Estado, e do regime geral de previdência aplicável ao clero secular e religioso da Igreja Católica e ministros de outras igrejas e o que dá nova redacção a vários artigos do Código do Notariado.

O Conselho de Ministros debateu ainda um conjunto de medidas «que se inserem nas coordenadas da política económica definidas pelo Governo e, em particular, na prossecução de uma política de preços e rendimentos, tendentes à contenção do défice orçamental e do desequilíbrio da balança de transacções.

... e na mesa da presidência, Pedro Vasconcelos, Rui Pena e Basílio Horta

A demissão de Freitas do Amaral vista "por dentro"

Belém ou novo partido? Em 83 se saberá...

O apoio ou não do CDS a um Governo chefiado por Vítor Crespo não terá constituído, ontem no Conselho Nacional do CDS, a razão maior das clivagens registadas. Embora de peso, por detrás dela parece perfilar-se outra bem maior: a destruição «por dentro» do CDS. «Destruição» possivelmente desejada por campos antagónicos.

Este partido já não dá nada, terá afirmado, segundo fontes seguras, Freitas do Amaral em recentes reuniões do partido de que até anteontem foi líder. Segundo as mesmas, *entalado entre uma extrema-direita cada vez mais arrogante* e o seu desejo de entrar no comboio para Belém, Diogo Freitas do Amaral terá optado por sair do partido.

Para aquele que durante muito tempo foi considerado a primeira figura da AD depois da morte de Sá Carneiro, *a rota de Belém* implicava uma *purificação.* No seio do seu partido, a oposição aumentava, vozes erguiam-se para exigir uma *guinada* ainda mais à direita. Certo de que essa estratégia não servia nem o partido nem os seus desígnios pessoais, Diogo Freitas do Amaral, sem forças para a inflectir, terá apostado numa jogada de antecipação: demitir-se da presidência do CDS.

Antes, porem, e de acordo com os seus opositores, *desenvolveu uma teia de contactos,* no intuito de averiguar quais as possibilidades do sucesso dessa *jogada.*

Apoiado pelos seus mais fiéis seguidores no seio do CDS, Freitas do Amaral viria a concluir ser possível atingir o desiderato por várias vias: formação de um novo partido democrata cristão – que aglomeraria a tendência moderada do CDS e franjas do PSD descontentes com a direcção social-democrata –, ou uma *travessia do deserto* habilmente conduzida.

No que respeita à primeira solução, Diogo Freitas do Amaral ter-se-á assegurado do apoio de Marcelo Rebelo de Sousa, pessoa que, segundo uma fonte centrista ontem declarava ao «DL», *já começou a preparar terreno a Freitas do Amaral com o semanário que vai lançar dentro em breve.*

No seio do CDS, a reacção não se fez esperar. A oposição aumentou de arrogância e encarou seriamente a hipótese de convidar Freitas do Amaral a *abandonar* o partido. De tal modo, que, quarta-feira à noite, quando Freitas do Amaral anunciou a sua demissão, um dos seus mais acérrimos opositores comentou para alguém que se encontrava ao seu lado: *«Agora que nos preparavamos para o pôr na rua, o gajo demite-se. Estragou-nos o efeito...»*

Entretanto, e perante a sua demissão, Freitas do Amaral viu-se rodeado pela solidariedade de alguns dos seus pares, dispostos a acompanhá-lo na via da demissão.

Freitas do Amaral, revelam as nossas fontes, *pediu-lhes para ficar até que a situação amadureça para a fundação de um outro partido.*

Não se demitam, porque senão a extrema-direita toma já conta disto (...) há que dar tempo ao tempo, terão sido estas as palavras utilizadas pelo ex-n.º 2 da AD para dissuadir os seus apoiantes.

Terá sido essa vontade de controlo do partido que se registou, ontem, durante as reuniões da Comissão Directiva e, posteriormente, do Conselho Nacional.

Tentativa não só entre pólos antagónicos mas também entre protagonistas de posições iguais ou, pelo menos, de sensibilidades não muito distantes. Neste caso, e como exemplo, Lucas Pires e Basílio Horta.

O poder é uma tentação e quando o lugar está vago é difícil esquecer o provérbio popular «Rei morto, rei posto...»

Manuel Anta

Comenta CGTP

"Governo Crespo é fracasso antecipado"

A demissão de Freitas do Amaral e as suas declarações «são mais do que suficientes para demonstrar que a proposta Vítor Crespo não tem a solidez referida pelo Presidente da República no seu último comunicado sobre a crise política» – considerou para o «DL», o membro do Secretariado e responsável do departamento de informação da CGTP-IN Ernesto Cartaxo.

Sublinha aquele dirigente da Inter, que «a fragilidade e a inconsistência da proposta Vítor Crespo está bem patente na própria classificação do CDS: «O Governo AD possível». Ora o Governo possível para a AD é o Governo impossível para o País».

E acrescenta que «se os anteriores governos da AD, constituídos com o apoio incondicional dos partidos seus componentes e com o empenhamento activo dos seus dirigentes fracassaram, pretender-se qualquer outro Governo AD que nem essas condições reune à partida é o fracasso antecipado», para concluir que a Eanes não resta senão dissolver a AR e marcar eleições antecipadas sob pena do profundo agravamento da crise económica e social do País.

A onda de choque da 'explosão' Freitas do Amaral

Jardim fala de De Gaulle e dos 'vícios' do parlamentarismo

A demissão de Freitas do Amaral dos seus cargos continua a provocar reacções em cadeia, tanto ao nível das estruturas do CDS como no exterior entre forças afins à AD. As mais polémicas continuam a vir do presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim. O líder madeirense considera que a desistência de Freitas do Amaral não pode comprometer um objectivo que, se os partidos da Aliança Democrática forem responsáveis, terão de continuar a perseguir e que «não há razão para que não se tente formar um Governo de maioria».

Na opinião de Alberto João Jardim, fazer eleições parlamentares no quadro desta Constituição é prolongar a agonia do País, mas «caso não seja possível formar um Governo com o apoio da actual maioria parlamentar, chegou, então, a hora das grandes decisões».

Jardim ilustrou os seus pontos de vista com a afirmação de que «o general De Gaulle fez a transição da quarta para a quinta República, limpando os vícios do parlamentarismo e dotando o seu país de uma nova Constituição, sem ser necessário suspender as liberdades fundamentais como poir exemplo, a liberdade de Imprensa e a existência dos partidos políticos.»

«Eanes – sublinhou – não é De Gaulle. Mas fazer o 25 de Novembro nas circunstâncias difíceis de 1975, salvas as devidas proporções, foi um acto tão corajoso como fazer a França livre em 1940.»

Por sua vez, o dirigente do CDS da Madeira, Cabral Fernandes, declarava ontem à ANOP que a demissão de Freitas do Amaral de presidente do CDS deveria ser recebida «sem dramatismo» dentro do partido.

«Pelo contrário – afirmou – todas as estruturas partidárias devem encontrar as melhores soluções e demonstrar que o CDS é muito capaz de encontrar soluções de continuidade no partido, mantendo a sua coesão interna.»

Atitude natural

A Comissão Executiva Concelhia do CDS do Porto considerou ontem como «atitude natural de um homem de Estado e de um político coerente e íntegro» a demissão de Freitas do Amaral.

Esta posição foi expressa num comunicado em que aquela estrutura concelhia afirma que a decisão do presidente do CDS «tem como antecedentes a indefinição insustentável da recente prática política da Aliança Democrática.» É o corolário de tentativas de solução não consensuais desse mesmo comportamento político.»

Para os dirigentes portuenses, Freitas do Amaral «sobrepôs aos interesses pessoais e partidários a fidelidade assumida em 1979 com a AD».

Mota Amaral

Entretanto, o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, em telegrama enviado a Vítor Crespo, candidato à indigitação para Primeiro-Ministro, exprimiu o desejo de que este compreenda «na sua plenitude» o significado nacional das autonomias regionais. Disse que apoiaria todas as medidas nesse sentido, mantendo contudo «a posição bem firme» da organização autónoma regional do PSD. Mota Amaral revelou que Vítor Crespo lhe telefonar após a sua designação pelo PSD, manifestando a disposição de manter o diálogo com as regiões autónomas no exercício do seu mandato.

ao telefone com

José Rabaça

Entendimento PS/PSD antes de eleições

Exactamente assim: no actual quadro parlamentar, ainda pode ser feito um entendimento PSD/PS que permita que uma nova maioria assuma as responsabilidades governativas. Esta hipótese avançada por José Rabaça, como forma de sair da crise actual, sem recurso a eleições antecipadas.

José Rabaça, membro destacado da ex-CNARPE, e que se tem empenhado no lançamento do «novo partido», fala-nos de Manteigas, lá na Guarda, zona onde, como diz, se respira o 'ar puro' que a capital politicamente perdeu. A demissão de Freitas do Amaral serve de arranque para a ligeira troca de impressões. Do outro lado do fio, o comentário: «Se a demissão for contributo para que o CDS se assuma como o partido da direita portuguesa, abençoada demissão. Se a demissão proporcionar a dissolução formal de uma coisa que se chama AD e nunca existiu na realidade, para além de um processo de viciação legal da contagem de votos, óptimo que se tenha demitido».

– Esta situação dá melhores condições de surgimento do novo partido? – questionámos.

– Condições existem sempre, independentemente da crise actual. Mas não há democracia sem transparência e a panorâmica partidária portuguesa é quanto há de mais opaco. A definição do que seja a esquerda, o centro e a direita é urgente. Tudo o que contribua para clarificação terá de ser considerado como democraticamente positivo.

– É o caso da demissão de Freitas do Amaral?

– Acho que sim.

– Parece-lhe que a crise actual conduz imediatamente à dissolução da Assembleia da República e à convocação de eleições intercalares?

– Não me parece que se encontrem esgotadas as hipóteses de o País ser governado em função da actual representatividade parlamentar. A falência da AD como coligação pode permitir que uma nova coligação assuma as responsabilidades do Governo.

– Refere-se a uma aliança PS/PSD?

– Obviamente que me refiro à que resulte de um entendimento PSD/PS para o efeito, hipótese que se me afigura também como provável face aos resultados de eventuais novas eleições.

– Quer com isso dizer que as eleições não dariam um xadrez parlamentar sensivelmente diferente do actual, se a AD falisse formalmente...

– A experiência PS/PSD poderia ser tentada sem o desgaste a que conduzem novas eleições, tanto mais na situação de crise em que nos encontramos. A realização de novas eleições poderia conduzir a uma distribuição parlamentar idêntica à actual.

– E seria duradoura essa experiência?

– Acho que não, mas será da maior vantagem que se experimente. Se falhar, então talvez mande o bom senso que se conclua pelo desajustameto da via parlamentar para o País que somos... A única conclusão válida de situação de crise política em que nos mantemos, a partir do momento em que o Primeiro-Ministro se demitiu, confirma, a meu ver, a tese que há muito tempo defendo: ou temos um partido a menos ou temos um partido a mais. A solução, em termos de futuro, passa pela opção a fazer.

– O 'novo partido'?

– Com certeza que sim, desde que se conclua que há um partido a menos, em vez de um a mais. Eu já concluíu há muito.

– Já agora, quando é que surge o 'novo partido'? Disse, há tempos, que ainda seria este ano...

– O óptimo era que o calendário se cumprisse, mas por vezes surgem outras soluções mais pragmáticas ainda que indesejáveis...

– O momento actual não é oportuno?

– O ponto alto foi em Junho, antes da revisão constitucional, mas nunca a hipótese de lançamento do novo partido ganhou tanta confiança como neste momento em que uma nova situação de crise aponta para soluções fora do quadro partidário existente.

E mais não quis adiantar o homem que, de vez em quando, se encontra com Ramalho Eanes. Quando resolve transpor a Estrela e descer à «capital poluída...»

Luís Humberto Marcos

JSD e JC 'analisam' escolha

Os dois principais órgãos de juventude dos partidos da Aliança Democrática a JSD e a JC, já se pronunciaram sobre a escolha de Vítor Crespo como sucessor de Pinto Balsemão. Enquanto a JSD se subordina às decisões da direcção do PSD e esquece as suas querelas com o antigo titular do MEU, a JC, pelo contrário, recorda a acção de Vítor Crespo naquele Ministério e afirma ser-lhe «muito difícil» aceitá-lo agora como Primeiro-Ministro.

A Comissão Política Nacional da JSD afirma, em comunicado, que a organização de juventude do PSD «nunca exigiu» a Vítor CRespo a criação de uma Secretaria de Estado da Juventude.

O documento, assinado pelo vice-presidente da Comissão, Rui Rio, refere que os órgãos de Comunicação Social têm noticiado «abusivamente» que o apoio da JSD a Vítor Crespo para próximo Primeiro-Ministro se deveria aos seus planos de criação de uma secretaria de Estado da Juventude.

Anteriormente, a Comissão Política Nacional da JSD divulgou um comunicado manifestando o seu apoio «claro e desinteressado» a um próximo Governo da Aliança Democrática e congratulando-se «com a solução encontrada pelo Conselho Nacional do PSD para ultrapassar a presente situação política, assim como com a plataforma de entendimento e cooperação encontrada com Vítor Crespo, ao contrário do que em tempos aconteceu».

O documento sublinha o «compromisso assumido por parte do futuro Primeiro-Ministro em auscultar a JSD em todas as questões que digam directamente respeito à política de juventude».

O comunicado termina fazendo «votos para que a crise gerada no CDS seja rapidamente ultrapassada, de forma a que esta situação confusa nos nossos parceiros de coligação não seja o facto impeditivo da formação de um Governo da AD forte. A Aliança Democrática continua a ser para nós a única solução estável e viável.

Juventude Centrista

A personalidade apontada para Primeiro-Ministro colocanos a nós, Juventude Centrista, as maiores dúvidas e as mais sérias reservas.

Como compreender que alguém que saiu do Governo ou, melhor dizendo, de alguém que foi despedido do Governo, surja agora como provável Primeiro-Ministro?

É' que o despedimento, como não podia deixar de ser, baseou-se em justa causa. Com efeito, a gestão do então ministro da Educação conseguiu a notável proeza de suscitar o repúdio de todos os sectores da opinião pública, de todas as entidades envolvidas.

Revelou o então ministro uma ausência total de objectivos de fundo, uma absoluta carência da capacidade de diálogo, em suma, governou casuisticamente, sem política, sem metas, sem um quadro de fundo claro e devidamente sistematizado. É' certo que um Governo, para além do Primeiro-Ministro, é, ou deve ser, uma equipa, tem, ou deve ter, uma política e um programa. Mas a personalidade em questão não merece sequer, em nossa opinião, o benefício da dúvida. Não resolve os problemas da liderança, antes os agrava, não possibilita um Governo forte e para durar, não garante a imperiosa redinamização do projecto político da maioria.

Comissão Permanente do PSD reuniu hoje

Crespo prossegue contactos Meneres Pimentel afasta-se

A Comissão Permanente do PSD estava reunida, ao fim da manhã, para análise da situação política, relacionada com a demissão de Freitas do Amaral do CDS e ser informada sobre os últimos contactos de Vítor Crespo para a formação do Governo. Enquanto se aguarda a marcação da Cimeira da AD, e desta reunião poderá já sair a data, Vítor Crespo está com dificuldades em encontrar um ministro das Finanças.

Estas dificuldades – referiram fontes sociais-democratas à ANOP – poderiam influenciar uma opção no sentido de distribuir a economia, Finanças e Plano em três pastas.

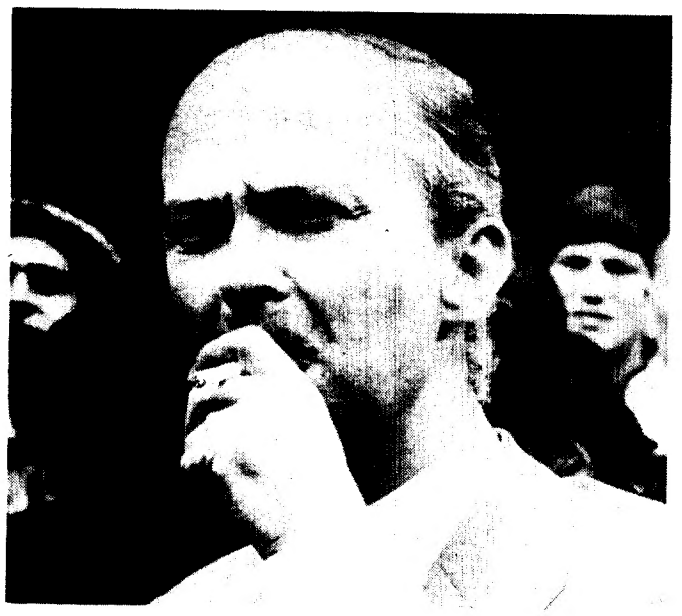
Outras fontes consideraram prematuro adiantar pormenores sobre o assunto, por se tratar de «matéria em estudo, dependendo de vários factores».

Comissão Política

A Comissão Política dos sociais-democratas esteve reunida (19 membros) e fazia sair um comunicado no qual afirmava «aguardar uma posição clara e atempada do CDS à proposta do PSD, no sentido da continuação do empenhamento total no projecto da AD e de contributo máximo na formação de um Governo competente, coeso e sólido da maioria parlamentar». No comunicado, sublinhava-se que essa resposta clara – uma clara advertência ao CDS – «era própria das regras elementares de comportamento interpartidário, no âmbito da coligação».

Meneres distancia-se

Meneres Pimentel, ministro da Justiça, não participará no Governo de Vítor Crespo, se este vier a concretizar-se. Quanto às notícias de que poderia também solicitar a suspensão do mandato de deputado, Meneres Pimentel declarou à ANOP: «Talvez sim, talvez não».



Meneres Pimentel adiantou que tinha sido convidado para se manter no Ministério da Justiça ou passar para a Administração Interna, tendo recusado ambas as pastas. Meneres Pimentel defendeu, já no penúltimo Conselho Nacional, a realização de eleições antecipadas.

Distrital do Porto: a crise continua

A distrital do Porto do PSD parece estar em crise interna. O tesoureiro da Comissão Política distrital, Bernardino Rato Alves, apresentou o seu pedido de demissão.

Rato Alves, que foi representante do PSD na comissão responsável pela campanha eleitoral de Paulo Valada a presidente da Câmara do Porto, tinha sido «convidado» a demitir-se na sequência de declarações a um jornal em que acusava o presidente da Comissão Política Distrital, António Vilar, de desestabilização do partido.

Dias antes das eleições autárquicas de 12 de Dezembro, Bernardino Alves recebeu uma carta da Comissão Política Distrital do PSD do Porto aconselhando-o a demitir-se do cargo, na sequência de declarações suas a um vespertino portuense em que considerava que António Vilar estava a desestabilizar o partido.

«Mantenho essas afirmações» – disse Rato Alves à ANOP, acrescentando relativamente à sua posição frente a Pinto Balsemão: «Como presidente do partido tenho que o respeitar e dar-lhe todo o meu apoio».

Entretanto, a Assembleia Distrital do Porto do PSD deliberou esta madrugada ratificar a nomeação de Vítor Crespo para Primeiro-Ministro.

A moção votada por maioria diz que «Vítor Crespo deve formar um Governo forte e coeso, capaz de cumprir objectivamente os ideais da Aliança Democrática por que Francisco Sá Carneiro lutou e morreu».

O texto congratula-se com os resultados alcançados pelo PSD no distrito do Porto nas eleições autárquicas e apela para o consenso e unidade do partido onde – afirma – «todos os militantes são necessários».

O órgão máximo dos sociais-democratas do Porto considerou também ser este momento «fundamental para o partido e para o País», e, portanto, «tempo de todos lutarem pelo ideal da social-democracia, aspiração de todos os portugueses».

Só faltava eleger o presidente

Tribunal Constitucional já está completo

O Tribunal Constitucional já cooptou os três juízes que faltavam para completar o elenco daquele órgão de fiscalização da constitucionalidade das leis.

De acordo com informações veiculadas pela ANOP, foram escolhidos os juízes Octávio Dias Garcia, Rui Pestana e Mário Brito, mas aguarda-se que estes aceitem os convites para se anunciar oficialmente a sua nomeação.

A decisão teria sido adoptada já antes do Natal e só se tornará efectiva se todos os magistrados aceitarem o convite. A recusa de um deles será suficiente para desencadear a renegociação de todos os nomes.

O Tribunal Constitucional logo que se saiba que os juízes cooptados aceitem o cargo, terá de escolher o seu presidente, que será membro por inerência do Conselho de Estado.

Vítor Crespo: um perfil

Aquando da greve dos professores às avaliações do primeiro período lectivo no ano passado, o então ministro da Educação e das Universidades e agora escolhido para Primeiro-Ministro pelo PSD, falou publicamente na injustiça que os professores cometiam, retirando do «baú» de recordações das crianças as notas do primeiro período. Foi, salvo erro, essa a imagem.

Utilizando-a, eu retiro do «baú» dos professores, alunos, pais e encarregados de educação, e do meu próprio algumas recordações da gestão desse ministro da Educação e Universidades que, como um «puzzle», poderão formar «um perfil de Vítor Crespo». Pelo menos do que veio a público.

Doutorado em Química numa Universidade da Califórnia sem ter ido a laboratórios – foi o próprio Vítor Crespo que de tal se gabou a dirigentes sindicais que protestavam contra o facto de se estar a criar escolas do 12.º ano sem laboratórios –, VC deu que falar no ensino, depois do 25 de Abril, mesmo antes de ser titular da Educação. Numa cena pouco dignificante ocorrida na Universidade de Coimbra onde fora professor de Química, largamente divulgada na altura, Vítor Crespo apareceu (e ainda permanece) aos olhos de muita gente, em posição horizontal. Saneado da Universidade de Coimbra e reintegrado pelo seu antecessor Sottomayor Cardia, o antigo professor apresentou-se na Academia para cumprir a reintegração. Só que os estudantes não abriram mão das razões que os haviam levado a saneá-lo e insistiram em que não o queriam lá. Obstinado, o agora indicado Primeiro-Ministro deitou-se no chão e, como para grandes males, grandes remédios, os alunos, nessa posição o arrastaram para fora da sala.

Tal obstinação em não reconhecer as razões dos outros, mesmo estando em minoria, marcaria a sua gestão como ministro da Educação e das Universidades O seu Ministério foi mesmo acusado publicamente de ser «cego, surdo e mudo». De facto, na segunda parte do seu mandato, o Ministério que chefiou não recebia representantes de professores nem estudantes, quando solicitado (com excepção do Sindicato da Zona Norte). E, no entanto, por vasta matéria o MEU deveria responder.

Foi na gestão de Vítor Crespo que apareceu o 12.º ano, o qual, todos os que, por uma ou outra forma, lá passam, sabem que apenas representa um desperdício de dinheiro (apesar da época ser de austeridade), de espaço , de tempo, de energias. Isto, para falar apenas da via de ensino do 12.º ano; na via profissionalizante a situação é de absurdo: a maioria dos cursos desta via não podem ser completados porque não foram criadas as escolas para esse fim, sendo, portanto, em absoluto inúteis.

Também Vítor Crespo foi responsável por dois projectos de Lei de Bases do Sistema Educativo entregue na Assembleia da República, mas não discutidos. O primeiro entregue naquele órgão de soberania em Abril de 1980 com o pedido de lhe ser atribuído o grau de prioridade e urgência previsto no Art.º 173 da Constituição, não foi, como devia, precedido de qualquer debate público.

O pedido de urgência não foi atendido e o texto alvo de várias críticas, das quais se destaca a do SPGL, que preencheu um número de revista «Escola». De «Fundamentação insuficiente e errada» foi acusado o projecto por aquele Sindicato. Um ano depois, e recolhidos os vários pareceres, outra proposta de Lei de Bases do Governo deu entrada na AR que também não teve aceitação dos que defendem uma escola democrática.

Foi ainda no MEU de Crespo enviado às escolas um conjunto de princípios de gestão das escolas que, a ser aplicado, seria a liquidação da gestão democrática conquistada depois do 25 de Abril e o regresso à forma autocrática do antigo reitor. Os protestos foram tantos que VC viu-se obrigado na sessão da Assembleia da República em que foram debatidos na generalidade os projectos de lei da Autonomia Universitária, a dizer que esse conjunto de princípios fora apenas «uma provocação no bom sentido» aos professores (que, como se sabe, são bem pagos e têm muito tempo para se distraírem com provocações).

Terá sido a questão da Autonomia Universitária por um lado e as sucessivas retaliações do MEU contra professores, nomeadamente conselhos directivos, que aderiram à greve das avaliações, os momentos «altos» da união da esquerda e da direita contra o ministro da Educação Vítor Crespo. O seu projecto de Autonomia Universitária em que o reitor da Universidade era apresentado como praticamente um delegado do poder central na Universidade (um «governador civil», como alguns lhe chamaram) e não um presidente da Universidade junto do Governo, foi contestada por professores e alunos e, inclusivamente, pela organização de juventude do seu partido, a JSD. Já no final do mandato de VC, também nomes do CDS o não pouparam a críticas, ou tiveram o cuidado de se demarcar das iniciativas em matéria de Educação do Governo de que faziam parte.

Poder-se-ia ainda falar das «enxertias» que o ministro Crespo introduziu na Universidade, importadas do sistema anglo-saxónico mas não perfeitamente adaptadas ao nosso (como, por exemplo, a departamentalização das escolas) ou da tentativa de remodelação dos programas do Complementar, também já no final do seu mandato, que provocou igualmente uma chuva de protestos.

Mas talvez valha antes a pena referir aproveitando tempo e espaço uma outra característica do primeiro-ministro escolhido pelo PSD: sempre que teve oportunidade e à revelia de pareceres, debates de ideias, das vias democráticas, VC aplicou as suas próprias ideias, mesmo as mais contestadas. Assim foi que, tanto na Universidade Nova de Lisboa como na Universidade do Porto, quando chegou a altura de escolher o reitor, ele foi nomeado pelo ministro segundo o esquema proposto na sua proposta de Autonomia Universitária, na questão da gestão das escolas, algumas houve – lembramos a do Monte da Caparica – em que o antigo reitor foi ressuscitado.

Entretanto, nenhum dos problemas candentes do ensino em Portugal foi resolvido por este ministro.

Este «um perfil» de Vítor Crespo, o gestor. De Vítor Crespo, o diplomata (qualidade que nenhum primeiro-ministro poderá desprezar), recordamos um episódio que, se não for significativo é, pelo menos, hilariante. Numa cerimónia na Embaixada de França em que um grupo de professores portugueses foi agraciado pelo Governo francês através do seu embaixador, o ministro da Educação e das Universidades esteve presente e fez um discurso. Mas – ao que consta-ter-se-á dado a certa altura conta que o seu francês era insuficiente para expressar o seu pensamento. E, no meio do discurso, lançou mão do seu inglês e nesta língua acabou a intervenção, ante a estupefacção dos agraciados e do embaixador.

Se for verdade que cada um tem aquilo que merece, que o povo português saiba não merecer um primeiro-ministro como Vítor Crespo.

M.M.A.

Sérgio Godinho chegou esta manhã

"É bom estar de volta"

«É bom estar de volta» disse esta manhã Sérgio Godinho à sua chegada ao Aeroporto de Lisboa. Eram 7.20 quando o aparelho, procedente do Rio de Janeiro, aterrou na Portela trazendo a bordo o cantor que assim via terminado o **«conto absurdo»** em que se viu envolvido no dia 14 de Novembro. Nas suas palavras havia ainda uma certa estupefacção e uma manifesta incompreensão em relação a tudo o que se passou. No seu rosto, porém, a **«grande alegria de voltar aqui»**, a gratidão pelo movimento de solidariedade que se gerou em redor da sua situação, a tranquilidade da inocência reafirmada e a certeza de vir a ser absolvido e poder voltar ao Brasil, país cujo povo se revelou verdadeiramente irmão».

NA sala de chegada do aeroporto, dezenas de amigos de Sérgio, jornalistas e pessoas anónimas aguardavam a consumação de mais uma vitória numa luta solidária, que conquistou portugueses e brasileiros, e trouxe à luz do dia aquela que ainda é a face repressiva e ditatorial do regime brasileiro. No hall de chegada das bagagens, Sérgio era envolvido nos beijos, nos abraços, nas perguntas e nos flashes dos jornalistas. Com ele encontrava-se a mulher, Gabriela (incansável) nos contactos «diplomáticos» que permitiram o seu regresso a Portugal) e o filho Gabriel. Ambos tinham chegado ao Rio de Janeiro na sexta-feira, num momento em que o desfecho do caso ainda era incerto.

As primeiras palavras do «poeta Godinho» foram necessariamente de regozijo pelo seu regresso a Portugal e de agradecimento pelo apoio dos seus amigos portugueses: **o movimento de solidariedade que aqui houve deu-me muita força e fez-me sentir que enquanto estava lá dentro não estava só.**

E agora, saído da prisão e expulso do Brasil, qual será a evolução do processo? perguntámos. Para Sérgio, as duas vitórias já conseguidas não bastam: **o processo continua e vamos lutar pela absolvição. Penso que isso é muito importante e que só a absolvição poderá, de certo modo, reparar a injustiça que foi cometida.**

As audiências serão retomadas, em princípio, em 22 de Fevereiro e Sérgio afirma-se convencido de que será então absolvido das acusações de que é alvo e em relação às quais nos repetiu esta manhã que está **perfeitamente inocente.** A acusação de porte de droga **é perfeitamente falsa** e caiu aliás pela base, disse-nos, quando as testemunhas de acusação reconheceram em tribunal, durante a instrução de processo, que foi ele próprio quem pediu para lhe devolverem o saco de que a Polícia se apoderara, antes de lhe atribuir a propriedade da maconha!

«Conto absurdo»

A compreensão dos motivos porque foi detido e torturado continuam todavia a escapar totalmente ao cantor que reservou para uma conferência de Imprensa, a realizar talvez na terça-feira, a pormenorização da sua posição em relação a todo o processo. Entretanto, referem-nos que por ele **tudo isto parece um conto absurdo.** Alguns dados importantes, nomeadamente relativos ao que se passou na prisão, continuarão no entanto a aguardar a sentença final do julgamento: **há certas coisas que se passaram sobre as quais eu não me posso alargar enquanto o processo estiver a decorrer.**

Para já, a decisão tomada pelo presidente brasileiro de o expulsar do país foi considerada por Sérgio como **a única medida viável** para que ele pudesse sair do Brasil. Segundo nos declarou, logo que o processo for encerrado e o tribunal o absolver, pedirá a anulação do decreto de expulsão para que possa voltar ao Brasil.

O seu desejo de poder viajar livremente para aquele país, quando o entender, foi reforçado nesta ocasião com a solidariedade que ali sentiu: **o povo brasileiro é de facto um povo irmão e eu tenho cada vez mais a certeza disso. É preciso não confundir um regime com os intelectuais, os artistas e o povo simples que trabalhou com afinco pela minha libertação,** acrescentou-nos.

Tudo indica que a expulsão de que foi objecto ficou a dever-se à acção desenvolvida pelas autoridades portuguesas em conjungação com a repulsa que a sua situação provocou em Portugal e no Brasil.

À pergunta do «DL» relativa ao papel que Ramalho Eanes terá desempenhado no processo que conduziu à sua expulsão, o cantor escusou-se a responder dizendo-nos que se trata de uma pergunta a fazer à Presidência da República. De qualquer modo é sabido que o PR acompanhou o assunto de muito perto, assim como Meneres Pimentel que recebeu por várias vezes a mulher de Sérgio Godinho. **Tanto o Presidente da República como o ministro da Justiça estiveram sempre bastante atentos ao caso,** afirmou-nos.

A notícia da decisão de Figueiredo nã constitui aliás uma grande surpresa para Sérgio: **Soube antes de ontem pelos jornais brasileiros, mas isso não foi de todo inesperado.**

A solução encontrada era defendida desde a libertação do cantor, no passado dia 17, pelos seus amigos, e advogados que a consideravam a única forma de permitir o seu regresso a Portugal, sem que houvesse interferência do poder político no poder judicial brasileiro.

Uma questão que continua também a aguardar resposta, já que Sérgio Godinho reservou para mais tarde a sua apreciação sobre o assunto, é saber se o Consulado de Portugal no Rio de Janeiro e a Embaixada portuguesa em Brasília fizeram tudo o que estava ao seu alcance para solucionar tão depressa quanto possível a inqualificável situação em que se encontrava aquele cidadão português. Ao que se julga porém, em meios próximos do cantor, e conforme se escreveu na Imprensa brasileira a actuação daquelas entidades foi pelo menos deficiente excepção feita para um funcionário consular que se empenhou a fundo na sua libertação, mas ao que parece, mais por amizade pessoal por Sérgio Godinho do que em obediência a directivas governamentais.

Uma «gentileza»

Após a publicação do decreto de expulsão, ontem, no «Diário Oficial», Sérgio embarcou no primeiro avião que saiu do Rio de Janeiro para Lisboa, conforme a lei brasileira obriga. As autoridades locais tiveram porém uma «gentileza» com Sérgio: não o prenderam após a publicação do decreto, como a lei prevê, a fim de o conduzirem ao aeroporto. Quem o levou ao avião foi um representante do consulado português a quem a Polícia Federal confiou tal missão.

Sobre a sua permanência na prisão, Godinho também não quis adiantar mais do que aquilo que já é do conhecimento público. A sua opinião sobre a continuação das práticas de tortura num país em que se continua a falar de **abertura política** e de **democratização,** foi também reservada para depois: **falaremos nisso posteriormente...**

A vivência carceral foi no entanto, mais alguma coisa do que dolorosa. O pior momento não o quis descrever Sérgio, não quis dizer qual foi: **vou pensar nisso** respondeu. Mas, na prisão, como nos disse, também se enriqueceu interiormente: «essa experiência foi enriquecedora pela reflexão que me possibilitou e pelo contacto que me permitiu com pessoas que se encontram em situações bem mais difíceis do que aquela que eu vivi».

Os piores momentos

Apesar de tudo. da alegria do regresso, das manifestações de carinho, do ataque cerrado dos jornalistas, Sérgio recordava os homens sem nome que conheceu nos calabouços. Ele porém, e aqueles que o apoiaram, tinham ganho uma batalha contra o arbítrio e a injustiça.

Os piores momentos ficam para depois, os melhores foi sair da prisão e chegar a Portugal, disse aos jornalistas no Aeroporto da Portela.

No Rio de Janeiro, mesmo antes da partida, numa entrevista colectiva que concedeu à Imprensa local afirmou: **Hoje quase se foi embora o ano velho. Vivi-o de maneira por vezes estranha: tive tantas surpresas ao dobrar da esquina, senti pesos inesperados no meu corpo, vi a liberdade longe e lutei por ela, à minha maneira.**

Sobre a prisão afirmou que ela lhe causou muitos transtornos e constrangimentos mas que constitui apenas um episódio que não abalará a amizade e o intercâmbio entre brasileiros e portugueses. A sua prisão e posterior expulsão poderão mesmo ser mais um motivo de aproximação entre os dois povos.

Sobre a expulsão, disse que ela correspondia de certo modo à sua vontade, já que desejava regressar a Portugal para ver a família e os amigos e para trabalhar tão depressa quanto possível.

Coincidências

O trabalho que tem actualmente em preparação, e que motivou aliás a sua deslocação ao Brasil, no fim de Outubro, é um álbum que intitulará **coincidências.** As gravações começarão logo que possível e Sérgio contará com a colaboração dos brasileiros Ivan Lins e Fagner. Segundo nos disse **coincidências** era já o título do disco antes da prisão.

Sérgio Godinho era esta manhã um homem feliz mau-

-grado o cansaço de uma noite inteira de viagem. Os amigos mais uma vez lá estavam a mostrar que **são para as oc asiões.** Pelas suas palavras, mal acreditava que houvesse tanta gente no Aeroporto, às sete e meia de uma manhã extremamente fria, para lhe dar um abraço e manifestar a sua solidariedade.

Luís Cíla, alguns «Trovante», membros da direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, gente anónima, amigos de muitos sítios:

Eram muitos na sala de saída dos passageiros a aplaudir o cantor, quando ele chegou sempre rodeado de jornalistas e familiares.

Empurrando o carrinho das bagagens e sorrindo para a liberdade Sérgio escapou-se pelos caminhos da cidade...

José António Cerejo

comunicação social

Guiné-Bissau interessada em cooperar com a Anop

O director-geral da Informação da Guiné-Bissau, Agnelo Regala, declarou que o seu Ministério está muito interessado em desenvolver os acordos de cooperação com a ANOP.

Regala especifiou que na segunda semana de Janeiro tenciona contactar a sede da Agência Noticiosa Portuguesa a fim de dar maior seguimento aos acordos de cooperação que Bissau mantém com a mesma.

«Não temos qualquer conhecimento oficial de que exista algo de anormal com a ANOP e os acordos que com ela assinou a Agência Noticiosa da Guiné-Bissau (ANG) constituem programas de cooperação que estamos muito interessados em executar» – acentuou Agnelo Regala, jornalista profissional.

A ANOP coopera com a ANG desde 1977, fornece-lhe noticiário e estabeleceu um plano de formação e aperfeiçoamento profissional do seu pessoal.

O director-técnico da ANOP, Santos Gomes, elaborou em 1981 o projecto de reestruturação técnica de toda a rede da ANG no território da Guiné-Bissau.

Entretanto, entre os muitos apoios que têm sido manifestados aos trabalhadores da ANOP, vêm somar-se os dos jornalistas do matutino portuense «O Primeiro de Janeiro».

Os profissionais daquele jornal sublinham, num abaixo-assinado, que a recusa do Ministério do Trabalho em assinar o despedimento colectivo deve ser seguida «de uma tomada de posição governamental que afaste, de uma vez por todas, o espectro do desemprego.»

Além disso, aqueles jornalistas congratulam-se com «a exemplaridade da luta dos trabalhadores da ANOP» e consideram que ela tem sido «uma lição de dignidade profissional pela qual se sentem orgulhosos.»

Também o Conselho de Redacção do jornal «Brados do Alentejo», de Estremoz, enviou à ANOP uma mensagem de «total solidariedade para com os seus trabalhadores.»

Os jornalistas alentejanos manifestam, igualmente, a «esperança de que o futuro Governo reconsidere o processo de extinção da Agência para defesa da informação digna e honesta.»

CCT Vertical

A Associação da Imprensa Diária avançou com 16 por cento de aumentos salariais na contraproposta de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (CCTV) da Imprensa e agência noticiosas – segundo revelou a Federação sindical.

A Federação dos Sindicatos de Celulose, Papel Gráfica e Imprensa acrescenta que a Associação patronal recusa negociar a consagração do subsídio de alimentação por considerar que o presente processo apenas abrange as tabelas salariais.

A Federação salienta que «não aceita o tecto salarial» e considera que «esta primeira contraproposta deve ser reformulada logo no início das negociações», sublinhando que a inflação em 1982 foi de 24 por cento.

A Federação Sindical exorta os trabalhadores abrangidos pelo CCTV da Imprensa e Agências Noticiosas «à participação activa no processo de revisão» em «defesa de uma revisão justa do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical.

Açores

O director regional de Comunicação Social dos Açores, Lourenço de Melo, cessou hoje funções a seu pedido, funções que vinha desempenhando desde a formação do primeiro Executivo açoriano em 1976.

Para além de ir ocupar o lugar de director do semanário «Açores», Lourenço de Melo, vai também fazer parte da administração da empresa proprietária do diário «Açoriano Oriental».

De momento, o cargo deixado vago por Lourenço de Melo ficará sob a orientação de Jerónimo Cabral, do Gabinete de Imprensa dos Açores.

Porto: curso de jornalismo

O Instituto de Formação Social e do Trabalho (IFST) vai promover no Porto, no segundo trimestre do corrente ano lectivo, um curso de iniciação ao Jornalismo.

Com esse curso, orientado por especialistas segundo uma metodologia prática, o IFST pretende dotar os participantes de conhecimentos específicos e de ordem prática sobre as técnicas essenciais de recolha e tratamento de informação na Imprensa, Rádio e TV.

Para além disso, pretende ainda proporcionar conhecimentos teóricos e prático julgados úteis relacionados com a Imprensa Juvenil, Associativa ou Regional.

O curso inicia-se em 10 de Janeiro

de ontem para hoje

Estradas açorianas matam 30

MORRERAM 30 pessoas, nos Açores, em 1982, na sequência de acidentes de viação que ocorreram localmente, durante o ano, ao ritmo de uma dezena por dia – revelaram entidades seguradoras.

As mesmas fontes, citadas pelo «Correio dos Açores», de Ponta Delgada, indicaram também que os prejuízos causados pelos acidentes de trânsito registados em 1982 nas estradas do arquipélago se cifraram em 150 milhões de escudos.

Taluda foi até ao Algarve

A taluda de ontem, que esteve ameaçada por uma greve dos trabalhadores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, foi distribuída pela Casa Travassos e vendida por uma loja de Tavira, no Algarve.

Um dos contemplados, para já, foi comprador de duas fracções que lhe renderam 14 mil contos. Uma saída para a vida de Silvério Baptista, de 49 anos, casado, morador naquela cidade.

Cabo-verdiano socorrido sob prisão

Um cabo-verdiano acusado de vários assaltos a motoristas de táxi foi socorrido, sob prisão, no Hospital de São José, depois de ter sido detido na Damaia pela GNR local.

A participação policial acusa José António Fernandes, de 28 anos residente no Campo Grande, em Lisboa, cidadão cabo-verdiano, de ter assaltado dois motoristas de táxi na noite de 28 para 29. A GNR interveio, segundo a mesma fonte, no momento em que apontava uma pistola a um terceiro motorista.

Duas ameaças de bombas

A Brigada de Minas e Armadilhas da PSP teve ontem duas deslocações sem quaisquer resultados por se tratar de falsos alarmes. Foi o caso de uma ameaça de bomba à agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Sacavém. Um telefonema anónimo dizia que ali se encontrava um engenho explosivo prestes a explodir. Os mesmos elementos, acrescenta o relatório da PSP, fizeram revista a um avião da TAP, também por falsa ameaça.

Barrancos, fronteira provisória

A fronteira de Barrancos abrirá provisoriamente no próximo ano durante três períodos – anunciou a edilidade local.

Aquele posto fronteiriço estará aberto de 20 de Março a 3p de Abril, de 1 de Julho a 30 de Setembro e de 1 de Dezembro a 5 de Janeiro.

A abertura da fronteira de Barrancos deve-se a diligências daquele município e da autarquia espanhola de Ensinasola.

O calendário estabelecido para a abertura daquela fronteira funcionará como um teste para a abertura permanente daquele posto através do número de passagens registadas.

Português «fica» em Madrid

A polícia espanhola deteve dois indivíduos, identificados como Clif Viegas de 23 anos, brasileiro e Miguel José da Costa Lopes, português.

Os detidos são acusados de cometerem seis assaltos em hotéis madrilenos, tendo a polícia encontrado na posse de Clif Viegas uma pistola simulada e uma navalha.

O valor dos roubos praticados pelos dois indivíduos é avaliado pela polícia espanhola em 150 mil pesetas (cem contos).

Pescado vale mais em Setúbal

Na lota de Setúbal foi transaccionado, de Janeiro a Outubro, pescado no valor de 500 milhões de escudos.

O serviço de lotas e vendagens na luta de Setúbal revelou que os 555,645 milhões de escudos de pescado vendido nos primeiros dez meses do ano correspondem a um aumento de 77,348 milhões de escudos em função de igual período de 1981.

Mais seis mortos na estrada

Seis mortos e 59 feridos foi o resultado dos 66 acidentes de viação ocorridos entre as 12 horas do dia 29 e as 12 de ontem – anunciou a Brigada de Trânsito da GNR. Dos feridos, 27 encontram-se em estado grave.

Comboios chocaram em Abrantes

Dois comboios, um de mercadorias e outro de passageiros, chocaram ontem de manhã na estação de Abrantes. O acidente causou danos materiais e atrasos em diversas composições.

A via ficou obstruída durante algumas horas e teve de ser feito transbordo a dois comboios, entre os quais o «Lusitânia Expresso», que vinha de Madrid. O «Ter» atrasou duas horas e meia por ter aguardado em Abrantes o restabelecimento da circulação.

Liberto o carteiro-'pirata do ar' do Porto

Normas internacionais de segurança aérea podem não ter sido cumpridas

O carteiro Augusto Couto, que na passada quarta-feira ameaçou fazer explodir um avião da TAP, foi ontem mandado em liberdade pelo Primeiro Juízo de Instrução Criminal. Couto, de 32 anos, foi considerado um «psicopata» por um responsável dos Correios do Porto que, entre outras coisas, afirma ser perseguido pela MGB. O incidente provocado pelo carteiro portuense está a levantar, entretanto, algumas dúvidas respeitantes às condições em que embarcou, já que era portador de um arma, e também no que respeita à intervenção da PSP no aeroporto da Portela.

AUGUSTO Couto foi ontem ouvido no Primeiro Juízo de Instrução Criminal, após ter passado a noite de quarta para quinta-feira nos calabouços do Governo Civil. O carteiro foi detido pela PSP ainda no avião, depois do comandante do aparelho ter solicitado a intervenção das forças de segurança, devido à ameaça de Couto de fazer explodir o avião caso o obrigassem a sair. O carteiro, conforme ontem noticiámos, era portador de uma pistola de calibre 6.35 e de 150 bombas de carnaval, cujo embarque tanto o comandante da Guarda Fiscal, como o chefe da PSP do aeroporto das Pedras Rubras, afirmam não saberem explicar. Para o responsável policial da segurança do aeroporto «só o próprio passageiro poderá explicar como conseguiu iludir o controlo».

Um especialista afirmou, entretanto, que se Augusto Couto tivesse oferecido resistência à Polícia poderia ter acontecido uma tragédia no aeroporto da Portela, pois aparentemente não teriam sido cumpridos dois preceitos das normas internacionais da segurança aérea. O primeiro, claro está, é o que diz respeito à passagem, no controlo, de uma pistola e de munições, quando deveria ter sido detectada.

O segundo diz respeito à entrada da Polícia no aparelho, já em Lisboa, sem que tivesse havido qualquer negociação entre Augusto Couto e as autoridades.

De acordo com as normas internacionais, quando se registam casos semelhantes envolvendo aviões e passageiros tem de ser accionado um mecanismo que prevê a convocação de uma comissão negociadora. Em Portugal existe uma Comissão Nacional de Segurança que serve de organismo de consulta do director-geral da Aviação Civil e que poderá recomendar a aplicação de um plano de emergência o que, por sua vez, obriga a criação de um «centro de crise» que tratará do possível desvio ou ameaça. A criação da comissão negociadora é uma das medidas do plano de emergência que, no seu conjunto, não foi aplicado na passada quarta-feira.

A «paranóia» da KGB

O director-geral dos CTT do Porto afirmou que era reconhecida, em Augusto Couto, uma «mania de perseguição». O carteiro considerava que «os serviços secretos soviéticos o queriam liquidar». Por este motivo apresentou queixas ao Tribunal Internacional dos Direitos Humanos, ao Tribunal da Relação do Porto, ao Provedor da Justiça e João Paulo II, tendo recebido resposta de todas as entidades com exclusão do Papa. Para o aspirante «a pirata do ar» existia uma grande maquinação internacional destinada a matá-lo e que era liderada pela KGB. «Os próprios responsáveis dos CTT do Porto eram, na sua opinião, agentes dessa polícia política e, portanto, também interessados na sua eliminação» disse ontem o porta-voz dos Correios.

Augusto Couto estava de baixa desde Novembro e deveria apresentar-se ontem ao serviço. No entanto, segundo o mesmo responsável, pediu uma dispensa de mais dois dias para se deslocar a Lisboa «por motivos inadiáveis». Um colega de Couto avisou, entretanto, na quarta-feira à noite, a mulher, dizendo-lhe que o marido andava armado e queria desviar um avião. Mas Fernanda Couto só veio a saber do sucedido na quinta de manhã, quando se deslocou à Judiciária do Porto para lhes relatar a informação que lhe tinha sido dada pelo colega do marido.

Fernanda Couto que também trabalha nos CTT encontrou ainda ontem, quando chegou ao emprego, uma carta do marido na qual ele ameaçava matar a filha de ambos, suicidar-se e fazer explodir um avião se ela não cumprisse, até sábado, determinadas exigências, que ela se escusou a revelar.

Falsário de cheques detido em flagrante

Foi preso ontem à tarde na delegação da União de Bancos, em Alcântara, um indivíduo que há tempos a esta parte vinha descontando cheques falsificados.

Apresentou ao balcão da Rua Filinto Elísio dois cheques no valor de 110.800$00 e 117.300$00 que havia subtraído e identificava-se com um bilhete de outra pessoa a que substituira a fotografia pela sua. A atenção mais cuidadosa do empregado bancário permitiu a descoberta da fraude. Chamada a Polícia foi o indivíduo preso, constactando-se então ser o autor de vários outros levantamentos efectuados em diferentes delegações da União de Bancos Portugueses.

O autor destas burlas, Abdul Asis, de 29 anos, é natural de Moçambique e reside numa barraca em terrenos anexos à Avenida Gago Coutinho. Alega que se dedicou àquela actividade ilícita por se encontrar desempregado.

Calcula-se que ascende a várias centenas de contos o montante do total das fraudes cometidas por este sistema em escassos meses.

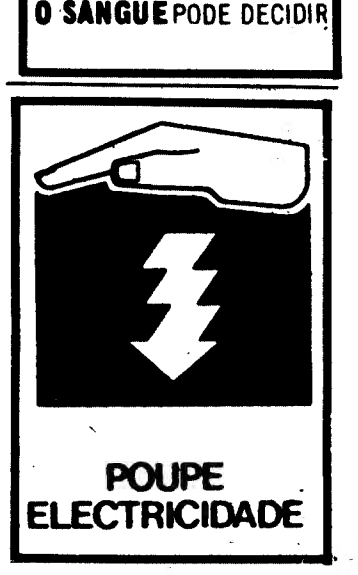
Três mil contos furtados em duas residências

Tem-se mantido intensa a actividade criminal na quadra festiva que se atravessa. Entre outras uma das residências visitadas, foi despojada de artigos na sua maioria jóias que ultrapassam os dois mil contos. Situa-se junto da Colónia Balnear do Século, em S. João do Estoril e pertencente a Maria Fernanda de Almeida. A segunda habitação na Rua D. Pedro Cristo em Alvalade, percentente a Maria Sequeira Morais foi assaltada com o objectivo de levarem as jóias calculadas em 900 contos.

Abate de gado sem inspecção médica

A Associação Nacional dos Industriais de Carnes declinou, em telex enviado ao ministro da Agricultura, «toda a responsabilidade civil e penal pelo abate a efectuar sem inspecção por aqueles industriais que assim pretendam fazer». Tal decisão foi tomada, segundo a Associação, após «terem sido ponderados e comparados os danos provenientes da paralisação total da indústria e da falta de inspecção por força da greve dos veterinários», concluíndo, assim, «não dever, por tal facto proceder-se à paralisação das empresas e do abastecimento público por falta de abate».

No entanto, em telex anteriormente divulgado, a Associação Nacional dos Industriais de Carnes afirmava ser do seu conhecimento a greve administrativa dos veterinários municipais, iniciada no passado dia 12, e a intenção daqueles de passarem a greve total a partir do próximo dia 3, atitude considerada pela Associação, como só podendo resultar na «rotura» imediata e completa do abastecimento público». Tendo solicitado, por essa razão, ao ministro da Agricultura, uma informação urgente das «medidas que o Governo prevê tomar sobre o problema».



Testes comparativos: momento de verdade para o consumidor

Beja Santos

A generalidade da opinião pública desconhece com certeza o significado e alcance de expressões tais como «ensaios comparativos» ou «testes comparativos», operações levadas a efeito por associações e cooperativas de consumidores e que a imprensa divulga com mais ou menos destaque consoante a natureza dos resultados: natas impróprias para consumo, automóveis inseguros, arroz falsificado, televisores frágeis.

O objectivo destes ensaios é o de impedir a publicidade dolosa, a fraude na genuinidade, ou impôr regras de concorrência na qualidade, facultando aos consumidores elementos sobre a qualidade e o preço, indispensáveis para uma opção conscienciosa no acto de compra. Depois da etiquetagem e do certificado de qualidade, não se conhece melhor referência para a orientação do consumidor.

Os ensaios comparativos tanto podem ser feitos nos laboratórios oficiais como em laboratórios cooperativos ou mesmo em instituições independentes de reconhecimento da idoneidade.

Em princípio, um ensaio comparativo é bastante dispendioso visto que são analisadas algumas amostras de um número apreciável de marcas, seja de calças, de detergentes, azeite ou televisores. O resultado do ensaio comparativo pode ser divulgado na imprensa dos consumidores ou em programas radiofónicos ou televisivos. Os resultados dos testes podem ser previamente debatidos com os fabricantes e transmitidos a instâncias internacionais.

A força das associações de consumidores e dos diversos organismos oficiais que em todo o mundo apoiam esta política, consideram que os ensaios comparativos representam o contributo da luta exemplar em prol da transparência do mercado. Daí a avidez com que são lidos e divulgados os ensaios comparativos, a controvérsia que estabelecem, as tensões que provocam com fabricantes e distribuidores. Daí, também, as cautelas avançadas pelos detentores dos consumidores.

Com efeito, os ensaios comparativos são alvo de algumas críticas que importa podenrar:

– Não há regras fixas para a sua realização; faltam, por vezes, as normas e, se não há dificuldade em fazer uma análise a óleos ou farinhas de uso culinário, não é pacífico o controle dos resultados relativamente a sabonetes, pastas dentífricas ou telefonias, em países em vias de industrialização como é o nosso caso;

– Na sociedade de consumo, os modelos têm uma vida precária ou efémera e, portanto, as comparações não são tão válidas por muito tempo – isto acontece frequentemente em electrodomésticos, pneus e produtos de higiene e limpeza; donde a necessidade de revisão periódica dos testes, de modo a acompanhar as vicissitudes do mercado e as preferências dos consumidores;

– Se acaso o ensaio comparativo não incidir especialmente sobre a utilidade real dos bens utilizados, poderá estabelecer-se o equívoco de que o ensaio é uma publicidade indirecta para os produtos testados.

Seja como for, os consumidores sentem mais força, sentem-se melhor defendidos quando a Administração Pública, Cooperativas e Associações de Consumidores divulgam as provas de laboratório. É um grande momento de verdade, só temido por aqueles que olham o consumidor como uma forma de obter lucro fácil e como objecto de manipulação publicitária.

A título ilustrativo, e com a devida vénia, abaixo se transcreve o teste comparativo elaborado pela revista de defesa do consumidor «Proteste» n.º 23 (Setembro/Outubro de 82), com a epígrafe:

Natas – perigo para a saúde!

Um bacalhau com natas... Óptimo petisco. E bife com natas? Melhor ainda. E sofisticado, com sabor a Europa.

Este é capaz de ser o pensamento de qualquer consumidor. Mas a PROTESTE examinou as natas à venda no mercado e chegou a uma conclusão arrepiante – estão todas em mau estado!

Se não prescinde daqueles pratos, ou se acha que elas são indispensáveis nos bolos, faça-as você mesmo. Dá muito mais trabalho, é verdade. Mas é mais seguro.

NATAS PASTEURIZADAS – O que encontrámos à venda, e os resultados das análises efectuadas.

Foram adquiridas em supermercados de Lisboa embalagens de seis marcas de natas pasteurizadas. Todas as embalagens eram plásticas e hermeticamente fechadas. Os preços eram sensivelmente os mesmos, relativamente à quantidade de cada embalagem. Indicamos a seguir o que cada rótulo mencionava.

Quadro II. Estas embalagens foram guardadas em caixa isotérmica e transportadas ao laboratório onde foram analisadas dos pontos de vista microbiológico e micológico. Os resultados levam-nos a concluir por uma grande falta de higiene no fabrico das natas. Ou as natas não são de facto pasteurizadas, mas apenas fabricadas a partir do leite pasteurizado, ou a contaminação que apresentam se deve à falta de cuidados higiénicos durante a embalagem.

Onde a NORMA PORTUGUESA 630 (1973 – Nata pasteurizada) põe o limite máximo de 50 000 bactérias por cm3 de nata, os resultados das análises apresentam de 440 000 (UCAL) a 80 000 000 (GRESSO). A mesma NORMA exige que o resultado da pesquisa de coliformes seja negativo em 1 cm3. Todas as amostras de natas analisadas deram um resultado positivo em 0,1 cm3. Também foi positivo para todas as amostras (excepto COIMBRA) o resultado da pesquisa de **Escherichia coli,** e de **Streptococcus** fecais que ao aparecerem em conjunto provocam situações patogénicas cujas consequências para o organismo do consumidor se traduzem em infecções intestinais, diarreias, desidratação, etc.

Isto sugere-nos as considerações seguintes:

1 – Os fabricantes não mostram ter cuidados de higiene na preparação das natas. Ou a limpeza das máquinas, utensílios e locais de trabalho, ou a higiene do pessoal, ou o método de fabrico, devem deixar muito a desejar.

Um derivado do leite, bastante utilizado em pastelaria mas também em culinária caseira é a nata. Obtida a partir do leite, por centrifugação, contém cerca de 30 a 40% de gordura saturada e uma quantidade apreciável de vitamina A.

É, portanto uma substância bastante energética cujo consumo frequente não é aconselhável aos adultos por poder introduzir um excesso de gordura saturada na alimentação. Para as crianças e grávidas já o seu consumo se recomenda pela sua riqueza em vitamina A. Poderá ser **um substituto** da manteiga, mas, não é dessa forma que é geralmente utilizada, o que apenas traria os mesmos inconvenientes da manteiga quando usada em excesso, mas sim em pastelaria o que pode ser bastante prejudicial:

1 – Quando se comem bolos ingerem-se várias substâncias altamente energéticas além da nata, como a manteiga, açúcar, ovos, farinha, etc.

2 – As sobremesas com natas, comidas no fim das refeições podem tornar essas refeições dieteticamente desequilibradas.

3 – Pode dar origem a problemas digestivos dada a facilidade com que alimentos deste tipo são alterados pelas más condições do meio ambiente. Numa análise aos bolos fabricados em Lisboa feita pelo Instituto de Higiene Alimentar dr. Ricardo Jorge, foi encontrada uma percentagem deste tipo de pastelaria como bacteriologicamente perigoso.

Por esta última razão é necessário cuidado especial na leitura dos rótulos das embalagens das natas, e na observação das condições em que as mesmas são conservadas nas lojas para que as natas, mesmo pasteurizadas, sejam compradas dentro dos prazos de validade e em estabelecimento em que estejam conservadas, refrigeradas em temperaturas limite de 5°C.

Também em nossas casas devem ser conservadas com o mesmo cuidado e utilizadas o mais rapidamente possível, especialmente depois das embalagens abertas.

2 – Se as embalagens hermeticamente fechadas (portanto não susceptíveis de contaminação no transporte e armazenagem) e dentro do prazo de validade indicado (excepto talvez GRESSO) se apresentavam neste estado, que pensar dos produtos de pastelaria com natas ou creme de Chantiliy que encontramos à venda?

3 – Produtos de culinária caseira preparados com natas não fervidas devem ser guardados ao fresco e consumidos rapidamente. Recomendamos precauções especiais no tempo quente.

4 – Pela sua riqueza em vitaminas a nata é um bom alimento para as crianças. Mas atenção às precauções recomendadas e às considerações referidas anteriormente. E não é preciso que toda a nata seja acompanhada de açúcar! Uma colherinha de sopa, na papa, a enriquecer os iogurtes ou leite, com a fruta crua ou cozida, e não apenas o chantilly.

QUADRO I COMPOSIÇÃO POR 100G DE NATA

Qualidade da nata	Água (g)	Valor energético em cal	Hidratos de carbono	Proteínas (g)	VITAMINAS				MINERAIS				Gordura g
					A UI	B1 ug	B2 ug	C mg	PP mg	Cálcio mg	Ferro mg	Fósforo mg	
35% de gordura	60.0	333	2.5	2.0	1200	44	200	vestigios	0.1	66	0.6	72	35.0
45% de gorduras	50.5	421	2.4	1.7	2000	40	120	vestigios	0.1	67	0.5	72	45.0

QUADRO II NATAS PASTEURIZADAS – OBSERVAÇÃO DOS RÓTULOS

DENOMINAÇÃO	FABRICANTE	DATA DE COMPRA	PRAZO DE VALIDADE	OUTRAS INDICAÇÕES
LONGA VIDA Nata pasteurizada 1/5 L	Agricola de Lacticinios A Central de Perafita, Ld.ª-Perafita Matosinhos tel. 9950039	28-5-82	Data limite de venda 4/06	Conservar em frigorifico (3 a 5° C)
UCAL Natas pasteurizadas 2x1/4 L		28-5-82	Valido até 7 4	Conservar no frio
COIMBRA Natas frescas pasteurizadas 2x1/4 kg	Moscavide tel. 2519689	28-5-82		
NIMBUS Nata fresca 2x1/4 L	Lacto Mondego Soc. Prod. Lacteos Ld.ª Monte Formoso Lotes 16 a 18 cave Armazens 1 e 2 3000 COIMBRA	28-5-82	19 Jun 1982	
SUIL 1/4 L Nata pasteurizada	Empacotado por Soc. União dos Industriais de Lacticinios SUIL Ld.ª Vila da Feira	28-5-82	9-6-82	Em lugar fresco- 1 dia Em 0° graus – 5 dias Em 10 graus negativos – 15 dias
1/4 L			16-6-82	Conservar em lugar fresco de preferência
GRESSO 500 g Nata pasteurizada	Lacticoop	28-5-82	25	

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

ADMISSÃO DE PESSOAL

Faz-se público que se encontram abertos até dia 10 de Janeiro de 1983 os concursos para provimento dos seguintes lugares:

N.º de lugares	Lugar	Vencim.	Habilitações Literárias
3	Varejador de 2.ª classe	16 400$00	Escolaridade obrigatória
1	Asfaltador de 3.ª classe	14 200$00	idem

Os avisos dos concursos acima referidos foram publicados na III Série do «Diário da República» n.ºs 284 de 10/12/1982.

As informações são prestadas na Secção de Pessoal.

Paços do Município de Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1982

O PRESIDENTE DA CÂMARA, substituto,

(Artur Bértolo da Silva Peixe)

Desconvocada a greve da Misericórdia

A greve dos trabalhadores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que ontem havia sido iniciada, foi desconvocada após a assinatura de um acordo com o ministro dos Assuntos Sociais.

Um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública, da zona Sul e Açores considera que o acordo satisfaz «no fundamental» as exigências dos trabalhadores.

O documento garante a retroactividade aos trabalhadores de carreiras específicas, de acordo com o estabelecido nos respectivos diplomas.

Quanto aos restantes trabalhadores, os efeitos do novo posicionamento far-se-ão sentir a partir de Janeiro de 1983, independentemente da data da publicação da portaria, atendendo-se contudo à totalidade do tempo de serviço prestado, segundo um porta-voz sindical.

A greve, que deveria prolongar-se até às 24 horas de hoje e poderia comprometer o escrutínio do primeiro concurso do Totobola deste ano, registava ontem uma elevada adesão. A extracção da lotaria, ontem, só foi possível por terem sido contratados substitutos para os trabalhadores em greve, atitude esta que o sindicato considerou **ilegal** e que, segundo afirma, só foi possível «dadas as características do sector, pois trabalhadores deste serviço são pagos por fora e portanto sujeitos a todo o tipo de pressões e coacções».

Trabalhadores da Segurança Social vão paralisar a nível nacional

Os trabalhadores da segurança social vão efectuar no próximo dia 10 de Janeiro uma paralisação a nível nacional, em luta pelas reivindicações que «insistentemente e há longo tempo», vêm colocando ao Governo.

As questões de fundo desta luta são: a aplicação da correcção de anomalias às carreiras auxiliares, a saída de legislação destinada a evitar prejuízos aos trabalhadores das Caixas de Lisboa (que não foram integrados, como aconteceu com os restantes) e o respeito pelas regalias alcançadas pelos trabalhadores, designadamente no que se refere a tolerâncias e sua utilização.

Em todo este processo, segundo afirma a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, os trabalhadores têm manifestado uma disposição constante de resolverem os problemas pela via do diálogo, o mesmo não acontecendo com o Governo, «sobretudo o secretário de Estado da Segurança Social».

A Federação afirma ainda que «não é pelo facto de o actual Governo ter só funções de gestão que não se pode dar solução imediata às reivindicações dos trabalhadores, uma vez que elas se enquadram no âmbito da Secretaria de Estado».

Enfermeiros de Faro

O Sindicato dos Enfermeiros do Sul anunciou a convocação de uma greve de zelo dos enfermeiros do Hospital de Faro, por tempo indeterminado.

Em comunicado, o Sindicato revela que a forma de luta prevista visa «pressionar as entidades competentes, nomeadamente a Secretaria de Estado da Saúde, a aplicar os quadros do pessoal» daquele estabelecimento hospitalar.

O Sindicato acentua que apesar de as carreiras de enfermagem terem sido publicadas há mais de um ano, os quadros de pessoal do hospital ainda não o foram, o que ocasiona «graves problemas profissionais e sociais aos enfermeiros».

O Sindicato esclarece que a greve burocrática não afectará em nada os doentes do hospital.

Hotel Eva

Os trabalhadores do Hotel Eva, de Faro, desconvocaram a greve prevista para a passagem do ano, em virtude de a administração ter satisfeito as suas reivindicações.

Segundo o Sindicato da Hotelaria de Faro, os trabalhadores acusavam a entidade patronal de ter feito aumentos selectivos em Outubro e de se recusar a pagar os acréscimos entretanto consagrados.

Contra a vontade dos trabalhadores não há força capaz de governar
— *afirma a CGTP/IN*

«Através das lutas desenvolvidas durante todo o ano de 1982, ficou mais uma vez demonstrado que a vontade dos trabalhadores é factor determinante da dinâmica política no noss país e contra essa vontade não há força capaz de governar» – afirma a CGTP/In, num comunicado em que «saúda calorosamente» os trabalhadores e as suas organizações de classe que, através das lutas desenvolvidas no ano que finda, demonstraram «a sua consciência e determinação para defender os seus direitos e interesses».

«A demissão do Governo Balsemão o desmoronamento da AD – sublinha a central sindical – sendo metas que o movimento sindical unitário se propôs alcançar, demonstram a justeza da luta da CGTP/In e constituem vitórias inilu'díveis dos trabalhadores e do povo português, que abrem perspectivas positivas para a solução da crise que o País atravessa.»

A CGTP/In formula «os mais sinceros votos para que 1983 constitua um ano em que, através do afastamento da AD da área do poder e da consulta popular em novas eleições, se inverta a marcha para o abismo a que a direita quer conduzir o País e se constitua um Governo democrático, que respeite e prossiga o Portugal de Abril».

A central sindical saúda igualmente os trabalhadores «que por todo o mundo desenvolvem os mais profundos laços de solidariedade na luta pelo fim da opressão e da exploração, pela paz e pelo progressos social».

Metalúrgicos

A assembleia de delegados dos Metalúrgicos decidiu exortar os trabalhadores a intensificarem as lutas por objectivos concretos e imediatos, nomeadamente pelo pagamento dos salários a tempo e horas – revelou a direcção sindical.

A assembleia de delegados sindicais dos Metalúrgicos do Sul decidiu ainda exigir a dissolução da Assembleia da República, e a realização de eleições gerais antecipadas, nó prazo constitucional.

Apelou a todos os activistas sindicais para reforçarem a organização sindical, para a «intensificação da batalha da sindicalização» e para o aperfeiçoamento da organização sindical nas empresas.

Fazendo o balanço da actividade sindical dos Metalúrgicos do Sul no ano de 1982, a assembleia resolveu saudar os trabalhadores das indústrias metalúrgicas que participaram nas lutas pela «defesa e manutenção dos seus direitos, liberdades e garantias, em defesa das conquistas alcançadas e contra o Governo e a política da AD».

Na Madeira

Pessoal do Atlantis e Matur poderá despedir-se colectivamente

A maioria dos 430 trabalhadores do Hotel Atlantis e Matur admite vir a despedir-se colectivamente caso «a situação dos salários em atraso na empresa não sofra alterações» – revelou o sindicato do sector.

Em comunicação o Sindicato da Hotelaria adianta que «tendo em conta a situação da empresa e a inexistência de qualquer proposta de resolução da parte do Governo Regional, os trabalhadores decidiram, caso o problema não sofra alteração, rescindir com justa ccausa os contratos de trabalho e recorrer ao subsídio de desemprego».

Para o organismo sindical «esta atitude conduzirá ao encerramento das unidades hoteleiras e trará graves problemas para o turismo regional».

«Contudo – frisa-se – é a possibilidade que se oferece aos trabalhadores para poderem obter os meios de subsistência necessários às suas famílias».

Setenave sem salários

A administração da Setenave informou ontem os trabalhadores, em comunicado, que «não pode prever quando serão pagos os salários de Dezembro e o décimo terceiro mês». Esta grave situação, segundo os ORT's é consequência de o Governo continuar «perigosamente a adiar a resolução dos problemas» da empresa. Os trabalhadores manifestam, mais uma vez, a sua disponibilidade para analisar a situação, por forma a que se encontrem soluções positivas para a situação.

ASSEMBELIA MUNICIPAL DE CORUCHE

MOÇÃO

Mais uma vez o Governo, aliás desgoverno, da AD, Freitas do Amaral, Balsemão, se propõe retirar ao nosso Concelho alguns milhares de contos com a aplicação à sua maneira da Lei das Finanças Locais.

Assim, a Assembleia Municipal de Coruche na sua reunião ordinária realizada em 22/12/82, deliberou, com os votos a favor de todos os Vogais da APU e do PS e votos contra de 3 Vogais da AD, exigir do Governo o seguinte:

1.º **Que a Lei não seja violada de forma, que o nosso Concelho receba as verbas a que, pela Lei, tem direito.**

2.º **Caso o Governo AD e a sua maioria na Assembleia da República levem por diante os anunciados cortes previstos no OGE, a Assembleia Municipal de Coruche denuncia mais este acto anticonstitucional e prepotente que será mais uma razão imediata à demissão do Governo e dissolução da Assembleia da República.**

Coruche, 22 de Dezembro de 982

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CORUCHE

MOÇÃO

Considerando a estrondosa derrota eleitoral sofrida pela AD resultante da sua política antipopular e antidemocrática.

Considerando que a actual demissão do Governo é devida a essa derrota e como o que está em causa não é o nome do 1.º Ministro, mas sim o da mudança, desta política ruinosa (que nada resolveu e nada resolve) verifique-se os problemas da habitação, da cultura, ensino, agricultura, emprego, saúde, etc.

A Assembleia Municipal de Coruche em sua reunião de 22-12-82, deliberou, com os votos a favor de todos os Vogais da APU e do PS e 3 votos contra de Vogais da AD, aprovar o seguinte:

1.º Exigir a dissolução da Assembleia da República.

2.º Exigir a nomeação de um Governo de Gestão democrático que garanta no prazo máximo de 90 dias a eleição de uma nova Assembleia da República.

Coruche, 22 de Dezembro de 1982

Águas espanholas proibidas á pesca portuguesa a partir da meia-noite de hoje

Devido ao fracasso total das conversações realizadas em Lisboa, durante o mês de Dezembro, para a prorrogação por mais três meses do acordo de pescas com a Espanha, os barcos portugueses ficarão impedidos, a partir da meia-noite de hoje, de franquear águas espanholas, e os barcos espanhóis não poderão pescar nas nossas águas territoriais.

Aquelas conversações, que a Espanha pedira a Portugal, à CEE e a outros países, como é o caso de Marrocos, com quem tem acordos de pesca em negociação ou prestes a caducar, visavam dar tempo para estabelecer até 31 de Dezembro de 1982 «um plano de pescas de vigência anual», tal como informava no início do mês o gabinete do Primeiro-Ministro português.

Simplesmente essas conversações não conduziram a nada de positivo, o assunto ficou entregue às vias diplomáticas para ser retomado mais tarde – provavelmente quando em Portugal houver Governo. Até lá, os barcos dos dois países não poderão continuar a usufruir das licenças mútuas de pesca que hoje mesmo caducam.

Segundo informa hoje a ANOP, um protocolo adicional que tinha sido assinado já em 24 de Setembro «acabou por não merecer a aprovação do Governo português depois de prolongadas críticas dos meios especializados».

Negociações para desbloquear a situação foram desenvolvidas a nível governamental entre 1 e 4 de Dezembro, sem quaisquer resultados práticos, para além de uma ou outra aproximação pontual das respectivas posições. Queixaram-se, então, os espanhóis em declarações posteriores ao termo das negociações, de «falta de entendimento e definição clara dos objectivos a negociar por parte da delegação portuguesa».

Durante todo o mês de Dezembro prosseguiram os esforços de aproximação já a nível estritamente técnico, enquanto a Espanha pedia os referidos três meses de adiamento aos acordos em vigor. Tudo em vão e a situação volta esta noite ao ponto zero. De acordo com uma fonte oficial, de momento não há quaisquer contactos entre os dois países, não obstante se acreditar que eles vão prosseguir, mas apenas por via diplomática.

O que estava a der discutido ultimamente entre os dois países não é um novo acordo de pescas, mas apenas por via diplomática.

O que estava a ser discutido ultimamente entre os dois países não é um novo acordo de pescas, mas apenas um plano provisório de pescas com uma duração máxima de três meses.

O acordo de 1981 previa, de resto, que a sua duração não iria além da data de entrada de qualquer dos dois países na Comunidade Económica Europeia.

O acordo de 1981 era, para alguns sectores, favorável a Espanha, na medida em que o número de licenças para embarcações do país vizinho pescarem em águas portuguesas era francamente superior ao das licenças portuguesas para actuação em águas espanholas.

Especialistas consideram, porém, ser «um erro técnico» estabelecer este tipo de comparações à base das licenças concedidas. A equiparação deveria, sim, ser estabelecida, à base do chamado «esforço de pesca», que tem a ver com a capacidade das embarcações, as suas especializações e as capturas efectuadas.

Dois acordos pontuais, referentes à zona fronteiriça, dos rios Minho e Guadiana, apesar da sua especidade, terminam também hoje às 24h00.

Ano agrícola excepcional e colheitas a condizer

Os dados já confirmados sobre colheitas efectuadas no Verão e as estimativas, agora mesmo divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística sobre a recolha de certas produções agrícolas ainda em curso apontam, todas, para o facto de o ano agrícola que finda ter sido excepcional.

Concretamente, a informação de 30 de Outurbo do INE diz que a produção de milho, feijão, vinho, arroz e tomate foi substancialmente superior à do ano passado, enquanto a safra de azeite (como se sabe, a apanha da azeitona está a decorrer ainda em todo o País) promete ser superior em mais do dobro à de 1981: 135% de aumento.

Quantificando estas ideias sobre o ano agrícola, o INE diz que devem ter sido recolhidas 413 mil toneladas de milho, 33 mil de feijão e 984 mil de batata, o que corresponde a melhorias de 10,9 e 19 por cento, respectivamente, em função do ano passado.

Quanto ao arroz (produção avaliada em 140 mil toneladas), excede a colheita anterior em 23 por cento, com acréscimo da área cultivada de 34 por cento. Também o tomate destinado à indústria de concentrado rendeu mais 9 por cento o que corresponde à safra de 430 mil toneladas. Os dez milhões de hectolitros de vinho talvez não sejam ainda atingidos este ano mas a produção total é estimada pelo Instituto Nacional de Estatística em nove milhões e meio, ou seja, mais oito por cento.

Dez anos depois da adesão

A CEE é a ruína

— dizem os ingleses

Apesar de dez anos de presença britânica na CEE, a Comunidade Europeia continua a ter má reputação na Grã-Bretanha, onde a maioria da população continua a considerar como «coisa má» a filiação do país no Mercado Comum, segundo sondagens efectuadas por conta da Comunidade.

«Não há qualquer motivo para comemorar este décimo aniversário» – escreve a edição de 5.ª feira do «Daily Express» (nacionalista) em editorial. Quanto ao «Guardian» (liberal), seria bom substituir o «slogan» de há dez anos – «Europa ou Ruína» – por um outro, que o jornal considera bem mais apropriado: «Europa e Ruína».

Para o influente semanário «The Economist», «Grande parte da responsabilidade da má imagem da CEE recai sobre os políticos britânicos» cujos ministros, «a maior parte das vezes, tentaram diminuir o ritmo da marcha da integração europeia e conseguir lucros de índole interna através de ataques aos outros países europeus. Isso em nada ajudou os britânicos a gostarem da CEE, nem a torná-la mais digna do seu amor», acrescenta o semanário.

Por seu turno, o líder trabalhista Michael Foot, referindo-se a este décimo aniversário de presença britânica na CEE, fez uma declaração fiel à política oficial do seu partido, que defende a retirada, embora introduzindo-lhe algumas «nuances», ao afirmar: «Naturalmente, isso (a retirada) deveria ser feita em consulta inteligente com os outros países, tanto no nosso interesse como no deles.»

Efectivamente, inúmeros especialistas, mesmo no seio do «Labour», duvidam de que a retirada ainda seja possível, numa altura em que a CEE recolhe 43 por cento das exportações britânicas e garante a manutenção de 2,5 milhões de postos de trabalho.

Por outro lado, apesar da aversão pela CEE, os britânicos alteraram os seus hábitos, devido ao contacto com a Comunidade. Pelo menos, sete milhões de súbditos de Sua Majestade passaram a deslocar-se ao «Continente» durante as férias, contra apenas 3,2 milhões em 1972. E – «last but not least»... – o consumo de vinho duplicou nestes dez anos...

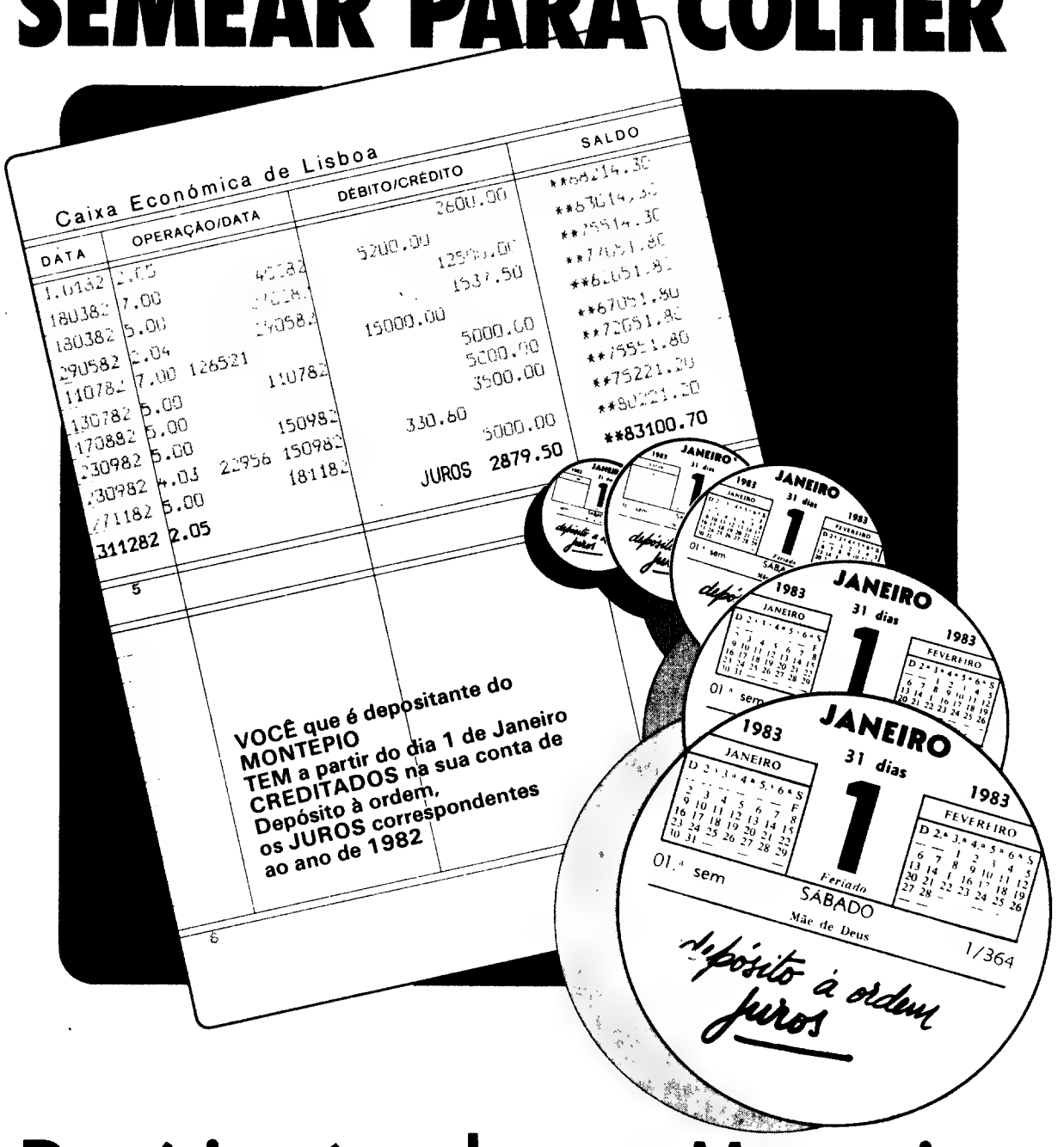
Presença forte na FACIM/83 já está a ser organizada

A Empresa de Turismo de Moçambique (ENT) anunciou, que em colaboração com a Agência de Viagens STAR, desencadeou um processo para assegurar o bom acolhimento a todos os industriais que se desloquem à FACIM/83.

Prepara-se assim con antecedência – disse a ENT – a realização da próxima Feira Internacional de Maputo, a decorrer no fim de Agosto.

A ENT tem a Agência de Viagens Star como seu representante exclusivo em Portugal, para todos os assuntos relacionados com a ida a Moçambique dos participantes na FACIM/83.

SEMEAR PARA COLHER



Depósitos à ordem no Montepio: Juro mais elevado mais cedo creditado

MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Belarte 7/82

Negociações estratégicas

Mais indícios de moderação nas exigências dos EUA

O governo americano termina o ano de 1982, considerando que há agora hipóteses razoáveis de se chegar a acordos sobre a redução das armas nucleares com a União Soviética, em 1983.

Contudo os círculos próximos do presidente Ronald Reagan não querem dizê-lo alto e bom som, com medo de que essas manifestações de optimismo sejam consideradas por Moscovo com um sinal de fraqueza provocado pela recusa do Congresso em financiar o rearmamento estratégico dos Estados Unidos seguido pelo governo.

Esta preocupação táctica expdlica as contradições aparentes que marcaram, nos últimos dias as declarações de vários responsáveis americanos sobre a evolução das relações com a URSS, e, particularmente, a propósito da extensão dos progressos realizados nas duplas negociações estratégicas de Genebra.

Essas declarações, geralmente positivas, incidiram, ao mesmo tempo, nas negociações, que visam reduzir o arsenal dos mísseis intercontinentais das duas superpotências (SALT OU STARTI) e sobre as que visam limitar a instalação de mísseis de médio alcance na Europa.

No caso das negocaições sobre os «euromísseis», os dirigentes americanos têm a preocupação suplementar de não darem ao Kremlin a impressão de que Washington está pronta para fazer concessões, devido à oposição de uma parte da opinião pública europeia à instalação de novos mísseis, decidida pela NATO.

«Estamos um pouco optimistas», disse prudentemente o presidente Reagan, na quarta-feira à noite, na Califórnia, a propósito das negociações de Genebra. Ronald Reagan acrescentou ter recebido dos seus representantes em Genebra a garantia de que os soviéticos negociavam seriamente.

Esta apreciação do presidente americano situava-se mais ou menos a meio-caminho entre duas declarações bastante contraditórias feitas nesse mesmo dia. Durante uma entrevista televisiva, o responsável americano das negociações «START», Edward Rowny, tinha indicado que já tinham sido realizados em Genebra progressos suficientes para que haja 50 por cento de hipóteses de se chegar a um acordo em 1983. A Casa Branca e o Departamento de Estado declararam imediatamente que as declarações do general Rowny se devia ver apenas uma expressão de esperança.

Um comunicado oficial lembrava que os Estados Unidos tinham proposto a redução, para metade, dos mísseis intercontinentais, e a diminuição e um terço, para metade, das ogivas nucleares, e que isso constituía uma fórmula melhor do que a redução de mísseis em 25 por cento proposta pela URSS.

No entanto, um pequeno incidente registado anteriormente já tinha levado os observadores a pensar que os negociadores americanos em Genebra já haviam ultrapassado o estado do «tudo ou nada».

Pouco tempo depois do discurso de Yuri Andropov, que divulgou as propostas soviéticas, Edward Rowny considerou-as «prometedoras». O seu superior hierárquico, Eugene Rostow, director da Agência para o Controlo dos Armamentos e para o Desarmamento, rectificou logo a seguir essas declarações, qualificando-as de «decepcionantes».

As negociações sobre os «euromísseis» deram na quarta-feira lugar a uma confusão do mesmo género. Nos meios da Imprensa espalhou-se o rumor de que o negociador chefe americano, Paul Nitze, tinha sido repreendido pela Casa Branca por ter sondado os seus interlocutores soviéticos em Genebra a propósito de uma fórmula de redução que se afastava da posição oficial da opção zero.

A Casa Branca e Eugene Rostow qualificaram imediatamente essas informações de «absurdas» e reafirmaram que Paul Nitze continuava a defender a opção zero: não haverá instalação dos 572 novos mísseis da NATO com a condição de a URSS desmantelar os cerca de 220 ou 230 mísseis «SS-20» apontados à Europa.

Contudo, confirmava-se de boa fonte, próxima das negociações, que soviéticos e americanos já começaram a evocar – apesar de isso ainda não ter sido feito formalmente – fórmulas de compromisso que eliminariam apenas uma parte dos «SS-20» e permitiriam a instalação de uma parte dos mísseis da NATO.

A reticência dos círculos próximos do presidente Reagan em falarem de maneira demasiado aberta de compromissos e de progressos, explica-se, para certos observadores, pela convicção dos conservadores anticomunistas da Casa Branca de que os soviéticos só começarão verdadeiramente a negociar seriamente a retirada dos seus «SS-20» quando a NATO tiver começado a instalar os seus «Pershing-2» e os seus mísseis de cruzeiro.

O secretário americano da Defesa, Caspar Weinberger, um dos «duros» da equipa Reagan, quando se trata de enfrentar os soviéticos, encontrou ontem uma fórmula diplomática para falar positivamente da evolução das negociações de Genebra sem se comprometer. «Pensamos que há uma hipótese de se chegar a um acordo em 1983».

Andropov suger

O líder soviético, Yuri Andropov, admitiu a possibilidade de manter uma reunião cimeira com Ronald Reagan, pois considera que contatos a alto nível são «um método eficaz» revela a Novosti.

Andropov fez estas declarações ao analista político norte-americano, Joseph Kingsbury Smith, adiantando, na ocasião, que «as divergências entre os governos de Washington e Moscovo, em materia de armamento poderiam beneficiar com tal «cimeira».

«Esitem soluções para os problemas em discussão que não prejudicam os interesses das partes e conduzem a uma redução radical dos armantos de ambas, com grandes vantagens para paz e segurança mundiais».

Relativamente às mais importantes medidas que poderiam ser tomadas conjuntamente pela URSS e pelos EUA em 1983, Andropov apontou «uma redução recíproca das forças e armamentos na EDuropa Central» e a cooperação para «eliminar os focos mais perigosos de tensão, nomeadamente o Médio Oriente».

O mais importante, porém, no entencer do líder soviético, é a conclusão de acordos justos e mutuamente aceitáveis sobre a limitação e redução dos armamnentos nucleares de Médio Alcance na Europa, e a adopção de medidas praticas com vista à sua aplicação.

Perigo é real

«A ameaça da guerrra nuclear é hoje mais real do que há alguns anos», devido ao crescimento dos armamentos e à introdução de novos sistemas nucleares, que constituem um facto desestabilizador da situação internacional, declarou

Filipinas:

"A era Marcos — Virata tem de terminar"

A União pelas Liberdades Cívicas das Filipinas (CLU) exigiu, ontem, que o presidente Marcos e o primeiro-ministro César Virata se demitam, «para o povo poder ter um futuro».

«Para dar ao povo, em 1983, a esperança de um novo começo a era Marcos-Virata tem de terminar», afirmam, em comunicado conjunto o presidente da «CLU», ex-senador José Diokno, um antigo juiz do Supremo, José Reyes e um homem de negócios, de seu nome António Araneta.

Condenando os atentados «de índole económica, política e social» de 17 anos de poder do presidente Marcos, a União pelas Liberdades Cívicas das Filipinas exige a demissão do governo na data do 86 aniversário do herói nacional filipino, dr. José Rizal.

Estado de sítio levantado na Polónia

A suspensão do estado de sítio na Polónia, em conformidade com o decreto do Conselho de Estado (presidência Colegial da República), foi efectiva a partir da meia noite de ontem, anuncia a agência PAP.

«O estado de sítio será suspenso em 30 de Dezembro à meia-noite», indica o despacho da agência oficial, sem citar a sua fonte de informação.

Um nazi no Vaticano?

O Centro de Investigação de Criminosos de Guerra Nazis Simon Wiesenthal solicitou quarta-feira à Santa Sé que suspenda de funções um dos novos consultores do Vaticano, Herman Abs, revela o jornal britânico «The Guardian».

O centro, com sede em Los Angeles, disse que Abs dirigiu o Deutsch Bank de 1940 a 1945, tendo sido uma importante figura do Terceiro Reich, embora não tivesse sido acusado no Tribunal de Nuremberga. O rabi Marvin Hear, que dirige aquele centro de pesquisas, afirma estar ciente que o Banco do Vaticano desconhecia o papel de Abs na Alemanha nazi quando o nomeou seu consultor há seis semanas, para estudar o caso do Banco Ambrosiano.

Funcionalismo p em greve em I

Cerca de 60 mil professores israelitas filiados na central sindical «Histazdruth» associaram-se ontem ao movimento de greve desencadeado, na 4.ª feira, por dois dias, pelas outras categorias de funcionários.

Em consequência da greve, mais de um milhão de estudantes não tiveram aulas na 5.ª feira. As escolas maternais e primárias e um certo número de estabelecimentos secundários estiveram fechados.

Os 200 mil empregados da Função Pública reclamam novas convenções colectivas concedendo um aumento salarial de 120 por cento, associado aos prémios de vida cara, compensaria a inflação (cerca de 130 por cento).

Anteontem, os funcionários responderam em massa á palavra de ordem de greve da Histadruth (80 por cento segnndo os grevistas, 60 por cento segundo o Ministério das Finanças).

A vida quotidiana dos israelitas começa a ser seriamente afectada pela amplitude do mo-

Morte nas pri da África do

A Polícia sul-africana afirma ter aberto inquérito sobre as circunstâncias suspeitas da morte de três detidos negros, na quarta-feira de manhã, numa quinta da província do Natal.

A administração penitenciária atribuiu oficialmente a morte dos três presos a uma tripla insolação. Contudo, o general J. Otto, o mais alto dirigente da citada administração, declarou que «actos contrários aos regulamentos» poderão ter contribuído para a morte dos três detidos.

Igualmente «vítimas de insolação», embora em estado menos grave, deram entrada no hospital da prisão 44 outros presos, segundo revelou um porta-voz da administração penitenciária de Pretória.

As autoridades não esclareceram, até agora, que tipo de trabalho eram os detidos obrigados a

Noticiário em colaboraçã France Presse, Inter Pres lat

...ere "cimeira" com Reagan

em entrevista à Novosti, Gueorgui Arbatiov, director do Instituto dos Estados Unidos e Canadá da Academia das Ciências da URSS.

O académico soviético fez também, na sua entrevista, um apelo aos europeus ocidentais para que desempenhem uma pepel mais activo na definição dos termos da sua própria segurança.

Arbatov começou por considerar que as ilusões existentes nos EUA sobre a possibilidade de ganhar uma guerra nuclear, juntamente com a corrida aos armamentos, podem dar origem a um «conflito incontrolável».

O especialista soviético sublinhou que «o presidente dos EUA está rodeado de pessoas com pontos de vista extremistas. Alias – disse – o próprio presidente partilha, sem dúvida, em grande medida estes pontos de vista, essas pessoas pensam que é impossível viver em paz com a União Soviética, que é preciso tanto «mudá-lá», como bater-se contra ela».

O único meio seguro de evitar a guerra, disse, «é pôr termo à corrida aos armamentos, voltar à relações calmas e correctas entre os estados e ao desanuviamento».

«Deve-se agradecer ao presidente Reagan e à Administração americana a amplitude do movimento pela paz», afirmou Arbatov. «Mostraram a milhões de europeus e americanos que a ameaça da guerra não é um fenómeno do passado».

As conversações sobre os armamentos estratégicos e as armas nucleares de Médio Alcance na Europa, foram considerados como os únicos «momentos positivos» da política americana nos últimos dois anos, que se pautou, na opinião do especialista soviético, por um regresso ao «espírito da guerra fria».

Arbatov manifestou-se, contudo, convencido que para os EUA as conversações representaram apenas «uma manaobra política destinada a fazer calar a oposição».

Sobre estas conversações ainda, o académico soviético, após reafirmar a posição da URSS de manutenção da paridade entre os dois blocos, descreveu pormenorizadamenre as propostas feitas pelo secretário-geal do Partido Comunista Soviético, Yuri Andropov, na semana passada durante as comemorações do 60 aniversário da URSS, para redução dos arsenais nucleares.

Por último, nas suas declarações Arbatov considerou como «anormal», o facto de a Europa Ocidental não particiar praticamente nos mais importantes problemas relativos à sua segurança. «Essa situação não pode durar». «É impossível, afirmou Arbatov, dirigindo-se aos europeus ocidentais, viver eternamente numa estrutura do após-guerra, numa situação de parceiros menores».

Angola: suspensos 32 quadros do MPLA

Trinta e dois quadros do MPLA – Partido do Trabalho foram suspensos pelo presidente angolano José Eduardo dos Santos, disseram à ANOP fontes angolanas em Lisboa.

Um dos quadros suspensos é Ruth Lara, responsável pelo Departamento de Formação do MPLA – Partido do Trabalho e mulher de Lúcio Lara, membro do Bureau Político, acrescentaram as mesmas fontes.

Natural de Lisboa, onde frequentou o liceu Charles Lepierre e a Faculdade de Ciências, Ruth Pfluger Lara é filha de alemães que se refugiaram em Portugal no início do regime nazi.

Tendo sido forçada a exilar-se de Portugal em 1958, com seu marido, Ruth Lara participou activamente na luta contra o domínio colonial.

As suspensões foram decididas, disseram as mesmas fontes, na sequência do inquérito em curso sobre a representação, em 28 de Agosto, na festa do aniversário do presidente José Eduardo dos Santos, de uma peça de teatro de Costa Andrade, que continua detido para averiguações.

A quase totalidade dos quadros suspensos pertence à ala esquerda do MPLA – Partido do Trabalho e exercia funções nos departamentos de Informação e Propaganda, Educação e Formação, afirmaram as fontes contactadas pela ANOP.

A peça de Costa Andrade, que teria sido interpretada como um ataque contra a ala «tribalista», do MPLA – Partido do Trabalho, também conteria algumas alusões críticas ao próprio presidente angolano.

A punição do autor da peça e dos responsáveis pela sua representação só foi exigida na reunião do Comité Central terminada em 8 de Dezembro, o que confirmaria, no entender das fontes contactadas pela ANOP, tratar-se de um pretexto para desencadear um ataque contra a ala «esquerda» do partido.

As mesmas fontes consideraram destituídas de qualquer fundamento as explicações que atribuem a prisão de Costa Andrade e a suspensão dos responsáveis pela representação da peça a um conflito entre intelectuais e antigos combatentes da guerrilha.

Sublinharam, a propósito, que Costa Andrade reúne as duas qualidades, uma vez que é escritor e foi um dos mais destacados combatentes na frente Leste, durante a guerra contra o colonialismo português.

As fontes contactadas pela ANOP também afirmaram não existir qualquer ligação entre o caso Costa Andrade e a exoneração de Artur Pestana (Pepetela) das funções de vice-ministro da Educação, alegando que este solicitara há cerca de um ano ser afastado do Governo para se consagrar a tempo inteiro à actividade literária.

«Civilização cristã»

Angola acusou hoje a África do Sul e a UNITA de «continuarem, de forma deliberada e sistemática, a dirigir as suas acções criminosas contra as instituições religiosas e os seus membros».

Um editorial da agência ANGOP sublinha que a Igreja Católica é a mais visada, para acrescentar: «Uma Igreja livre, libertada ela própria dos compromissos que a uniram ao passado da opressão colonial-fascista, terá de ser combatida pelos nossos inimigos, fiéis servidores do sistema de 'apartheid'.

A agência angolana refere que «para cima de uma dezena de religiosos foram levados para as matas, e outros, pura e simplesmente, abatidos a tiro» e revela que uma viatura da igreja do Bié foi recentemente alvejada com um míssil «M-65», de fabrico norte-americano.

«Duas religiosas tiveram morte imediata, enquanto uma terceira e um sacristão foram arrastados para as matas», acrescenta a ANGOP.

«Depois, pela Europa capitalista, mas principalmente por Lisboa, são os comunicados, com guarida assegurada nas colunas de certa Imprensa defensora da «civilização cristã», a vangloriar novas vitórias, em que as vítimas são gente pacífica, que nem armada anda», escreve a ANGOP.

A agência noticiosa angolana afirma que em Angola existe efectiva liberdade religiosa.

Georges Marchais entrevistado pelo «Jornal de Angola»

O Partido Comunista Francês (PCF) é favorável ao reforço da cooperação com Angola e com o conjunto dos países em desenvolvimento, afirma Georges Marchais numa entrevista publicada ontem pelo «Jornal de Angola».

«A assinatura, em fins de Julho, em Luanda, de um acordo geral de cooperação entre os nossos dois países abre perspectivas frutuosas», afirma o secretário-geral do PCF, que denuncia, por outro lado, «os obstáculos levantados pelos Estados Unidos e pela África do Sul para impedir que a Namíbia se torne independente».

Marchais rejeita «o pretenso paralelismo entre a partida das tropas cubanas de Angola e a independência da Namíbia» e afirma a propósito: «É verdade que os Estados Unidos e a África do Sul não se embaraçam com a soberania dos países, senão quando ela os perturba.»

Arafat convidado a visitar a URSS

Yuri Andropov, secretário-geral do PC Soviético, convidou o presidente da OLP, Yasser Arafat, a visitar a União Soviética, soube-se em Tunis de fonte palestina.

Este convite foi entregue ao chefe da OLP pelo embaixador da União Soviética na Tunísia, Viesvolod Lischitchinko, durante uma audiência efectuada quarta-feira em Tunis. A data da visita não foi precisada.

Arafat regressou quinta-feira à capital tunisiana proveniente da Argélia, onde inspeccionou um contingente palestino em Tebessa, próximo da fronteira tunisiana.

A última viagem do presidente da OLP a Moscovo remonta a 15 de Novembro passado, data das exéquias do presidente Brejnev.

Enquanto isto, o líder palestino Yasser Arafat afirma que os socialistas espanhóis têm um dever de solidariedade com o povo palestino, numa entrevista publicada na Imprensa espanhola e citado pela ANOP.

Em declarações ao jornal «Diário 16», em Palma de Maiorca, onde se deslocou para se encontrar com o chanceler austríaco, Bruno Kreisky, Arafat lembra que o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) apoiou «desde sempre» a causa do povo palestino e que pode desempenhar um papel importante, na procura de uma solução de paz para o Médio Oriente, agora que detém o poder em Madrid.

O líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP) espera que o PSOE utilize a sua influência dentro da Internacional Socialista, na América Latina e em África, a favor de uma solução justa para o problema palestino.

Arafat considera positivo o facto de Espanha ser um dos poucos países europeus que não reconhece oficialmente Israel.

Por outro lado em entrevista publicada no Cairo pela revista «Am Mussawar», Arafat deu a entender que os guerrilheiros palestinos se retirarão de Beeka, se os libaneses lho solicitarem.

Finalmente, Issam Sartawi, conselheiro pessoal do líder da OLP, Yasser Arafat, confirmou em Paris a existência de negociações israelo-palestinianas para proceder a uma troca de prisioneiros entre as duas partes.

Yasser Arafat

De acordo com Sartawi, que não confirmou uma hipotética negociação realizada em Viena sob o patrocínio do chanceler Bruno Kreisky, as negociações estariam a decorrer sob os auspícios da Cruz Vermelha Internacional.

O conselheiro de Arafat, que manteve contactos secretos em Paris com Arieh Eliav, ex-secretário-geral do Partido Trabalhista Israelita, precisou que o interlocutor palestino não tinha recebido nenhum tipo de representação oficial da OLP.

Israel-Líbano

Em meios oficiais israelitas admite-se que israelitas, libaneses e americanos cheguem ao estabelecimento de uma ordem de trabalhos para as negociações durante o seu próximo encontro na segunda-feira em Khalde (Líbano).

Os mesmos meios referem a existência de «progresso» nas discussões, embora sem precisar qual. Contudo, no lacónico comunicado comum difundido na quinta-feira em Kiryat Chmona, israelitas e libaneses tornam oficial, pela primeira vez, que os Estados Unidos «participam» nas negociações e não são unicamente observadores.

Israelitas e libaneses evitaram cuidadosamente afirmar de que maneira Washington foi chamado a exercer esse papel «activo» quando do primeiro encontro de Khalde.

...público Israel

...as vimento. Desde domingo, os trabalhadores municipais em greve ...e- não apanham o lixo. A Rádio e a ...de Televisão difundiam na 4.ª e na ...os 5.ª feira apenas um programa ...n- reduzido assegurando as infor- ...or mações. No próximo domingo, ...os todos os serviços hospitalares ...la- poderiam entrar em greve. ...ta- Apenas os trabalhadores do ...os Município de Kiryat Chmona ...do (Norte de Israel) foram autoriza- dos pela Histadrut a prosseguir o ...eli- trabalho na 5.ª feira, pois tinham ...nte que assegurar as negociações ...no- israelo-libanesas.

...risões ...ó Sul

...se- fazer na quinta para onde tinham ...da sido transferidos na 3.ª feira pas- ...de sada.

Segundo os jornais, trata-se ...ce- de três presos de delito comum, ...ba- condenados a pesadas penas de ...s a prisão.

...ação com as agências ANOP, ...ress Service, Novosti, Prensa Latina

24 horas

URSS-VATICANO – O Vaticano rejeitou em comunicado as acusações proferidas quarta-feira contra o Papa João Paulo II pela agência noticiosa soviética TASS. A TASS deu quarta-feira grande importância a um artigo publicado pelo jornal «Politicheskoye Samoobrazovante» em que se considerava que o Papa havia inspirado «as actividades anti-socialistas do clero reaccionário», a formação do sindicato Solidariedade e outras «actividades subversivas» contra a Polónia e outros países socialistas. Esse «ataque pessoal» a João Paulo II – diz em primeiro lugar o comunicado da Santa Sé – «Não necessita de comentário nem de resposta». Mas – adianta – tal ataque «contrasta com a realidade dos factos e das situações que todos conhecem muito bem e sobre as quais a opinião pública mundial formulou um juízo dificilmente discutível». «Contradiz igualmente – conclui o comunicado da Santa Sé – as avaliações feitas por fontes soviéticas, inclusive oficiais, que reconheceram em várias ocasiões o alto magistério e o trabalho incansável do Papa João Paulo II a favor da paz e de uma justa solução dos graves problemas que oprimem a humanidade». O jornal do PCI, «L'Unitá» também condena as críticas soviéticas.

QUEIXA CONTRA O JAPÃO – Uma cidadã americana, mulher de um japonês, apresentou queixa contra o ministro nipónico da Justiça e reclama um milhão de yens (cerca de 3700 contos), por este lhe ter recusado uma autorização de regresso ao Japão. Segundo o diário «Mainichi Shimbun», a sr.ª Cathrine Morikawa, que reside desde há dez anos no Japão, previu deslocar-se à Coreia do Sul para passar o Natal, pedindo para esse efeito uma autorização de regresso ao Japão num gabinete do Ministério da Justiça em Yokohama (sul de Tóquio).

A sr.ª Cathrine Morikawa recusou-se, no entanto, a colocar as suas impressões digitais em vários documentos, entre os quais se contava o seu bilhete de identidade para estrangeiros. Esta medida, que é exigida pelas autoridades japonesas relativamente aos residentes estrangeiros, constitui uma profunda discriminação em relação àqueles e viola os direitos do homem, segundo a sr.ª Morikawa. A cidadã americana, de 32 anos de idade, pede, por outro lado, ao ministro da Justiça, Akira Hatano, que lhe seja imediatamente entregue uma autorização de regresso ao país.

EUA-CIA – A Casa Branca desmentiu, na 5.ª feira, que o director da CIA, William Casey, esteja prestes a demitir-se e a ser substituído pelo actual secretário-geral da Casa Branca, James Baker. «Não julgo que exista algo de verdadeiro em tudo isso», declarou o porta-voz, Larry Speakes, classificando de «pura especulação» a notícia, dada anteriormente por uma agência noticiosa.

ABALOS TELÚRICOS – Os cinco novos abalos telúricos que foram registados às primeira horas da manhã de ontem em várias regiões do lémen do Norte não teriam feito vítimas, indicava-se ontem a noite em Sanaa. Esses sismos, dois dos quais atingiram uma intensidade de quatro graus na escala de Richter (que conta nove), foram sentidos principalmente na região de Dhamar, 100 km a sul de Sanaa, já devastada pelo tremor de terra de 13 de Dezembro, que fez 2800 mortos. Os abalos também foram ressentidos em Taez (200 km a sul de Sanaa), em Hodeida (na costa) e na própria cidade de Sanaa.

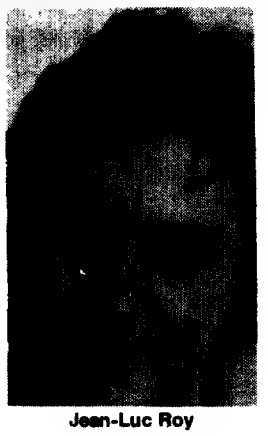
Pedro Cortez

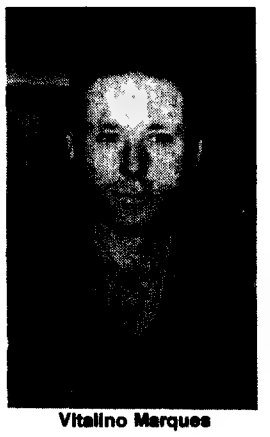
Teixeira Gomes

José Megre

Mira Amaral

Jean-Pierre Kurrer


Jean-Luc Roy


Vitalino Marques

Rali Paris-Dakar começa amanhã em Paris

Carros e pilotos portugueses presentes na grande aventura africana

Trezentos e oitenta e nove concorrentes principiam amanhã na Praça da Concórdia, em Paris, uma grande aventura africana. É o Rallye Paris-Dacar, que inclui desde motos a veículos todo o terreno e camiões, num percurso de 10 mil quilómetros, durante 20 dias, através da Argélia, Níger, Alto Volta, Costa do Marfim, Mali, Mauritânia e Senegal. Dois «teams» portugueses – a Portaro e a UMM – estarão presentes nesta grande prova com um total de oito equipas tentando repetir o êxito que alcançaram, a Portaro no Rallye do Atlas-/Paris-Agadir e a UMM neste mesmo Paris-Dacar.

A equipa «Portaro»

Das quatro equipas Portaro, a mais credenciada é a constituída por Jean Pierre Kurrer-Pierre Zanone, em Portaro 230 PV. Kurrer, o principal piloto da equipa, é um veterano das provas Paris--Dacar. Esta será a sua quinta participação naquele Rallye. Tem 37 anos e é um dos maiores promotores de veículos todo o terreno no seu país. O ano passado, fazendo equipa com Jean-Luc Ray, ao volante de um Portaro, obteve a vitória absoluta no Rallye do Atlas.

Jean-Luc Roy faz a equipa com François Xavier Beaudet. É jornalista e também experiente neste tipo de provas. Xavier Beaudet é jornalista do «L'Équipe» e embora nunca tenha competido, fez a cobertura para o seu jornal das quatro edições anteriores. Dispõem de um 230 PV idêntico ao de Kurrer.

Vitalino Marques – José Fernando conduzirão um 320 PV. O primeiro tem 40 anos e é o mecânico responsável da equipa. Trabalha há alguns anos na fábrica da Portaro, em Trajouce. José Fernando, tem 29 anos e faz parte do Gabinete de Estudos da Portaro. Pilotou motos tendo obtido um terceiro lugar nos 500 km do Estoril.

Manuel João Gonçalves--Serge Proust, num Portaro 230 PV, constituem a principal equipa de assistência. Proust é técnico em viaturas deste tipo e responsável por todo o plano assistencial. Manuel João, veio substituir à última hora Luís Santos, um dos responsáveis técnicos da Portaro. É detentor de um vasto palmarés no motociclismo.

Laurentino Reis – Paulo Gomes (230 PV) é outra equipa constituída por mecânicos da marca.

Por último, José Barreiros, um dos mecânicos da equipa acompanha a prova no D-C3 fretado pela organização para dar assistência às equipas.

Kurrier acredita que a Portaro pode fazer uma boa prova. «No curto tempo de existência da equipa Portaro, e com a reduzida experiência havida, tendo sido feito o melhor, ainda se pode fazer muito mais – afirmou. Por isso acreditamos chegar ao fim e alcançar uma boa classificação».

Chegar a Dacar já não é o único objectivo da UMM

«Chegar a Dacar, custe o que custar», já não é o único objectivo da UMM, outro «team» português no Rallye, que participa com quatro carros, todos conduzidos por pilotos portugueses.

O ano passado a UMM teve um surpreendente resultado. Os três carros que partiram de Paris chegaram todos a Dacar, em boas posições. Este ano pretendem fazer melhor.

Os carros têm 160 HP e motores de 6 cilindros a gasolina.

A inscrição é feita em nome do Team SG Lights, o principal patrocinador. Os concorrentes são apoiados por outros patrocinadores, entre eles a Galp, a Centrel e o Instituto Português do Comércio Externo.

José Megre, um engenheiro há 15 anos ligado profissionalmente ao sector automóvel, preparador consagrado de carros de competição, piloto excepcionalmente dotado e o grande entusiasta em Portugal da ideia do Paris-Dacar, faz equipa com Jorge Mira Amaral. Participa na prova pela segunda vez. Na edição do ano passado, com um UMM a Diesel ficou em 45.º lugar, entre centenas de concorrentes. Mira Amaral é também engenheiro e tem feito rallyes como piloto e co-piloto nos últimos dez anos, tendo sido vencedor dm Troféu Ibérico de Pop--Cross.

Pedro Cortez e João Teixeira Gomes, constituem a equipa de ponta da UMM. Detentor de uma carreira brilhante como piloto de rallyes e de velocidade (5.º da geral no Rallye TAP de 1975), Pedro Cortez tem como missão andar o mais perto possível dos da frente. Esta é a sua segunda participação do Paris-Dacar. Teixeira Gomes, director comercial, de 35 anos, tem sido co-piloto de José Megre.

Vítor Paula-Carlos Barbosa e Camilo Marques constituem a primeira das equipas de assistência. Vítor Paula é preparador de Karts. Carlos Barbosa é técnico da Mocar há dez anos, bem como Camilo Marques.

Artur Rodrigues-Norberto Tomé e Silvino Alves, formam a mais heterogénea das equipas UMM. Artur Rodrigues é técnico da Peugeot e da Rolls Royce e viveu 18 anos em França possuindo seis diplomas de mecânica automóvel. Norberto Tomé, de 33 anos é brasileiro e reside actualmente na Bélgica. Foi compeão brasileiro de motociclismo em 1975/76/77 e 78 e participou em corridas europeias de «endurance» com as 24 horas de Le Mans e Francorchamps, em Honda 1100. Habituado a fazer a preparação das suas máquinas, apareceu em Portugal e demonstrou tal vontade de participar no Paris-Dacar, que foi integrado no Team SG Lights.

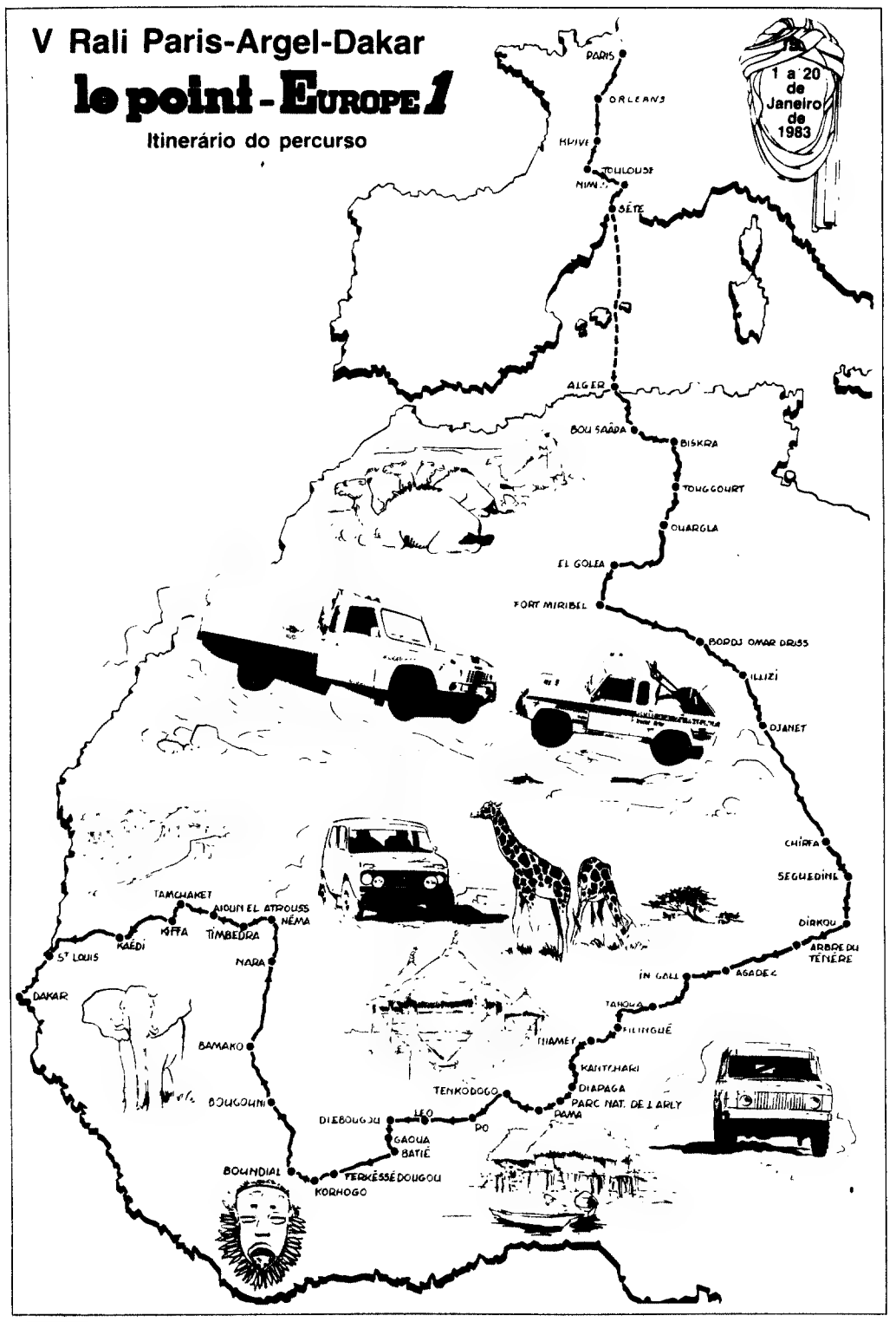
Finalmente Silvino Alves, de 28 anos, é técnico da Mocar, há 12 anos.

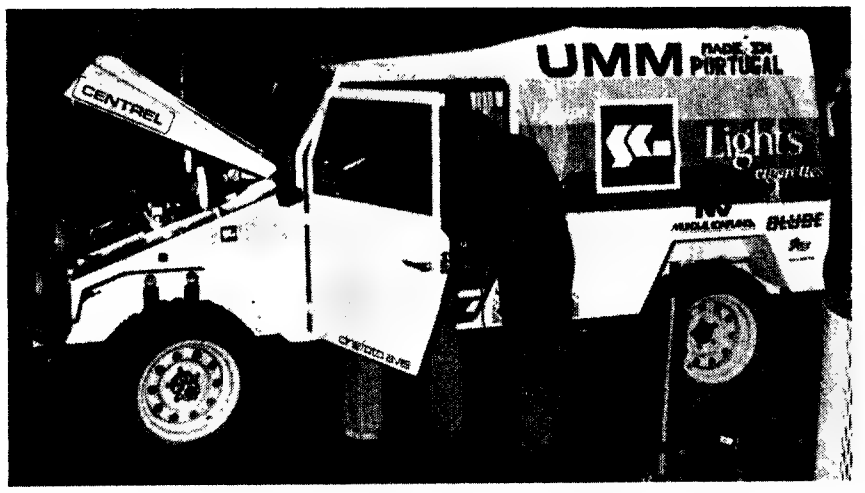
A estratégia do «team» já está definida. Pedro Cortez, como já dissemos, tentará andar o mais na frente possível, enquanto José Megre, que participa num carro igual ao de Cortez, manterá um ritmo mais suave, sem contudo deixar de lutar pelas posições da frente.

Os restantes carros que têm motores a gasóleo de 2500 cc e cerca de 85 HP, serão naturalmente mais lentos mas a sua função é dar assistência e chegar ao fim.

Os números dos carros portugueses

As equipas portuguesas presentes no Paris-Dacar, têm os seguintes números: 159 – Jean-Luc Roy-Xavier Beaudet (Portaro 230 PV); 160 – Jean--Pierre Kurrer-Pierre Zanone (Portaro 230 PV); 191 – Vitalino Marques – José Fernando (Portaro 320 PV); 192 – Manuel João Gonçalves-Serge Proust (Portaro 230 PV); 193 – Laurentino Reis-Paulo Gomes (Portaro 230 PV); 213 – José Megre – Mira Amaral; 214 – Pedro Cortez--Teixeira Gomes (UMM); 215 – Vítor Paula-Carlos Barbosa; 216 – Artur Rodrigues-Norberto Tomé-Silvino Alves.





À esquerda o Portaro. À direita o UMM. Duas viaturas de fabrico português que participam no Rallye Paris-Dakar e constuíram surpresa no mundo dos 4x4

DESPORTO

Domingo vê futebol de topo

Alvalade ao rubro: Sporting-Benfica

• *Amora defronta o Porto sob protesto*

O campeonato nacional de tuebol da divisão maior atinge o seu clímax no próximo domingo, com a realização de um programa de embates altamente aliciante, com todo o relevo para o duelo Sporting - Benfica que deve provocar, em Alvalade, uma bilheteira muito perto dos 20 mil contos, provavelmente o máximo **registado em confrontos** entre clubes portugueses.

Mas o demais calendário da ronda 14 é muito sugestivo: Amora -F. C. Porto, Braga - Estoril, Boavista - Setúbal, Portimonense -Guimarães e Espinho - Salgueiros. Já se efectuaram dois encontros: Alcobaça - Marítimo (0-0) e Varzim - Rio Ave (2-1).

Recorda-se como está a classificação, aberta a todas as «adivinhações» e palpites:

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	13	12	1	0	32-6	25
2.º Porto	13	9	3	1	29-6	21
3.º Sporting	13	8	3	2	26-10	19
4.º Varzim	14	6	4	4	13-21	16
5.º Guimarães	13	6	3	4	16-11	15
6.º Braga	13	7	1	5	21-15	15
7.º Rio Ave	14	6	2	6	25-21	14
8.º Estoril	13	5	4	4	13-18	14
9.º Espinho	13	4	3	6	8-14	11
10.º Setúbal	13	4	3	6	12-18	11
11.º Portimo.	13	4	2	7	16-18	10
12.º Marítimo	14	3	3	8	9-19	9
13.º Salgueiros	13	3	3	7	9-15	9
14.º Boavista	13	3	2	8	9-21	8
15.º Amora	13	2	4	7	8-21	8
16.º Alcobaça	14	0	7	7	6-19	7

Amora defronta o Porto sob protesto, por causa da deliberação federativa de não autorizar a transmissão televisiva do jogo. O clube da Medideira entregou o caso ao advogado dr. Jorge Fagundes.

Divisão 2

Prossegue também o campeonato da 2.ª divisão. Hoje, a partir das 15 (no Restelo) jogam Belenenses e Farense (Zona Sul). O restante calendário processa-se no domingo, pelas 15 horas. Eis o programa na **ZONA NORTE:** Valonguense -Oliveirense, Leça - Sanjoanense, Valdevez - Gil Vicente, Bragança - Riopele, Famalicão -Chaves, Vizela - Penafiel e Leixões - Paços Ferreira. Disputou-se no passado domingo o jogo Lourosa - Feirense (1-0).

ZONA CENTRO: Torriense -Sporting Covilhã, Benfica Castelo Branco - Anadia Rio Maior -Águeda, União Coimbra - Estarreja, Estrela Portalegre - Nazarenos, Peniche - Académico Coimbra, Beira Mar - União Leiria e Oliveira Bairro - Académico Viseu.

ZONA SUL – Odivelas - Sesimbra, Sacavenense - Juventude, Olhanense - Atlético. «O Elvas» - Vasco Gama, Nacional - Quimigal e Lusitano Évora -Cova Piedade. O jogo Barreirense - União Madeira (1-1) disputou-se no passado dia 1.

Divisão 3

O torneio do 3.º escalão roda mais uma etapa no domingo (15 horas) com a seguinte ordem de jogos na **SÉRIE A:** Valenciano -Felgueiras, Aves - Merelinense, Limianos - Moreirense, Vianense - Macedo Cavaleiros, Cabeceirense - Ponte Barca, Mirandela - Neves, Coelima - S. Martinho e Fafe - Monção.

SÉRIE B: Lixa - Ermesinde, Valadares - Paredes, José Alves - Ribeirão, Marco - Esmoriz, Vila Real - Lamego, Paços Brandão -Tirsense, Infesta - Lamas e Vilanovense - Amarante.

SÉRIE C: Mangualde - Alcains, Viseu Benfica - Tondela, Vildemoinhos - Poiares, Barco -Naval, S. Romão - Seia, Quiaios - Esperança, Ovarense - Guarda e Penalva - Mealhada.

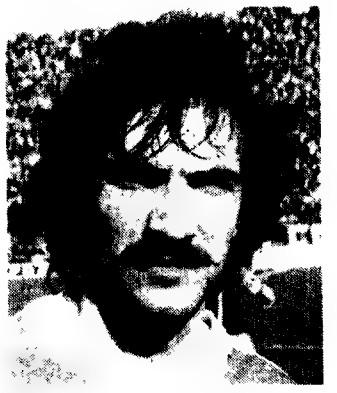
SÉRIE D: União de Tomar -Cartaxo, Marinhais - Pombal, União Santarém - Atouguiense, Marinhense - Portalegrense, Bombarrelense - Caldas, Nisa -Marinha, Alvaiázere - Almeirim e Alferrarede - Torres Novas.

SÉRIE E: Vilafranquense -Desp. Olivais, Sintrense - Lusitânia, SL Olivais - Cacém, Montijo - Campomaiorense, Santa Clara - Oliveirenses, Tires - Coruchense, Est. Amadora - Pêro Pinheiro e Oriental - Vialonga.

SÉRIE F: Costa Caparica -Moitense, Almada - Silves, Despertar - Esperança Lagos, Comércio Indústria - Louletano, Quarteirense - Alvorense, Lusitano VR - Seixal, Campinense -Vendas Novas e Santiago Cacém - Trafaria.

Alterações no que toca à 3.ª divisão: Olivais - Cacém (domingo pelas 11 horas) e Alferrarede - Torres Novas (adiado para as 15 horas de 23 de Janeiro).

Veloso, Bento, Humberto, Bastos Lopes, Diamantino e Chalana escutam Eriksson no apronto para a viagem a Alvalade



Os estrategas: Oliveira e Alves

Juniores: selecção

O Vitória de Setúbal venceu, por 2-0, a selecção de juniores, no jogo-treino realizado ontem, no Bonfim. A sessão foi dirigida por José Augusto.

VITÓRIA DE SETÚBAL – Padrão; Mota, Brito, Cerdeira e Nunes; João Cardoso, Nascimento e Jesus (Reis, na 2.ª parte); Rui Lopes, Da Silva (Narciso, na 2.ª parte) e Octávio (Formosinho, na 2.ª parte). Marcadores: Nascimento, aos 60 m e Narciso, aos 65 m.

JUNIORES: Sérgio (Sporting); Carlos Manuel (V. Setúbal), Carvalhal (Braga), Mourato (Sporting) e Fonseca (Benfica); Ernâni (Benfica), Cristóvão (Benfica) e Santos (Porto); Jorge Oliveira (Benfica), Semeddo (Porto) e Chico Faria (Benfica). Na segunda parte saíram Sérgio, Mourato, Ernâni, Semedo e Chico Faria e entraram Mota (Nazarenos), Rodolfo (Porto), Décio (Benfica), Barrocal (Benfica) e Joaquim Alberto (Braga), respectivamente.

Bento mais Benfica

Humberto Coelho, Nené, os irmãos Bastos Lopes e Diamantino já tinham prolongado os seus contratos com o Benfica: ontem, foi Bento que revalidou por mais três temporadas a permanência na Luz.

Reservas lisboetas

Mais um título para o Benfica: os «encarnados» conquistaram o título de campeão de reservas da Associação de Futebol de Lisboa, depois de terem vencido, ontem, o Atlético, por 4-2.

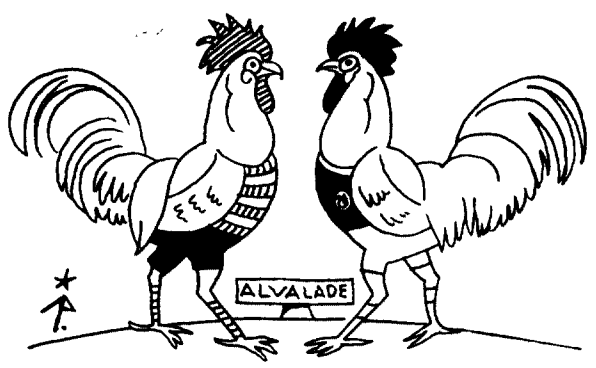
Futebol português sétimo na Europa

A Inglaterra é a melhor do futebol europeu em 1982 (juntamente com a Espanha e a RFA) estando Portugal em 7.º lugar, segundo uma classificação publicada na «Gazetta dello Sport», o diário desportivo italiano que tomou em conta aas actuações das selecções em jogos, mesmo particulares, realizados este ano. A Itália, campeã mundial, figura apenas em 14.º lugar, entre 33 países, o último dos quais é o Luxemburgo. De acordo com a classificação, a seguir à Inglaterra seguem-se a Áustria, URSS, Suiça e Polónia.

Medeiros: que sistema táctico perante os galopantes portistas?

Manuel Fernandes: «capitão» sportinguista tem dupla responsabilidade

O traço de Pargana



Luta de galos

MICROSCÓPIO

Hóquei lisboeta

O Benfica conquistou, ontem, a Taça Lisboa, prova organizada pela Associação de Patinagem lisboeta, ao vencer o Campo de Ourique, na Luz, por 13-2, em jogo da 2.ª «mão» da final. Ni primeiro encontro, os «encarnados» tinham vencido por 5-7. Sob a direcção de João Faria, (de Lisboa) as equipas alinharam:

BENFICA: Fernandes, Fernando Pereira (3), José Carlos (1), Picas (4), Leste (3), Piruças (1), Rodrigues (1) e Oliveira.

CAMPO DE OURIQUE: Moreno, Almeida (1), Matos, Miguel, Gualdino (1), Bernanrdino, Chico e Carrico.

Nova orgânica

Extinguir o Gabinete Técnico e criar uma nova estrutura que visa a coordenação das actividades das três disciplinas da patinagem (hóquei, corridas e artística) foi decidido pela Federação. Entretanto, o seleccionador José Lisboa, o preparador físico Luís Gouveia e os jogadores da selecção juvenil receberam um voto de louvor pelo 2.º lugar conquistado no Europeu realizado em Zaandam, na Holanda.

Amanhã: desporto na RTP

Uma revista desportiva do ano desportivo em Portugal será apresentada, amanhã, entre as 14 e as 20 horas, no programa «Trofeu», no segundo canal da RTP. José Sacadura e Paulo Frischknecht (natação), e Aurora Cunha (atletismo), Carlos Lisboa (basquetebol), Mário Ferreira e Marco Chagas (ciclismo), Jaime Lopes, Toni e Otto Glória (futebol), Ramalhete e Vale (hóquei em patins) são algumas das figuras desportivas convidadas para a emissão, que será coordenada pelos jornalistas Orlando Dias Agudo e Manuel da Costa. A emissão contará, ainda, com a presença de três profissionais de jornais desportivos: Murillo Lopes («Gazeta dos Desportos»), Eduardo Castro («Record») e João Alves da Costa («A Bola»). A revista desportiva internacional será transmitida a 8 de Janeiro.

Ainda no programa de amanhã: entrevistas com o prof. Lopes Marques (director-geral dos Desportos) e com o árbitro Veiga Trigo (injustamente relegado para plano secundário pelo Conselho Nacional de Arbitragem, no momento de indicação do substituto de António Garrido no futebol internacional).

DESPORTO

ponta esquerda

Luto no nosso jornalismo

Justino Lopes, jornalista de «O Primeiro de Janeiro» e de «A Bola», faleceu ontem no Hospital de Santo António do Porto. Acometido de colapso cardíaco, na sua residência, foi internado de urgência naquele estabelecimento hospitalar, sucumbindo ao princípio da tarde.

Justino de Almeida Lopes (55 anos) iniciara-se na profissão em 1958, como estagiário de «O Comércio do Porto», onde foi promovido a redactor em 1 de Julho de 1964. No exercício da profissão deslocou-se inúmeras vezes ao estrangeiro, sendo sobretudo conhecido nos meios desportivos como redactor especializado.

Justino Lopes era pai do jornalista José Manuel Simões Lopes, do quadro da redacção do Porto da «ANOP» e do vespertino «Notícias da Tarde». O «Diário de Lisboa apresenta sentidas condolências à família enlutada e em especial ao nosso camarada de trabalho Simões Lopes.

Coimbra: Académica sai da crise

Belo final de ano para a Associação Académica de Coimbra: recebeu um subsídio governamental cifrado em 2750 contos (do Ministério da Educação) e mais uma verba de 3000 contos (vinda da Secretaria de Estado da Cultura).

Ferreirense impugna campeonato bejense

Devido à greve dos árbitros de Beja (desde o passado dia 11) o Sporting Ferreirense anunciou que iria impugnar o campeonato distrital, por considerar que a nomeação de «juízes espontâneos», entre os espectadores, normalmente do clube da casa, é uma situação anormal e com graves implicações nesta fase da prova. A greve dos árbitros bejenses é uma forma de luta pelo aumento salarial e para que disponham de um advogado que, em Tribunal, os possa defender, em casos de agressões, no exercício das suas actividades.

Castigo no ténis de mesa

Informa a Associação de Ténis de Mesa do Porto: estando a decorrer o processo disciplinar aplicado por esta associação a Joaquim Vieira Martins (sénior, do Grupo Desportivo de Paranhos) o atleta fica suspenso de toda a actividade a partir do dia 27 do corrente, até à conclusão final do processo.

Hóquei em campo: juventude incentivada

Informação transmitida pela Federação de Hóquei em Campo:

«No âmbito das actividades promocionais, em especial quanto ao Pelouro de Juventude o Comité Olímpico Português solicitou a esta Federação a indicação de um a três atletas da modalidade, com idade compreendida entre os 12 e 16 anos e que possuissem uns requisitos que nos foram transmitidos, para a possível presença num estágio a realizar na Aldeia das Açoteias (Algarve), estágio este intitulado «Operação Juventude - Seoul 88», sendo no entanto a escolha final dos 20 jovens a estarem presentes no referido estágio de responsabilidade do Comité Olímpico Português.

«Tendo transmitido tal pretensão às associações de Hóquei em Campo de Porto e Lisboa, somente a Associação do Porto nos indicou o nome de três jovens, que indicámos de imediato ao Comité Olímpico Português.

«Tendo-nos sido informado que as inscrições ultrapassaram de longe a expectativa, a Federação de Hóquei em Campo teria de indicar um só atleta dos três apresentados. Por tal motivo resolveu esta direcção indicar o jovem Vítor Manuel Lourenço Marais, atleta do S.C.Riviera. Cumpre-nos informar que, conforme nos foi comunicado pelo C.O.P., esta iniciativa terá um carácter regular e periódico anual, pelo que em próximos anos espera a Federação Portuguesa de Hóquei em Campo poder estar representada nos estágios a realizar com um maior número de jovens atletas, que tenham tido durante a respectiva época bom nível desportivo, boa cotação de conduta, e equilibrado espírito «fair-play», requisitos impostos pelo C.O.P. para permitir a sua presença em tais estágios.

EUA querem Mundial de bola

A Federação Norte-Americana de Futebol apresentou ontem, oficialmente, a sua candidatura à organização do Mundial de 1986, segundo divulgou o seu secretário-geral, Kurt Lamm, em Nova Iorque. O acto preliminar de candidatura foi transmitido para Zurique, ao secretário-geral da FIFA, Joséph Blatter.

Placard

Xadrez entre invisuais

Pela quarta vez, António Vidinha ficou campeão nacional dos xadrezistas cegos, ao ganhar o «match», em seis partidas, que o opôs a Pedro Ribeiro vencedor do torneio zona do Sul na época finda. Vidinha perdeu o primeiro jogo, empatou o segundo e o quarto, tendo ganho o terceiro e o sexto. A quinta partida ficara suspoensa e concluiu-se ontem, co outra vitória do campeão, peloq que o resultado passou de 3-2 para o definitivo 4-2.

Europeu Junior

Entretanto, no Campeonato Europeu de Jniores, a decorrer em Groninga, Holanda, o portuense Luís Galego averbou mais uma derrota, frente ao grego Lazaridis, pelo que desceu ao penultimo lugar da classificação (29.°). A prova continua liderada pelo soviético Ehlvest, que venceu o checoslovaco Stchl, mantendo-se a meio ponto o actual campeão, Curt Hansen, da Dinamarca.

Boxe de 1.ª

Os norte-americanos Dwight Braxton e Michael Spinks, respectivamente, campeões do mundo dos meios-pesados (W.B.C. e W.B.A.) disputarão um combate, no mês de Fevereiro, em Caracas, para o título unificado, anunciou o promotor venezuelano Rafito Cedeno.

S. Silvestre: olhos e ouvidos em São Paulo

Dez atletas portugueses actuam na noite do Fim do Ano em corridas internacionais rotuladas com o nome de S. Silvestre. Na principal a de S. Paulo, no Brasil, competirão Carlos Lopes e Rosa Mota. Na competição de Luanda, actuarão Luís Horta, Renato Graça e Carlos Capítulo. Em Macau, Guilherme Alves, participa pela segunda vez acompanhado de Rita Borralho e, finalmente, Fernando Mamede e José Abreu exibir-se-ão em Madrid, tal como o júnior Luís Miguel, recente vencedor do Cross de Matos Velhos.

Mais de 6800 atletas de 12 países, entre os quais o nosso Carlos Lopes e Henry Rono (Quénia), em homens e Rosa Mota em senhoras, participarão, na noite de hoje na tradicional «São Silvestre» de São Paulo, nas ruas da cidade paulista.

Esta prova, cujo percurso foi elevado para 13,548 km contra os 8,300 km nos anos precedentes, é considerada como a mais célebre das competições pedestres do mundo, desde há 58 anos.

Reunirá uma vez mais as grandes figuras do atletismo mundial, entre as quais, pela primeira vez, o queniano Henry Rono, triplo recordista mundial (3 mil metros, 3 mil metros obstáculos e 10 mil metros). A presença de Rono dará uma explosão particular à corrida dominada nos últimos anos pelo belga Gaston Roelants e o colombiano Victor Mora, que ganharam a prova quatro vezes.

Mora (vencedor em 1972, 1973, 1975 e 1981) visará uma 5.ª vitória. **Para mim,** (disse) **os meus principais rivais serão Rono, Carlos Lopes e Hagelsteens que eu considero o sucessor de Gaston Roelants.** A Bélgica poderá continuar a tradição dos seus sucessos: seis vitórias com Lucien Theys (1950), Henri Clerck (1963) e Gaston Roelants (1964, 1965, 1967 e 1968).

Carlos Lopes, um dos veteranos de uma prova que jamais conseguiu ganhar, procurará atingir o topo do pódio depois de ter obtido numerosos lugares de honra. Henry Rono, terá a seu lado um outro africano Zacharia Barye. Terão que contar com as condições particulares da corrida e as suas dificuldades próprias, nomeadamente o aumento do percurso e a moldura humana nas ruas onde circulam normalmente os eléctricos. Ainda (e sobretudo) com a terrível subida da Rua da Consolação, onde se resolve a corrida. Um outro risco igualmente determinante: a chuva, que não cessa de cair na cidade.

Entretanto, na noite de São Silvestre-82, haverá uma imensa multidão nas ruas de São Paulo para seguir (a partir das 23.40 locais – 02 h. 45 tmG) o desenrolar da corrida, que terá facto único, 30 índios brasileiros em prova das tribus Xavantes, Terenas e Carajas, seleccionados pelas suas qualidades particulares de corredores de fundo.

Os últimos dez minutos da corrida serão transmitidos directamente pela RTP, em colaboração com a Rádio Globo (via satélite).

Por cá

A Amadora vai presenciar hoje, às 22 e 30, a S. Silvestre mais participada da história destas corridas entre nós. Inscreveram-se 520 atletas entre os já conhecidos e os populares dos dois sexos, batendo todos os recordes desta organização do Desportivo Operário do Rangel.

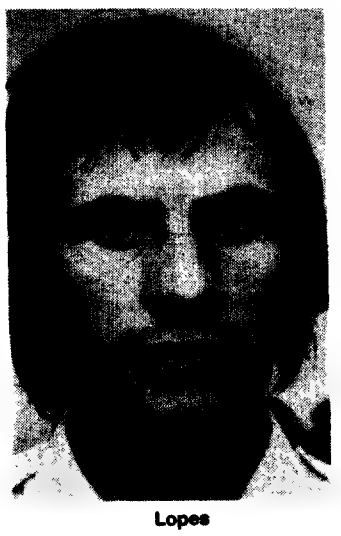
●

A disputar nas artérias do Bairro de Campolide e com partida prevista para as 22 horas, o Centro de Atletismo de Campolide promove também a sua prova que assinala a passagem da noite de S. Silvestre e que já vai na terceira edição. A prova é aberta a atletas deferados e populares.

●

No Porto (partidas pelas 23 e 30) os maiores favoritos da S. Silvestre organizada pelo nosso colega «Jornal de Notícias» são Aurora Cunha e António António Leitão, com a hipótese de José Sena também tocar o pináculo de uma pilha de prémios cifrada em 1100 contos.

Rosa



Lopes

●

Organizada pelo Clube de Futebol de Santa Iria da Azoia realiza-se também esta noite a IV S. Silvestre de Santa Iria, numa distância de 5000 metros. Este ano terá a particularidade de ser desdobrada em duas: uma de Marcha e outra de Corrida.

●

A União Desportiva Rossiense (Rossio ao Sul do Tejo) leva a efeito, a partir das 21 horas, a III Corrida de S. Silvestre, que terá uma distância de 8000 metros. Para além desta prova, haverá outras para os escalões mais jovens.

●

O Centro Cultural de Nisa organiza, com o apoio da Delegação de Portalegre da DGD, mais uma edição da Corrida de S. Silvestre, que se disputará esta noite ao soar da meia-noite.

●

O Clube de Campismo e os Bombeiros Voluntários de Ponte de Sor organizam uma corrida de S. Silvestre que, ao contrário da maioria, se disputa a partir das 18 horas naquela localidade.

●

Com o apoio da Junta de Freguesia de Agualva-Cacém, o Ginásio 1.° de Maio de Agualva, o Estrela Vermelha do Cacém e o Mira Sintra vão realizar no dia 2, domingo, pelas 9,30 horas, o I Grande Prémio do Ano Novo de Agualva-Cacém, competição que estes clubes pretendem integrar, futuramente, no calendário de provas da Associação de Lisboa. A corrida terá uma distância de 10 000 metros, percorrerá as principais ruas da freguesia e é aberta a atletas populares e federados, em vários escalões etários. Há prémios valiosos, oferta do comércio local.

Na sua agenda

Esgrima: assembleia federativa pelas 20 horas do próximo dia 11 de Janeiro, na Rua do Arco do Cego, 90, 5.° dt.° (Lisboa).

URSS: o fomento do desporto

Ontem, cumpriu-se mais um aniversário (o 60.°) da formação da URSS, país que tem dedicado ao fenómeno desportivo importância elevada. O desporto soviético avança com firmeza. Não é por acaso que o orçamento do Estado reúne num único capítulo as despesas com a saúde e o desporto.

Logo no primeiro quinquénio (de 1928 a 1932) os meios financeiros canalizados para aquele sector quadruplicaram em relação ao que se verificava antes da Revolução de Outubro de 1917. Em 1940, por exemplo, o montante atribuído à saúde e ao desporto ascendia já a 1,1 mil milhões de rublos. Actualmente atinge 15,4 mil milhões.

Ninguém estranha que a URSS seja considerada a nível mundial uma potência desportiva. Só em 1952 (em Helsínquia) os soviéticos começaram a participar nos Jogos Olímpicos. Desde então, num total de quinze olimpíadas (oito de Verão e sete de Inverno), conquistaram já 1018 medalhas (401 de ouro, 326 de prata e 291 de bronze). Como termo de comparação, saliente-se que o número de medalhas ganhas por outra potência desportiva mundial (os EUA) foi de 731 (311 de ouro, 235 de prata e 185 de bronze). Este total engloba as medalhas conseguidas pelos EUA nos jogos de 1948 (em Londres), a fim de atingir o mesmo número de olimpíadas, atendendo a que os norte-americanos estiveram ausentes dos jogos de 1980, em Moscovo, devido ao boicote imposto pela Administração Carter.

O direito ao desporto é, na URSS, um direito constitucional. A sua concretização desenvolve-se e aperfeiçoa-se porque existe em cada uma das quinze Repúblicas Federadas uma rede muito ampla de instalações. Essa rede vai desde os pequenos pavilhões desportivos distribuídos pelos diversos bairros até aos grandes complexos gimnodesportivos espalhados pelas várias cidades. Presentemente, há cerca de 3300 estádios polivalentes (com uma lotação superior a 11 milhões de espectadores), mais de 66 mil ginásios, de 19 mil campos de tiro, de 6600 bases de esqui, de 100 mil campos de futebol e 1450 piscinas. Aproximadamente 300 mil treinadores profissionais e 6 milhões de outros técnicos desportivos fomentam e dinamizam a movimentação do desporto.

Os melhores do ano

O norte-americano Jimmy Connors é o tenista do ano para a revista norte-americana «Ténis Magazine», que publicará na edição de Fevereiro de 1983 a lista dos melhores de 1982. A classificação anual desta prestigiosa revista do ténis apresenta a seguir Jimmy Connors o checoslovaco Ivan Lendl, o norte-americano John Mcenroe, o argentino Guillermo Vilas, o sueco Mats Wilander, os norte-americanos Vitas Gerulaitis e Gene Meyer, o argentino José Luis Clerc, o francês Yannick Noah e o espanhol José Higueras.

Segundo estudo realizado pela «Ténis Magazine», Connors foi durante 1982 o jogador mais destacado nos torneios em pisos relvado e rápido

Classificações estabelecidas para piso relvado: 1. Jimmy Connors (EUA), 2. John Mcenroe (EUA), 3. Johan Kriek (EUA), 4. Mark Edmonson (Austrália) e 5. Vitas Gerulaitis (EUA).

Pista coberta: 1. Ivan Lendl (Checoslováquia). 2. John Mcenroe (EUA), 3. Jimmy Connors (EUA), 4. Vitas Gerulaitis (EUA) e 5. Gene Mayer (EUA).

Pista de terra: 1. Mats Wilander, (Suécia), 2. Guillermo Vilas (Argentina), 3. Ivan Lendl (Checoslováquia), 4. José Luis Clerc (Argentina) e 5. José Higueras (Espanha).

Piso rápido: 1. Jimmy Connors (EUA), 2. Ivan Lendl (Checoslováquia), 3. John Mcenroe (EUA), 4. Vitas Gerulaitis (EUA) e 5. Guillermo Vilas (Argentina).

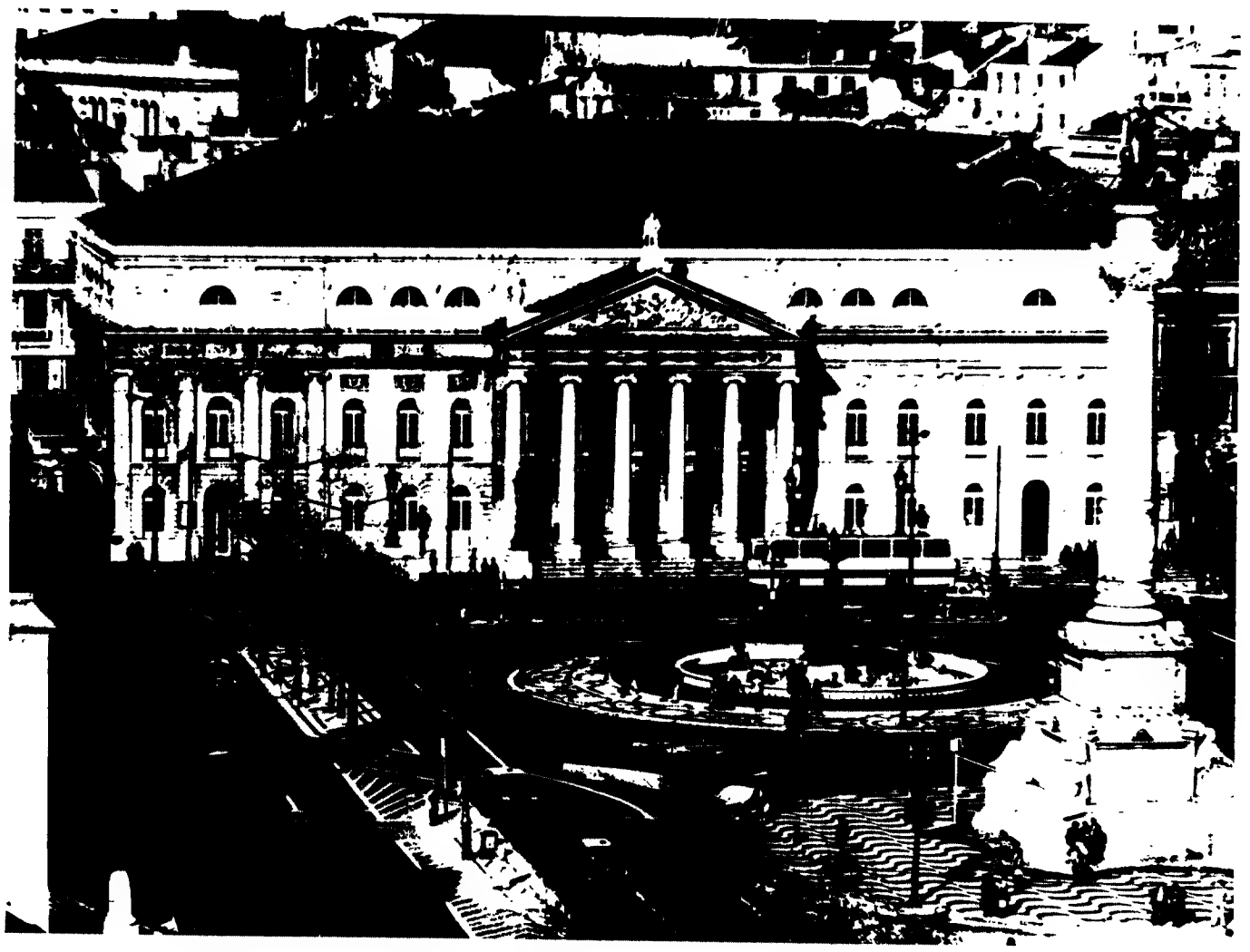
Colectividades

HOCKEY CLUBE DE PORTUGAL

De acordo com os estatutos, são convocados os sócios do Hockey Clube de Portugal, para reunirem na sua sede (Avenida do Brasil, em Lisboa), no dia 8 de Janeiro, pelas 14 horas, em assembleia geral extraordinária, para: discutir, aprovar ou modificar os novos Estatutos e para reunirem, (em assembleia geral ordinária) após a anterior, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.° – Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Direcção e o Relatório do Conselho Fiscal, relativos aos exercícios de 1979 a 1982; 2.° – Eleger os corpos gerentes para o biénio de 1983-/1984; 3.° – Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse para o Clube.

A assembleia geral extraordinária funcionará em primeira convocação, à hora designada, havendo «quorum» estatutário; não sendo este suficiente, funcionará, em segunda convocação, uma hora depois, com a presença de qualquer número de sócios, seguindo-se a assembleia geral ordinária.

O ano teatral em 14 títulos literários



Os amantes sem dinheiro

(Eugénio de Andrade)

Trabalhar por amor, diz-se. Pois é isso que fazem os artistas que gostam do que fazem. Mas o amor não enche barriga, também se diz. Sem apoios do Estado e de entidades privadas, não há teatro, não há teatro em parte nenhuma, a não ser aquele que vive à custa da bilheteira, a que justamente se chama teatro comercial, com tudo o que isso implica.

Mas não basta que haja subsídios, é preciso que estes possibilitem aos grupos que o mereçam subsídios, é preciso que estes possibilitem aos grupos que o mereçam um trabalho minimamente estruturado e realizado com aquela tranquilidade que a criação exige.

Mas não basta que haja subsídios de certa amplitude, é preciso que haja uma política teatral que torne rendível a utilização desses subsídios através uma planificação de trabalho teatral que até agora os grupos não têm podido fazer na ausência de regras precisas e atempadas. Oito anos depois de Abril, o teatro português vive ainda à custa de recursos da última hora, de improvisações, de esforços excessivos e desnecessários.

Contos do gin-tónico

(Mário-Henrique Leiria)

O que começou por ser uma experimentação tímida de novos espaços, de novos públicos, de renovadas formas de comunicação, acabou por se transformar num autêntico movimento. Referimo-nos ao café-teatro ou café-concerto, ou teatro de cabaret, ou como lhe queiram chamar. A escassez e irregularidade dos subsídios, o facto de permitir montagens simples e baratas, a necessidade da descoberta de espectadores que normalmente não vão ao teatro, explica a amplitude do movimento. Começou, nestes tempos mais chegados, com «Doxós Pousar», e o êxito que este espectáculo da Comuna obteve ajudou muito a fazer a bola de neve. Hoje há vários espaços em que o café-teatro se tornou trivial. Caso do «Sorriso», de Tété; do «Roller-Bar», de Zita Duarte, onde a actriz apresentou «Meu Nome É Som e Fumo» e repôs recentemente a peça de Georges Léautier, «À Procura de Alberto»; em Cascais, Santos Manuel abriu o «Ré Maior» e repôs um dos êxitos de Carlos Avilez, «Oração», de Arrabal, com Eunice Muñoz. Fernando Gomes e Marugo têm apresentado «Romance de Papel» e «A Última Moeda», isto para lembrar alguns do espectáculos de café-teatro.

O Dia dos prodígios

(Lídia Jorge)

Não foram muitos, mas não devemos ser exigentes. No nosso teatro, um autêntico prodígio por ano já seria bom. Com um pouco de boa-vontade, tivemos muito mais. Prodigioso, o espectáculo do Teatro da Comucópia com «Labirinto de Creta», de António José da Silva, encenação de Luís Miguel Cintra, uma criação que o público não seguiu como devia; prodigioso, o trabalho de João Mota (encenador) e do grupo Comuna, com o texto de Hélder Costa, «A Viagem», se calhar o melhor espectáculo do ano; prodigioso o trabalho de Irene Cruz, em «Oiçam como eu Respiro», de Dario Fo, surgimento de um novo grupo (O Novo Grupo) que vai dar que falar; prodigioso o êxito do espectáculo da Seiva Trupe, «Um Cálice de Porto», textos de B. Veludo, Manuel Dias e Norberto Barroca, encenação do último, um espectáculo entre a revista e o café-teatro que se tornou um caso da cidade e há-de ser um caso nacional, o maior sucesso dos grupos independentes; prodigioso o trabalho de Eunice Muñoz em «Gin Gale», no Teatro Nacional, e em «A Oração», de Arrabal, como o trabalho de Santos Manuel nesta peça; prodigiosa a interpretação de Glicínia Quartin, bem acompanhada por Fernando Heitor, nessa peça prodigiosa que é «Dias Felizes», de Beckett, encenação notável de Artur Ramos, reposição na Casa da Comédia prodigioso e maldito o espectáculo do grupo Cena, com a peça de Buchner «Leôncio e Lena», espectáculo alemão e portuense, que se está nas tintas para o público, e é esse o seu maior defeito (encenação de Stefan Stroux).

Há mais mundos

(José Régio)

Pois há. Este ano, por coincidência, fomos invadidos por muitos outros. A realização, em Coimbra, da III SITU, uma iniciativa do TEUC, permitiu a descoberta de alguns admiráveis espectáculos, como: o «Fausto», de Goethe, pelo grupo de Munique, Otto Falhenburg Schule, o espectáculo, entre a commedia dell'arte e a vanguarda, pelo grupo de Bréscia, La Stanza; a excelente realização com «luz negra» do grupo checo, Disk. No FITEI, no Porto, o melhor conjunto de espectáculos de sempre. Evoquemos rapidamente: «Tarantela», pelo grupo grego Kessarianis; «A Divina Comédia», espectáculo genial do Grupo Carrussel de Cádiz, «O Beijo da Mulher-Aranha», pelo grupo peruano Teatro del Sol, e ainda o espectáculo da grande actriz espanhola Maria da Paz Ballasteros, com dramaturgia de textos de Teresa Ávila.

Histórias de amor

(José Cardoso Pires)

Escrevem-nas quase todos os dias, em quase todo o país, os amadores que incansavelmente, teimosamente, insistem em provar que o teatro de amadores – tão rico de tradição – está vivo. A organização de festivais, como a Festa, da Intersindical, o da C.M. de Lisboa, entre muitos outros, cursos e seminários realizados um pouco por toda a parte, é disso prova. Lamentamos, ainda aqui, a inexistência de apoio, sem o qual a actividade destes grupos acabará por soçobrar. Lembraremos, entre outros, os seguintes grupos: Teatro de Carnide, que apresentou «Rei Lear», de Shakespeare, e «Os Anjos e o Sangue», de Santareno; o Teatro da Caixa que continuou a apresentar o seu grande êxito, «Tio Vânia», de Tchekhov, que já vem de 81; o grupo da TAP, com «Ligeiramente Sórdido»; o grupo da Ala Nun'Álves, de Gondomar, com «Uma Libra de Carne», de A. Cuzzani.

Um infinito silêncio

(António Rebordão Navarro)

MORRERAM Adriano Correia de Oliveira, Linda Demoel, Mariano Franco e Victor Garcia.

Uma mão-cheia de nada/outra de coisa nenhuma

(Irene Lisboa)

ACONTECE: o espectador do teatro português corre de Seca em Meca e depara com aquilo que epigrafamos. O teatro é também isso, o nada, às vezes pior, o mau. Algumas decepções, outras nem isso, a confirmação do evidente. As dificuldades explicam algumas coisas, não explicam todas. Vejamos alguns casos. «A Boda dos Pequenos Burgueses», de Brecht, pelo TEP, na encenação de Moncho Rodriguez; «Lady Strass», de Eduardo Manet, encenação de Carlos César, pelo TAS; «Sexta-Feira», de Hugo Claus, pela Seiva Trupe. Pior: «As Mulheres Também Perderam a Guerra», de Malaparte, pelo Teatro de Todos os Tempos. E que dizer de «Lisboa-1500», espectáculo do Teatro Ibérico sobre textos de Gil Vicente? O melhor é não dizer nada. E «O Meu rapaz é uma Rapariga», de Ron Clark e Sam Bobrick, no Maria Matos? E do espectáculo do TEAR com a peça de Augusto Sobral, «Quem Matou Alfredo Mann?» E de «Ser Poeta», sobre a vida e a obra de Florbela Espanca, do Teatro à Beira da Estrada?»

Mas incluir aqui estes espectáculos não obrigará a repensar «Pedro, o Cru», sacrifício da peça de António Patrício, espectáculo que tão mal abre a temporada do Nacional? Muitas dúvidas.

Mau tempo no canal

(Vitorino Nemésio)

NA RTP, o costume: teatro (português) ou não há, ou se há, melhor fora que não houvesse, fora as excepções, se é que as houve. Mais grave, imperdoável: foram destruídas as gravações de dos melhores espectáculos do teatro português dos últimos anos: «D. João VI» e «É Menino ou Menina?», ambos da Barraca. Crime cultural este que a boa educação me impede de comentar.

E que dizer da recusa da RTP em filmar o espectáculo com «Dias Felizes», alegando que tem um contencioso com o respectivo encenador, Artur Ramos.

Uma vergonha esta RTP.

A noite e o riso

(Nuno de Bragança)

FALAR da revista é falar, outra vez, de crise. Crise de criatividade agora agravada pelo desaparecimento, esperamos que temporário, do Adóque. Novos autores, novos encenadores, novos músicos, novos coreógrafos, novos actores – precisam-se. Sem eles, a revista corre o risco de estiolar ainda mais, e de viver uma morte lenta, uma morte sem glória.

Pelo lado do chamado teatro de boulevard as coisas não vão melhores. A única vedeta de cartaz que lhe resta, Laura Alves, é cada vez mais cartaz e menos vedeta, vítima de interesses que dominam, como sempre dominaram, o teatro comercial. Uma lástima.

Uma excepção: «Carne Cor de Rosa Encarnada», de M. E. Cardoso. que como teatro comercial merece alguma consideração.

Os nomes

(Gastão Cruz)

ENTRE os prodigiosos e os insuportáveis, os assim-assim, os que fazem parte do indispensável vaivém, do fluxo e refluxo que constitui o movimento sem pausas que é o teatro. Aqueles que merecem que o nome aqui fique. E o caso de «Rei Ramiro», texto de Rui Lopes, com encenação de Alberto Lopes, por um grupo sem nome que se apresentou no Teatro da (Universidade) Nova; de «Portugal, Anos 40», espectáculo integrado na exposição organizada pela Fundação Gulbenkian, com texto de Luiz Francisco Rebello e encenação de Carlos Avilez. É, com vantagem, o caso de um grupo à parte, as Marionetas de São Lourenço, que estreou dois espectáculos «Lá nas Traseiras do Mundo», e «História do Soldado», de Ramuz e Stravinsky. Outro caso – outro nome-especial: o do espectáculo «Abeliomonstro», com luz negra, do grupo portuense Realejo, uma das surpresas do ano.

Outros espectáculos a nomear: «A Gaivota», de Tchekhov, pelo Teatro do Mundo, com encenação de Rogério de Carvalho; «Drakula's Concerto», pelo Maizum, com encenação de Adolfo Gutkin; «Rapsódia Vicentina», arranjo de Deniz-Jacinto com textos de Gil Vicente, encenação de Castro Guedes, para o TEAR. Outra vez, «História do Soldado», desta vez no TEP, com encenação de Moncho Rodriguez; «O Rufia na Escada», de Joe Orton, encenação de Carlos Fernando, espectáculo do Teatro Hoje;«Fausto», de Marlowe, com encenação de Herlânder Peyroteo, pelo «1.º Acto». E em especial: «Classe Dominante», de Peter Barnes, com encenação de Luzia Maria Martins, pelo TEL, trabalho prodigioso do actor João Guedes. Finalmente, a Barraca, com a sua recente estreia: «Tudo Bem», textos de vários autores, encenação de Hélder Costa.

Ocupação do espaço

(António Ramos Rosa)

REALIDADE frágil, o teatro existe fora dos grandes centros que são Lisboa e Porto, antecipando aquilo a que agora pomposamente se chama política de regionalização. Vencidas as dificuldades que todos os dias surgem, o teatro da descentralização aí está com os Bonifrates (Coimbra), o Teatro de Campolide (Almada), Centro Cultural de Évora, Teatro-Laboratório de Faro. Teatro de Ensaio Transmontano (V. Real), Companhia de Teatro de Setúbal, Companhia de Teatro de [illegible]. Entre outros, autores com Ronald Correia, Gil Vicente, Horvarth, Italo Svevo, Jorge de Sena, Camilo Castelo Branco, Prosper Merimée passaram por esses palcos da descentralização.

As raízes do futuro

(José Régio)

O teatro para crianças e adolescentes continua a ser tratado como um parente pobre a quem se dá de comer na cozinha e o quarto da empregada que não há. Se o melhor do Mundo são as crianças, o teatro para elas é tratado como se fosse o pior. Tudo o que se faz em Portugal, neste campo, quer o mau, quer o bom, quer o assim-assim, quer o muito bom, existe quase por milagre. Em 1982, essa quase inconcebível situação reflectiu-se tanto em termos quantitativos como qualitativos nos espectáculos apresentados, os mais importantes dos quais nem negaram a Lisboa. Por isso, não faremos citações que não poderiam deixar de ser injustas.

Sem tecto entre ruínas

(Augusto Abelaira)

O Adóque sem espaço: a Barraca à espera de ser expulsa, sem espaço; o Teatro do Mundo sem espaço; o TEP, destruído o Teatro António Pedro, à espera do terreno para poder construir o seu novo espaço.

Assim vai o teatro em Portugal.

Sérgio Godinho

(Compositor, cantor, actor – Sérgio Godinho, preso no Brasil, torturado, finalmene em liberdade provisória. Uma vergonha. Uma indignidade. Daqui o nosso protesto.

Há-de haver uma lei

(Maria Archer)

Ministério da Cultura parturejou alguns documentos legislativos de relativa importância. O mais importante terá sido o que cria o Instituto Português de Teatro que, no entanto, não passará de um papel sem valor enquanto não forem criados os instrumentos que permitam o nascimento e operacionalidade do departamento em questão. A lei que institucionaliza o Museu do Teatro permitirá a existência de um organismo que poderá vir a ser, sob a orientação de Vítor Pavão dos Santos, uma autêntica célula viva de cultura.

Quanto à lei referente à classificação etária dos espectáculos, é de tal ordem que a Barraca já declarou que vai actuar como se ela não existisse.

Mas um dia, há-de haver uma lei de teatro a sério.

Carlos Porto

---

(1) Não é justo esquecer outros espectáculos estrangeiros. A saber: «Agora vou mostrar-te o hipopótamo», do dramaturgo brasileiro José Antônio Gouveia, interpretação de Geraldo Juché; «Stratégie pour deux jambons», texto e interpretação do actor francês Raymond Cousse; «Coéforas», de Ésquilo, versão francesa interpretada pelos alunos do liceu Charles Lepierre; o grupo Margen, de Oviedo; Nola Rae, com um espectáculo de mimo; o romeno Dorel-Neagen Laobescu, com a adaptação do romance de Eça, «O Mandarim», trabalho de Roxana Eminescu, interpretado em português. «O Diabo, o Doutor e o Louco», pelo Footsbarn Theatre.

Por fim, mas os últimos são os primeiros, o espectáculo genial de Marcel Marceau.

Discos

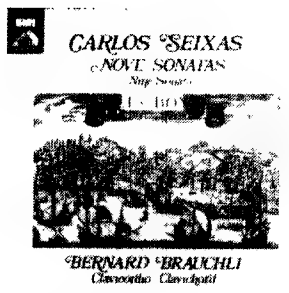
Um Fim de Ano cheio de música

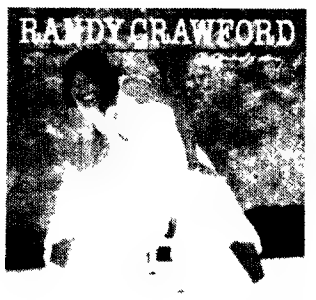
DISCOS: eles aí vêm. Destinados aos «sapatinhos» do Natal, e à Passagem de ano são legião. Esqueçamos os menos-bons, para falarmos dos muito-bons ou dos assim-assim. E, como é óbvio, este critério vê-se apenas aplicado aos discos que nos chegaram às mãos.

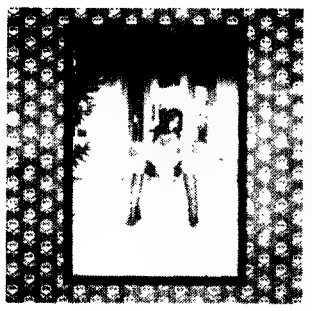
O clássico ataca em força e não esquece a música erudita de raiz portuguesa. Na série *Lusitana Música* — projecto que visa a documentação de épocas passadas da história da música portuguesa —, quatro acabam de ser publicados. Antes de dizermos quais, vale a pena salientar que todos eles têm uma característica comum: para uma interpretação estilisticamente correcta de obras instrumentais de mestres nacionais e de alguns mestres estrangeiros ligados intimamente à cultura musical portuguesa, foram usados apenas instrumentos históricos que se conservam nas igrejas e nos museus do país.

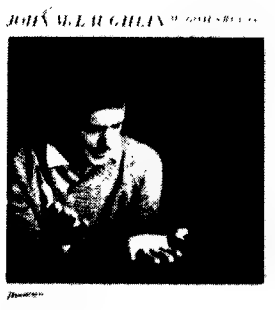
Vamos a eles: o primeiro Lvsitana Mvsica, com referência *III Opera phonographice edita A/4* põe ao nosso alcance Música de cravo portuguesa do século XVII. Como intérprete, *Cremilde Rosado Fernandes*. O segundo (III. *Opera phonographice A/5)*, proporciona a audição das sonatas de piano op. 18, de *João Domingos Bomtempo*. O terceiro *(III Opera phonographice B/4)*, permite ouvir o Órgão de Santa Maria de Óbidos tocado por *Joaquim Simões da Horta*. O quarto e último disco da série Lvsitana Mvsica agora publicados *(III Opera phonographice B/5)*, põe-nos em confronto com as sonatas de órgão, escritas por *Carlos Seixas*, e interpretadas pelo organista *Gerhard Doderer*.

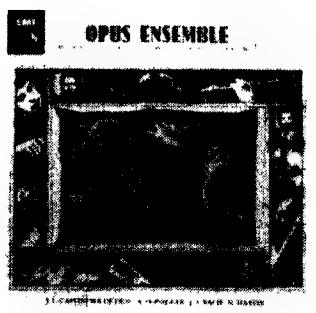
Se quiser continuar a descobrir a música que se faz e se fez no seu país, ainda dispõe de muitas outras opções.











De Seixas a Beethoven

Poderá optar, por exemlo, pelas *Nove Sonatas, de Carlos Seixas*, interpretadas ao clavicórdio por *Bernard Brauchli*. Carlos Seixas, sem dúvida o autor português mais notável da primeira metade do seculo XVIII, no que respeita à composição de sonatas e de cantatas, merece que o leitor o conheça melhor ou que o descubra.

A nível de música erudita portuguesa, a escolha não se fiva por aqui. *Ana Bela Chaves* (viola), *Olga Prats* (piano), *Bruno Pizzamiglio* (obué) e *Alejandro Erlich-Oliva* (contrabaixo), gravaram recentemente um album — *Opus Ensemble* — onde interpretam trechos de J.L. Castiñera de Dios, A. Honegger, J.S. Bach e M. Haydn. Uma obra encantadora e, francamente, a não perder.

Mas há mais: *João Domingos Bomtempo*, oboísto, pianista e compositor, o homem a quem se destina a ideia da Sociedade Filarmonica, a primeira sociedade de concertos fundada em Portugal, volta do além através de quatro discos. Os três primeiros (Vols. 4, 5 e 6 de um top intitulado *«Obras de Piano»)* incluem respectivamente a *sonata op. 20 — 12 estudos op. 19; sonatas op. 9, nos 1 e 2;* por último, *sonata op. 1 — fantasua op. 14 — valsa*. Todas estas sonatas são interpretadas pela pianista *Nella Maissa*. João Domingos Bomtempo surge-nos ainda por intermédio do *«Requiem op. 23»* (à memória de Camões), obra interpretada pelo Coro e Orquestra sinfónica da Rádio de Berlim (RDA), sob a direcção do maestro *Heinz Rogner*. «Requiem, op. 23), de João Domingos Bomtempo, conta ainda com a participação de *Ana Pusar* (soprano), *Heidi Riess* (contralto), *Christian Vogel* (tenor) e *Hermann Christiam Polster* (baixo).

Saindo da música erudita de raiz portuguesa para a internacional temos ainda dois discos a referenciar. O *«Bolero»*, de *Ravel* e *«O Mar»*, de *Debussy*, numa gravação da *Orquestra Sinfónica de Chicago*, dirigida por *Sir Georg Solti;* o *«concerto n.º 5 — Imperador»*, de *Beethoven*, interpretado pelo pianista *Radu Lupu*, por sua vez acompanhado pela *Orquestra Filarmónica de Israel*, dirigida pelo maestro *Zubin Mehta*.

Dos «blues» ao «country»

Mas nem só de música erudita vivem os melómanos. Razão suficiente para fazermos uma curta viagem ao reino dos «blues» e da música que de melhor se faz nos Estados Unidos. Comecemos por um grande» disco: *«The Harmónica Blues»*. Este album, com trechos de *Sonny Terry, Doctor Ross, Hammie Nixon* (com os *Sleepy John Estes)* e *Sonny Boy Williamson*, coloca problemas, tal a sua qualidade. Ou se opta por escrever muitas linhas acerca dele, descrevendo o encanto que da sua audição emana, ou então, opta-se por tentar dizer tudo numa palavra. E essa a nossa escolha: simplesmente fabuloso!

Os *blues* continuam na ribalta com *«Bluescene USA Vol. 1 — Rhythm & Blues de Chicago»*, álbum que inclui interpretações de *Elmore James, Willie Mabon, Ricky Allen, T.V. Slim, A.C. Reed e Jesse Fortune*, artistas que na sua maioria ainda são desconhecidos do grande público. Mas desconhecidos ou não fazem-nos penetrar e descobrir o sortilégio que caracteriza uma música saída em linha directa do delta do rio Mississipi.

E agora, leitores, toca a apertar o cinto porque vêm aí três discos que não são nenhuma brincadeira. Melhor dito: cada um no seu estilo, são verdadeiras fontes de prazer. *John Mc Laughlin* em *«My Goals Beyond»*, mostra-nos como se dedilha uma guitarra e os sons celestiais que se podem arrancar às suas cordas. *Randy Crawford* em *«Windsong»*, enfeitiça-nos com uma voz que ilumina quaisquer tenebras, que dá calor a quem tem frio, uma voz que nunca, mesmo nunca, se varrerá de qualquer ouvido. Mesmo que este ouça mal. Finalmente, *«last but not the least»*, Sua Exa. *Emmylou Harris*, a voz do «country» de qualidade. Nas suas mãos, ou melhor, nas suas cordas vocais, a grande responsabilidade de ter aberto os horizontes, por vezes estreitos, de uma música bem popular mas que, volta e meia, caía no «popularucho».

Emmylou Harris volta costas aos lugares comuns, faz explodir nas nossas orelhas palavras que não são vãs, conduz-nos pela mão para percursos de sonho. Bem haja.

M.A.

Política agrícola comum (CEE)

Continuação da pág 3

legítima a afirmação de que a CEE e a sua Política Agrícola Comum prestam maior atenção às actividades agrícolas localizadas ao Norte e Centro da Comunidade de que às culturas (produções) dos países (regiões) do Sul, tais como por exemplo as frutas, legumes, vinho e outras, às quais coube em 1978-80 somente 12 por cento das despesas totais do fundo atrás aludido. Na realidade, a França e a Rep. Federal da Alemanha produzem globalmente mais de 51 por cento de carne de vaca e de vitela da Comunidade, e, em conjunto com a Holanda e a Dinamarca, cerca de 70 por cento da carne de porco. Quanto aos chamados produtos do Sul, discriminados pela Comunidade, a Itália, tem posição de relevo na produção do arroz (92 por cento do produto final comunitário) e de frutas e legumes (40 por cento), colocando-se em segundo lugar na produção de vinho (39 por cento contra os 51 por cento da França: daí as dificuldades que os vinhos italianos têm encontrado na Comunidade em consequência da concorrência que podem fazer à produçâm vinícola francesa). Compreende-se assim que a Política Agrícola Comum seja considerada como um instrumento de «colonização» económica dos países ricos da Comunidade sobre as nações menos favorecidas, sistematicamente relegadas a uma atenção e a um papel secundário.

Uma «Europa» a duas velocidades

PELO anteriormente exposto pode-se dizer que a PAC dá um fraco ou nulo contributo à superação dos desequilíbrios internos da agricultura comunitária já que, tanto pela tipologia como pela cronologia das medidas tomadas e normas prescritas, penaliza as regiões (e os países) com uma economia agrícola desfavorecida e ao mesmo tempo trava o seu desenvolvimento. Na verdade, a Política Agrícola Comum não reduziu as diferenças existentes entre as agriculturas dos membros da Comunidade, antes pelo contrário, cavou ainda mais o fosso que as separa. A Europa comunitária no que concerne à agricultura (e não só) caminha a duas velocidades, com vantagem para os países economicamente poderosos, com capacidade de tirar maior e melhor partido das medidas aplicadas e de assegurar a dianteira que apresentam relativamente aos restantes parceiros comunitários. Isto pode-se confirmar pela observação comparada, de vários indicadores, tais como entre outros, a distribuição de gado, em valores absolutos e relativos, (factor que tem grande importância na elevação dos rendimentos agrícolas), a produção final por unidade de superfície, as taxas de variação do produto agrícola e da produtividade sectorial, o contributo relativo do sector na agricultura global da Comunidade, o respectivo rendimento médio. Assim, a Holanda, a Bélgica e a Dinamarca ocupam (1979), por ordem decrescente os três primeiros lugares no que se refere ao valor acrescentado por pessoa activa, seguindo-se-lhe a França, e a pequena distância desta, a Rep. Federal da Alemanha. A Itália e a Irlanda surgem numa posição muito desfavorecida, correspondendo a este último país a quarta parte do valor relativo à Holanda. Obviamente o vício da circularidade manifesta-se aqui em pleno, dado que a Política Agrícola Comum nada faz para o romper, mantendo e desenvolvendo capacidades diferenciadas para o investimento agrícola e reforçando, assim, as posições concorrenciais das agriculturas mais desenvolvidas. O distanciamento destas em relação às restantes tenderá a agravar-se inevitavelmente.

A PAC não acentua apenas as desigualdades entre as diferentes agriculturas comunitárias mas fá-lo também, dentro de cada um dos sectores nacionais, entre as diversas categorias socioprofissionais, promovendo umas e comprometendo a sobrevivência no sector de outras, sem a necessária contrapartida económica e profissional. Em todos os membros da Comunidade, com excepção da Itália, houve entre 1977 e 1980, por exemplo, um decréscimo do número de explorações com menos de 20 hectares, registando-se, pelo contrário, um aumento das explorações com mais de 50 hectares. Em termos globais (CEE «10») a taxa de variação destas últimas naquele arco de tempo doi de 1.1 por cento enquanto que todas as restantes classes de área a variação foi negativa. A PAC torna-se, por isso, um instrumento não de redução mas de agravamento das desigualdades nacionais e sociais, descurando a estreita relação que deve existir entre a política agrária e o progresso social na agricultura.

Que futuro para Portugal

A presença de Portugal neste espaço económico onde dominam as agriculturas mais evoluidas poucas ou nulas vantagens trará para a maioria dos nosso agricultores. Com uma estrutura de produção defeituosa e débitl e um grau de modernização deficiente que se podem avaliar através de diferentes indicadores tais como o peso específico da população agrícola, o contributo do sector no produto nacional e no comércio externo, o emprego de tecnologias mais produtivas e rendíveis, as produções unitárias das principais culturas, nomeadamente das de tipo chamado «continental», características dos actuais membros da Comunidade (ou da maior parte das suas regiões agrícolas), etc. – o nosso país nenhuma possibilidade terá de competir com os seus eventuais parceiros comunitários, ficando pelo contrário dependente destes. A inferioridade da nossa capacidade produtiva manifesta-se também num confronto de indicadores com a Grécia e com a Espanha, não só para as culturas atrás referidas mas também para as que são mais típicas destes países e de Portugal.

Grande parte dos produtos agrícolas portugueses com baixo grau de auto-abastecimento coincidem com os que são excedentários no seio da Comunidade (produtos lácteos, açúcar, cereais, carne bovina). Pela aplicação de uma das normas da PAC – a da preferência comunitária – Portugal não poderá adquirir aqueles produtos fora da Comunidade, como acontece em grande parte hoje em dia, sob risco de se sujeitar ao pagamento de determinadas taxas, mas terá de os obter no interior da própria Comunidade, caso adira a ela. Como os preços agrícolas europeus, são superiores aos preços mundiais, a nossa eventual adesão conduzirá à CEE inevitavelmente a um maior agravamento do custo de vida no nosso país. Com o sacrifício do consumidor português, a CEE encontrará em Portugal (como na Espanha, candidata como nós à Comunidade) um novo mercado para os seus excedentes estruturais que tantos problemas económico-financeiros lhe têm estado a causar.

Quanto às culturas (produções) mediterrânicas (fruta, legumes, vinho e azeite) poder-se-ia pensar que a entrada na CEE ofereceria boas perspectivas ao nosso país. Não nos parece, todavia, que isso venha a suceder. Com efeito, na actual Comunidade de «10» essas culturas têm relativa importância, em particular no Sul de França e na Itália, sendo de admitir que por parte destes e, afinal da Comunidade surja, como já está ocorrendo, forte resistência ao ingresso português (e espanhol) pelos problemas que ele irá criar a determinadas agriculturas comunitárias. Por outro lado, a Comunidade mantém relações comerciais com outros países da região mediterrânica, com estruturas de produção agrícola similares à nossa, assentes em acordos preferenciais e amplas facilidades à entrada dos seus produtos agrícolas na Comunidade. Pelo peso que esses países já demonstram nas importações da CEE será de prever da sua parte uma forte concorrência com Portugal, designadamente nos mercados do vinho e do azeite de oliveira, já que para os restantes produtos é inexpressiva ou praticamente nula a posição portuguesa nas importações comunitárias. Não é de admitir qualquer alteração daquele estatuto preferencial dado que a CEE tem relações comerciais extra-agrícolas (produtos energéticos e outros) com aquelas nações da zona mediterrânica, que não quererá de modo nenhum pôr em causa, pela importância que eles têm para o seu próprio desenvolvimento económico.

Finalmente a similitude das produções agrícolas de Portugal, Espanha e Grécia, com desvantagem para nós no que se refere às condições técnico-económicas de produção e à nossa actual penetração nos países que constituem a Comunidade, particularmente no confronto com a vizinha Espanha, leva-nos à conclusão de que será este o principal beneficiário do novo alargamento, caso este venha a verificar-se.

Tudo somado permite-nos afirmar que a adesão à CEE é um mau negócio para Portugal. A saída para a já longa crise agrícola portuguesa ter-se-á de achar pela concretização de uma política agrícola que, no plano interno, corrigindo os defeitos estruturais sectoriais e defendendo os interesses rurais e nacionais, seja ao mesmo tempo capaz de criar as condições e os estímulos necessários ao aumento da produção agro-alimentar, à melhoria da produtividade, à modernização e ao progresso social na agricultura. No plano externo, uma tal política implica uma diversificação das nossas relações económicas com o estrangeiro no interesse da agricultura e da economia nacionais. A Política Agrícola Comum e, em geral, a adesão à CEE não podem, por isso, deixar de ter acolhimento negativo por parte dos que procuram realmente um desenvolvimento económico e social independente para a agricultura (e para a economia) portuguesa.

FESTA DE FIM DE ANO

31 DE DEZEMBRO às 21.30h.

TEMPOS DIFICEIS

texto de ROMEU CORREIA

encenação de JOAQUIM BENITE

GRANDE SHOW

CARLOS MENDES • CARLOS PAREDES • HENRIQUE VIANA
HENRIQUETA MAYA • IO APPOLONI • IVONE SILVA
JOSÉ JORGE LETRIA • JÚLIO CÉSAR • LUÍSA BASTO
SAMUEL • TERESA PAULA BRITO • TÉTÉ • CARLOS PAULO
DANIEL GARCIA • FRANCISCO SEIA • JOÃO FERNANDO
JOSÉ FARIA • JÚLIA LARANJEIRO • LE-A-FAR
MACEDO DE BRITO • ZURK • CONJUNTO R/C ESQ.º
GRUPO CORAL «AMIGOS DO BARREIRO»

MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS

1 semana em Londres, Las Palmas ou Palma de Maiorca para 2 pessoas • Viagem ida e volta a Londres para 2 pessoas • Fim de semana no Algarve para 2 pessoas • **AGÊNCIA ABREU**

SERVIÇO DE CEIAS
ESPUMANTE GRATUITO

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE — TEL: 275-2175/275-6567

TEATRO ABERTO

SENSACIONAL

REVEILLON

I PARTE — ÀS 21 HORAS
A 150.ª REPRESENTAÇÃO DO ÊXITO DO ANO

OIÇAM COMO EU RESPIRO

II PARTE

PEDRO BARROSO	FERNANDO GIRÃO	MÁRIO VIEGAS

E AINDA...?
COMECE O NOVO ANO COM
O «NOVO GRUPO» DE TEATRO

SINDICATO DOS MÉDICOS DA REGIÃO SUL

(SEDE PROVISÓRIA)
AV. ALMIRANTE REIS, 182, R/C. E 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do Art.º 21 do Estatuto do Sindicato, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 10.1.83, pelas 21 horas, que reunirá no Anfiteatro do Hospital de D. Estefânia com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1) Discussão da Portaria 1103/82
(Regulamento dos Concursos da Carreira Médica Hospitalar e Mapa de Vagas para Especialistas Hospitalares).
2) Análise de formas de luta a adoptar incluindo hipótese de greve.

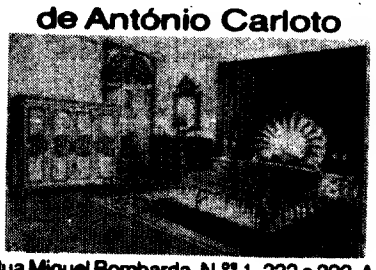
Lisboa, 29 de Dezembro de 1982

O Presidente da Mesa
da Assembleia
Dr. António Ginestal M. da Cruz

Armazéns de Móveis BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis em todos os estilos



Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.os 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel. 2072448
BARREIRO

TERRENOS

Zona privilegiada a poucos km do Portinho da Arrábida D. 145 c. Tel. 2211701.

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

Caminnos de Ferro Portugueses

FESTAS DO NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que no período do Natal e Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até ao dia 6 de Janeiro de 1983.

Entretanto serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 26, e 31 de Dezembro e 1 e 2 de Janeiro de 1983.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas secções de Informações ou os Avisos afixados nas estações.

Último dia às 21.30 h

TUDO BEM!
reflexões acerca do homem novo

SÁB. 1 e DOM. 2
às 16 e 18H
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

Eram de mundos diferentes, unia-os uma grande paixão.

O CAMINHO DA ESPERANÇA

—Taraana—

com **Ranjeeta Sharat Saxena**
um filme de Deepak Bahry
Colorido

CINE CAMÕES APRESENTA

O SEU FILME DE ANO NOVO SETXA, SÁBADO DOMINGO E SEGUNDA

Não aconselhavel a menores de 13 anos

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

LINHAS DO LESTE E BEIRA BAIXA

HORÁRIOS

Dado que os trabalhos de renovação da via, no troço Entroncamento — Abrantes, vão ser interrompidos no período de 20 de Dezembro de 1982 a 4 de Janeiro de 1983, nestes dias os comboios circularão normalmente conforme consta dos cartazes horários afixados nas nossas estações.

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTORIO NOTARIAL
DA MOITA A CARGO
DA NOTARIA LICENCIADA
ISAURA REVÉS DEODATO

Certifico que, por escritura de quinze de Julho de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada neste Cartório a folhas quatro verso do livro de notas para escrituras diversas numero 362-B, foi alterado totalmente o pacto social da Sociedade Cooperativa Anónima de Responsabilidade Limitada, sob a denominação de «ZONACOOP-METALO MECÂNICA MOITENSE, S.C.A.R.L.», com sede na Rua Classe Operária (antiga Rua da Estação), n.º 44, Moita, pessoa colectiva n.º 500722013, que passou a ter a seguinte denominação: «ZONACOOP-METALO MECÂNICA MOITENSE, C.R.L.», mantendo-se o local da sede na Rua da Classe Operária (antiga Rua da Estação), n.º 44 na Moita

A Cooperativa pertence ao ramo de PRODUÇAO OPERARIA, tem por fim e objecto a FABRICAÇÃO E REPARAÇÃO DE MATERIAL RODOVIÁRIO PESADO E METALURGIA SEMIPESADA, podendo desenvolver outras actividades complementares ou acessórias por deliberação da Assembleia Geral.

Está conforme. Cartório Notarial da Moita, 22 de Julho de 1982.

O Ajudante
(Assinatura ilegível)

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados
em BATAS PROFISSIONAIS
TINTURARIA GUANABARA
Dep. de Confecções
Av. João XXI 5-D - 1000 (metro Areeiro) Rua Infantaria 16, 55 C - 1300 LISBOA

Na NAZARÉ o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA BATISTA

20

Desenhos M. Blanc-Dumont

Texto Laurence Harle

continua

1983: «bruxos» franceses nada optimistas

Catástrofes, um «golpe» soviético e atentados figuram entre as previsões – nada optimistas – dos mais famosos magos franceses para o ano que se inicia amanhã.

O diário parisiense «France-Soir», que publicou quarta-feira entrevistas com dez dos mais célebres videntes franceses, observa que as previsões coincidem em numerosos casos, nomeadamente no respeitante a um terramoto nos Estados Unidos, um atentado contra Jacques Chirac, presidente da Câmara de Paris, problemas de saúde para os presidentes Reagan e Mitterrand, e uma derrota socialista nas próximas eleições municipais francesas.

Marcelus Toe Guor, chamado o «Nostradamus do Século XX», por ter anunciado, com um ano de antecipação, a data exacta da morte do general De Gaulle, pensa que os soviéticos invadirão a Europa Ocidental antes de 1990 e que a rainha Isabel de Inglaterra abdicará no final de 1983.

Elisabeth Tessier, que «viu» o atentado contra o Papa oito meses antes, afirma que 1983 será fatal para a saúde de Reagan e Mitterrand e que os «russos se envolverão num golpe sujo» em Junho.

Lena de Sinclair, que inclui no seu «curriculum» as previsões da morte de Grace do Mónaco e de Mendès France, da guerra do Líbano e do estado sítio na Polónia, prevê que Jacques Delors, actual ministro da Economia, será o próximo primeiro-ministro francês.

ONU: solidariedade entre trabalhadores

Empregados das organizações internacionais com sede em Viena solidarizaram-se com os de Nova Iorque que efectuaram em fins de Novembro uma greve de protesto contra as condições de trabalho.

Uma secretária empregada na «Cidade da ONU» em Viena, numa entrevista ao diário austríaco «Die Presse», sublinhou que considera justificados os protestos devido às diferenças sociais que se criam entre diplomatas, especialistas e secretárias.

Acrescentou que as diferenças começam pela limitação de compra de mercadorias sem direitos alfandegários e acabam nas férias pagas pelas organizações respectivas no país de origem.

A secretária, britânica, queixou-se também da falta de relações humanas entre os directores e o pessoal subordinado.

Geoffrey Holmes, director administrativo da ONUDI (Organização Para o Desenvolvimento Industrial) discorda daquela secretária e garante que na «Cidade da ONU» de Viena reina um ambiente social tranquilo e estável.

Mas tanto ele como Enid Stward-Goffman, presidente da organização que representa 30 mil trabalhadores da ONU – a FICSA – admitem que há pontos débeis na organização social das Nações Unidas.

A presidente da FICSA assinalou que causou «surpresa e descontentamento» que os empregados de Nova Iorque tenham actuado sem informar os seus colegas de Viena.

Salientou as diferenças de condições sociais entre o pessoal contratado em Viena e o proveniente do estrangeiro.

Os estrangeiros contratados em Viena não gozam dos privilégios dos restantes empregados, entre outros aspectos no que se refere aos custos com a educação dos seus filhos.

Os estrangeiros contratados, em Viena têm de mandar os filhos por sua conta a um colégio internacional.

Outro problema é o critério de distribuição de cargos, que às vezes são puramente geográficos, registando-se queixas de que há pessoas nomeadas para lugares para os quais não estão habilitados por falta de experiência e formação específica, sendo os subordinados a assegurar o serviço sem que por isso tenham qualquer compensação.

Em círculos da ONU anuncia-se que no próximo ano os especialistas da Organização pedirão uma equiparação salarial aos funcionários estatais já que «a qualidade dos programas da ONU depende da qualidade dos que os levam à prática».

Do petróleo também sai sangue

Sangue artificial derivado do petróleo, já administrado a 800 doentes, pode substituir em muitos casos o sangue humano, revelou o médico Ron Lapin à agência EFE.

O médico israelita Ron Lapin, que trabalha nos Estados Unidos, disse que os seus pacientes que receberam aquele sangue artificial, denominado «fuosol», são membros da seita cristã «testemunhas de Jeová».

O cirurgião Ron Lapin, de 40 anos, vive nos Estados Unidos há 25 e preside ao Instituto de Cirurgia Sem Sangue (Institute of Bloodless Surgery) na localidade de Fullertown, na Califórnia.

O «fuosol» é um derivado do petróleo, parecido com o «teflon» e produz-se de forma experimental num laboratório privado no Japão, «Cruz Verde».

Ron Lapin explicou ainda que as partículas do «fuosol» são cem vezes mais pequenas do que os glóbulos vermelhos, permitindo levar oxigénio vital a centros orgânicos que podem estar obstruídos, como nos casos de esclerose e trombose, entre outros.

O médico acrescentou que o sangue artificial não modificará o sangue humano e pode constituir uma reserva importante para a cirurgia, devido à falta de dadores de sangue.

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circule e viver.
2 RODAS 2vezes mais atenção!

54 45 45

centro S.O.S.
voz amiga

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Jogo, jogos, joguinhos, jogatanas

O último golpe no jogo de Freitas do Amaral continuou a merecer a atenção da RTP. Aliás, como sempre, o CDS pode contar com esta RTP, para toda a espécie de jogatana. O interessante da questão é que a Televisão ignora as forças políticas fora da AD, mesmo estando esta com os pés para a cova. Estranha forma de actuar (segundo Nascimento Rodrigues, deve ler-se **aktuar**) de uma «democracia plena». Estão a ver se não fosse plena...

No Telejornal surgiram José Vitorino (ridículo), Basílio Horta (preocupado), Rui Pena (descritivo), Nascimento Rodrigues (ena, sabe ler! Parabéns ao PSD), Vítor Crespo (má cassette, tipo pirata), Ribeiro Telles (« a extrema-direita não pode utilizar a AD para os seus desígnios») JSD, o Afeganistão – ai desculpem, eu ia lançado na transcrição das notas...

As declarações de Basílio apontam para a sorte-macaca da AD. Disse que o PSD devia repensar a escolha do Crespo propedêutico, atendendo à demissão de Freitas. Quanto a uma possível ruptura na AD... «preferimo-la a soluções que não sejam sérias e transparentes...»

As declarações de Basílio apontam para a sorte-macaca da AD. Disse que o PSD devia repensar a escolha do Crespo propedêutico, atendendo à demissão de Freitas. Quanto a uma possível ruptura na AD... «preferimo-la a soluções que não sejam sérias e transparentes...»

Branco é, CDS o põe.

O jogo político viria a conhecer outro fôlego com os tempos de Antena. A UGT, na pessoa de Torres Couto, veio desejar felicidades no novo ano e afirmar que «1982 foi um ano para os trabalhadores esquecerem». Que raio de jogo, Couto! Os trabalhadores devem é lembrá-lo bem. E lembram, descanse.

A propósito dos «êxitos» ugetistas nas negociações, teve o desplante de recordar os têxteis! Fala de unidade de acção, que deseja. E teve-a – com o Governo. Este – declara – é que foi bera para a UGT. Chegou a bater-lhe com a porta na cara. Ingratidões, Couto.

A CAP também tempantenizou. Agora defende o associativismo. Será uma associação género alcateia? Será, pois não creio em milagre que transforme agrários em missionários.

Espectáculo do tempo de Antena foi o PS. A demagogia da palavra de braço dado com a foleirice das imagens. Uma estranha xaropada em que havia inquietação e angústia – com Mário Soares em fundo, à beira-mar, num pôr-de-sol de bilhete postal. Falava-se de miséria, de fome, dos trabalhadores coitados – em fundo, um pobre de pedir, descalço, e o dr. Mário Soares, com um riquíssimo sobretudo, a caminho de casa. Falava-se da falta de casas, de desemprego – e via-se Soares, à lareira, entretido a mandar mensagem de Ano Bom!

Não se percebeu bem o jogo, se o entendermos numa perspectiva da mentalidade dos trabalhadores. Mas o jogo agora é outro: Soares é apresentado à burguesia como um dos seus – por muito que ele fale dos trabalhadores, é sempre um burguês, com sua calma, sua importância, seu sobretudo inglês, sua lareira, sua comodidade a funcionar como um carimbo. É como se Soares dissesse aos burgueses da franja AD: «Como vêem, não têm nada a temer...»

São estas pequenas coisas que descobrem muitos jogos. Aliás, a prática do jogo, nas suas múltiplas formas, esteve na base da «Grande Reportagem».

Houve o mérito de focar temas nacionais, ou a incidência entre nós. Houve trabalho à vista, não se traduziu do francês ou do inglês. Acumulou-se material em quantidade bastante para se ajuizar da gravidade da situação. Sempre que foi directa e objectiva, a reportagem ganhou qualidade e merecimento.

Claro que podia ser mais agressiva. Sentiu-se, aqui e ali, o travão metido às quatro rodas. Não se foi tão longe quanto se podia (quanto se devia) na denúncia dos grandes interesses que há por detrás dos casinos, nem na denúncia dos malefícios sociais, já conhecidos e reconhecidos, a coberto dos «benefícios» dos jogos de azar. E, mais grave de tudo, não se nomeou claramente a engrenagem social mais interessada em destruir os jovens (os «flippers», os bingos, etc., etc.), do que em facilitar-lhes a estabilidade (emprego, estudo, objectivos na vida, valores morais) e qualidade de vida – intensa prática desportiva, locais de convívio, etc., etc. Meditemos nas palavras daquele sociólogo americano que definia as juventudes dos Estados Unidos e da União Soviética: **Os nossos heróis são os beisebolistas; os deles, são os astronautas; nós damos-lhes «flippers», eles dá-lhes desporto e xadrez; nós educamos para a ociosidade, eles educa para o trabalho...**

Nandim de Carvalho reconhece que, ao jogo, anda ligada a droga, a prostituição, a malandragem (e por que não a gorilagem, dr. Nandim?). Que faz o Governo? Legaliza o jogo...

Com a legalização do jogo, o jogo deixa de ser clandestino e o Estado recolhe mais impostos. Bem bom!

Ou seja: para vencer o adversário, o Estado entra no campo dele; substitui-o. E, como se viu pelos casinos, a moralidade não ganhou muito. Ou seja: em vez de combater os ladrões, o Governo alinha com eles. Bonito!

Reparem no bacalhau: preço legal, 200$00; preço no mercado negro, 400$00. O Governo estabeleceu como preço legal o preço do mercado negro – e este desapareceu. Pois: quem passou a fazer o mercado negro – foi o Governo...

Uma vez mais, em «Grande Reportagem» esteve ausente a controvérsia que traria a lume as negociatas que geraram as grandes roletas. Abundou a água-de-colónia. Mas repito: a quem esteve atento, não lhe passou despercebido como as águas estão turvas...

Oxalá no próximo ano condições estejam criadas para a limpeza de tais águas. Na certeza de que, quanto mais tempo pas-

TV MARCELO
Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia.
Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu.
Serviço permanente inc. sáb. e domingos.
Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje

Amélia Rey Colaço e a actriz brasileira Betty Faria numa cena de «Gente Fina é Outra Coisa»

17.02 **Filme** – «O Homem das Sete Vidas».
18.22 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Pedra a Pedra** – Fortaleza de Mazagão.
19.20 **Tur/82** – «Procura de Qualidade» I.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – Sindicato dos Profissionais de Lacticínios, Sindicato dos Fogueiros da Terra e Único de Mestrança e Marinhagem de Máquinas de Marinha Mercante e Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Serviços Municipalizados.
20.45 **«Gente Fina é Outra Coisa»** – 8.º programa.
22.00 **Boa Noite Ano Novo** – programa de variedades nacionais e internacionais e filmes de longa metragem que se prolongará até às 08.55 do dia 1 de Janeiro.

Na emissão de fim de ano, serão transmitidos os últimos 10 minutos da corrida de S. Silvestre, pelas 2.45 horas, em colaboração com a TV Globo, via satélite.

Spencer Tracy principal intérprete do filme «A Montanha».

20.03 **Desenhos Animados**
20.25 **Caminhos do Eterno** – Museu Biblioteca Municipal de Portalegre.
21.00 **«A Montanha»** – intérpretes: Spencer Tracy, Robert Wagner, Claire Trevor, William Demarest, Richard Arlen e E. G. Marshall. Realizador: Edward Dmytryk.
22.45 **Telenovela** – «Cabocla».

Amanhã

08.55: Eurovisão – missa directa de Roma; **11.20**: Tempo dos Mais Novos; **11.35**: «O Pequeno Lord»; **12.00**: As Aventuras das Plantas; **12.30**: Eurovisão – transmissão directa de saltos de esqui de Garmisch; **13.00**: Sumário; **13.10**: Esqui – saltos de trampolim; **14.00**: Eurovisão – concerto de Ano Novo; **15.00**: Arca de Noé; **16.00**: Eurovisão – Sequim d'Ouro; **17.30**: Jogos de Natal; **19.00**: «Galáctica»; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.15**: Semanário; **21.00**: «Dallas»; **22.00**: Uma Noite com Liza Minelli.

14.02: Troféu; **20.00**: A Casa Flutuante; **22.00**: Jazz.

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO
AOS CONSUMIDORES

Comunicamos aos clientes de Fernão Ferro, Pinhal dos Frades, Quinta das Laranjeiras, Marco do Grilo, Fontainhas, Casal do Sapo, Casal do Marco (junto ao auto-estrada) e das freguesias de Amora e Corroios (concelho do Seixal) de que a partir de 3 de Janeiro de 1983 temos aberto, nomeadamente para pagamento de electricidade, o novo posto de atendimento de
RUA 25 DE ABRIL, 7-A - PAIVAS

Almada, 28 de Dezembro de 1982

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO ALMADA
José P. R. Nascimento

ENSINE
O SEU FILHO
Ensine o seu filho mais velho a levar o irmão pelo lado de dentro do passeio.

PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

OCARINA
Artesanato
Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério; Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça
Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 às 24.00. Todos os dias no mês de Dezembro

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO
AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 2 de Janeiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: Costa de Caparica (Contoneiros, Moscardo), Charneca de Caparica (Tojeiro, Monserrate, Cassapo, Qt.ª do Rego de Cima, Charneca de Caparica, Casal, Espeleque), Vila Nova de Caparica (Robalo, Vila Nova de Caparica, Lazarim (Lazarim), Vale Fetal (Palhais) das 8h 30m às 14h.

Almada, 28 de Dezembro de 1982

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO ALMADA
José P. R. Nascimento

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Gente Fina é Outra Coisa» (20.45)

«A Montanha» (21.00)

...e sugere para hoje...

Emerenciana diz a Belinha para ficar escondida no quarto até que ela consiga convencer Boanerges do seu regresso. Boanerges diz a Luís que terá de tomar muito cuidado com Neco. Tobias fica decepcionado quando Zuca lhe diz que quer vê-lo, mas não com a intenção de recomeçar o namoro. Zuca diz a Emerenciana que começa a sentir ódio por Tobias. Boanerges diz a Tobias que Zuca está apaixonada por outro homem. Quando vai dizer-lhe o nome, Tomé entra apressado na sala, dizendo que Felícia está a passar mal. Boanerges diz a Luís para não contar nada a Tobias sobre Zuca. Justino aconselha Neco a andar armado para se defender dos homens de Boanerges. Luís diz a Zuca que vai contar a Tobias que está apaixonado por ela, pois não pode continuar a esconder o seu amor.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

«Oiçam como eu respiro», um grande êxito de Irene Cruz, com texto de Dario Fo e Franca Rame encenado por João Lourenço e a participação dos actores Melim Teixeira e Carmen Marques, continua a ser apresentado no Teatro Alberto aos sábados e domingos, enquanto se aprontam os últimos ensaios de «O Suicidário». Hoje, com início às 21 horas, terá lugar o reveillon do «Novo Grupo de Teatro», cuja primeira parte será preenchida por «Oiçam como eu respiro», e a segunda por Pedro Barroso (acompanhado por Luís Sá Pessoa, Pedro Fragoso e Zé Calhau), Fernando Girão e Mário Viegas.

«Em carne cor de rosa encarnada», de Miguel Esteves Cardoso, com encenação de Carlos Quevedo, cenários de Júlio Pomar, música de Paulo Brandão e interpretação de Graça Lobo e Luís Madureira, continua em cena no Teatro Villaret, até 9 de Janeiro, às terças, quartas e quintas, às 22 horas, às sextas e sábados, às 21 e 23 horas, e aos domingos às 16 e 22 horas.

Amanhã, dia 1 de Janeiro, espectáculos às 16, 21 e 23 horas.

«Tudo bem (Reflexão acerca do Homem Novo)» termina hoje, às 21.30, a sua carreira na Barraca. O espectáculo tem encenação e dramaturgia (sobre textos de uma dúzia de autores portugueses) de Hélder Costa e é representado por Manuel Marcelino, Maria do Céu Guerra, Orlando Costa e Clara Rocha, entre outros.

Música

«Vinte anos de música rock em França» é o tema de uma exposição patente ao público no Palácio de D. Manuel, em Évora.

O certame, aberto até 2 de Janeiro, é promovido pelos serviços culturais da Câmara Municipal de Évora com a colaboração da Embaixada de França em Lisboa.

Painéis de fotografia, banda desenhada, filmes e cassetes sonoras, compõem esta mostra que retrata de forma retrospectiva as várias correntes de música rock em França.

Irene Cruz em «Oiçam como eu respiro»

Rádio

Destaques de hoje do Programa 2 da RDP: às 18.05, As Cores e as Formas – os quadros da Brasileira do Chiado (segundo programa); 21 horas, Navegar na Vida: os homens e os barcos do bacalhau; às 23 horas, Rectrospectiva/82 – Literatura (ficção, ensaio e poesia): participação de Lídia Jorge, Maria Lúcia Lepecki e Silva Dias (realização de José Manuel Nunes).

Exposições

Cargaleiro expõe cerâmica na Galeria de S. Mamede. O artista, que não expõe azulejos em Portugal há 15 anos, apresenta agora uma notável série de trabalhos de azulejaria com técnica e composição do século XVIII, transposta, claro está, em motivos modernos.

David de Almeida, consagrado com o Grande Prémio de Gravura na III Bienal de Vila Nova de Cerveira, expõe cerigrafias, colagens e gravuras na Galeria 111, ao Campo Grande (dias úteis, das 10 às 15 e das 15 às 19 horas, sábados das 10 às 13).

Gonçalo Duarte, artista radicado em Paris desde 1961, que foi membro do Grupo KWY formado por Lurdes Castro, José Escada, Costa Pinheiro, René Bertholo, João Vieira e Christo, expõe pintura na Galeria da Junta de Turismo da Costa do Estoril (Arcadas do Parque). A mostra está patente ao público todos os dias, menos à 2.ª feira, das 14 às 19 horas, até meados de Janeiro do próximo ano.

Livros

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris e incluída na colecção «Humanismo Clássico e Humanismo Moderno», foi agora publicada a obra de Mário Pacheco sobre «A Génese do Problema da Acção em Blondel (1878-1882) – Sentido de um projecto filosófico», trabalho com cerca de 300 páginas divididas por 7 capítulos que trata das grandes linhas gerais do pensamento de Blondel, reconstituindo o «itinerário» e os «índices» de uma primeira formação «biraniana» e sobretudo «ravaissoniana» do filósofo.

Auto Rádios e Anti Roubo

PHILIPS

EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMOVEL, SARL

Concessionário PHILIPS para instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 331022 1800 LISBOA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco Fundado em 18[illegible]

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇOES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	65$25	71$25
ALEMANHA FED (marco)	37$10	38$20
AUSTRIA (xelim)	5$15	5$35
BELGICA (franco)	1$707	1$907
BRASIL (cruzeiro)	$160	$410
CANADA (dolar notas de 1 e 2)	70$85	72$85
(notas de 5 a 1000)	71$35	73$35
DINAMARCA (coroa)	10$50	10$90
ESPANHA (peseta)	$665	$795
EUA (dolar notas de 1 e 2)	87$75	89$75
(notas de 5 a 1000)	88$25	90$25
FINLÂNDIA (marka)	16$60	17$20
FRANÇA (franco)	13$10	13$75
HOLANDA (florim)	33$50	34$40
INGLATERRA (libra)	142$75	146$75
IRLANDA (libra)	123$40	127$40
ITALIA (lira)	$058	$068
JAPAO (iene)	$339	$378
NORUEGA (coroa)	12$50	13$00
SUECIA (coroa)	12$05	12$65
SUIÇA (franco)	44$10	45$20
VENEZUELA (bolivar)	16$45	17$45

Observações

1. – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. – Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

STAR TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; **19.00**: Música; **20.00**: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; **20.15**: O espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.45: Música do século XX; **16.50**: Momento de poesia; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Intercâmbio musical; **18.05**: As cores e as formas; **18.35**: Intercâmbio musical; **20.10**: Música coral sinfónica; **21.00**: Dossiers sonoros; **21.40**: Intercâmbio musical; **23.00**: Retrospectiva/82 – literatura; **00.00**: Intercâmbio musical; **00.40**: «Sinfonia Simples», de Benjamin Britten; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Sortido fino, **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Música para meditar; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Musicando, **21.00**: Abanajazz; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Programa da LAR; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Discos LAR; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Grande círculo, **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **21.00** e **22.00** horas.

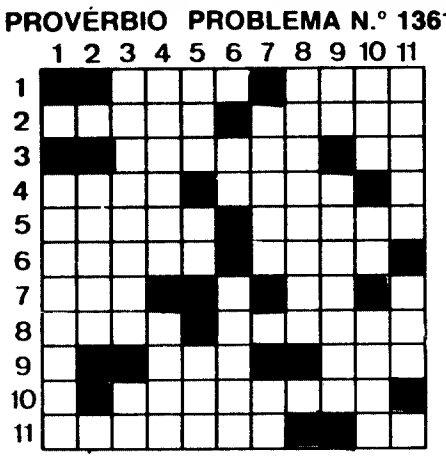
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **16.00**: Todos à uma; **21.00**: Programas culturais; **21.30**: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13615



HORIZONTAIS:

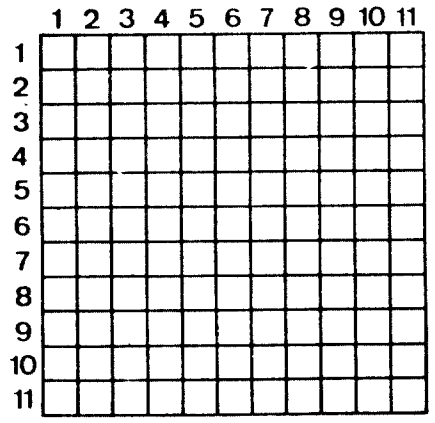
1 Preposição. Aquele que.
2 Levanta. Jumenta.
3 Divergi. Átomo.
4 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Doença que dificulta a respiração.
5 Socorre. Quadros.
6 Deslumbrou.(fig). Roupa de camponês.
7 Arara. Autores.
8 Reino da Federação Indochinesa. Tomo de assinatura.
9 Fedor. Oferecer.
10 Importunavam. (fig).
11 Bramiram. Arsénio (s.q.).

VERTICAIS:

1 Tempo do verbo ser. Azorrague com que, no Brasil, se castigavam os escravos.
2 Afia.
3 Freguesia do concelho de Penamacor. Clima.
4 Despachado. Caruma.
5 Chefe etíope. Pronome pessoal. Aparência.
6 Basta. Conselho do distrito do Huambo.
7 Barra de vestido. Antes do meio-dia.
8 Fantasias.
9 Pátria de Abraão. Cidade de Espanha.
10 Estava. Nesse lugar. Planta de fibras têxteis em Angola.
11 Assassinas. Mágoa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9475



HORIZONTAIS:

1 Cidade da Turquia. Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
2 Espécie de rã que vive nas moitas. Separa a baganha do linho com o ripanço.
3 Dás mios. Satélite de Júpiter. Rente.
4 Em a. Sentidas. Condolências.
5 Excêntricas.
6 Cachimbo persa em que o fumo atravessa água perfumada. Levas à toa, à sirga.
7 Sirio da Síria.
8 Artilharia antiaérea. Anel. Virtuoso.
9 Freguesia do concelho de Alenquer. Rã (pop).
10 Rompiam. Níquel (s.q.).
11 Artigo definido. Arara. Aio de D. Afonso Henriques.

VERTICAIS:

1 Cidade da Irlanda. Negra.
2 General de Napoleão. Tomaras rumo ou direcção.
3 Divindade do antigo México, personificação das águas celestes, senhor do inferno chamado Tlalocan. Suspiros.
4 Duna na Suécia. Basta. Nome de letra.
5 Nordeste. Remediar.
6 Tempo do verbo ir. Indignava.
7 Escuteiro. De alto preço.
8 Antiga medida para líquidos, entre os judeus. Estime.
9 Rio da Suíça. Solitário. Bromo (s.q.).
10 O vencimento de um soldado (pl). Alinda.
11 Tabernas. O mesmo que mas (pop).

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13614

HORIZONTAIS:

1 OLHAR. PARA.
2 Ião. Pó.
3 Ami Iacas.
4 Atentaram.
5 Un. Oau. Dam.
6 VA. Cv.Trono.
7 Assoamos.
8 Ana. Uso.
9 Nadasses. Eu.
10 Il. Sm. ED.
11 Ocasião. Seu.

VERTICAIS:

1 A. UVA. NÃO.
2 Limaras.
3 Haiti. Sadia.
4 Ao. Corais.
5 Inovais.
6 MATA. Massa.
7 Cauto. Emo.
8 Apar. Rs.
9 Rosado. És.
10 Man. SEDE.
11 Mt. Morou.

Provérbio. **Olhar para a uva, não mata a sede.**

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9474

HORIZONTAIS:

1 Jamaica. Has.
2 Ópio. Lias.
3 Man. Rui. Ras.
4 Orates. Caso.
5 Tremerão.
6 Ba. Me. Ir. Ad.
7Am Es. Alara.
8 Be. SSS. Ad
An. Sa. Atado
10 It. Escoa. Os.
11 Soas. Rs. Cs.

VERTICAIS:

1 Jomo. Babais
2 Apartamento.
3 Minar.
4 Ao Temesses.
5 Remessas
6 Use. Cr.
7 Ali Ria Aos
8 Carlota.
9 Harão.
10 Asas. Arados
11 Soldados.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
– Para Todos
Desenhos animados
O SEGREDO DE NIMH
Falado em português

SALA B

Às 14.15, 17, 19, 21 e 23
– N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
ASTERIX E CLEÓPATRA

5.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

3.ª semana

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
UMA AGENTE MUITO ESPECIAL

3.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE

3.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português

4.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
ANNIE

3.ª semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 21.30 – Int. men. 13 a.
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

Às 24
VIOLENTOS PROFISSIONAIS

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B
Estreia às 12.30, 14.30, 16.45 e 19
– Int. men. 18 a.
AS 1001 NOITES ERÓTICAS

Às 24.00
COM ELAS TODO O CUIDADO É POUCO

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
8.ª Semana
Às 24.00
A GUERRA DOS GANGSTERS

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Em exibição - Sexta, sábado, domingo e segunda
às 14.00, 16.30 e 21.30
n. a. m. 13 anos
O CAMINHO DA ESPERANÇA

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
É o máximo para as Festas de 82!
O ÁS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO

2.ª Semana

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Uma história de intenso interesse
A DIVA E OS GANGSTERS
c/ Frederic Andrei, Roland Bertin e Richard Bohringer

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
AMOR IMPOSSÍVEL

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
ANNIE

2.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
É o máximo para as Festas de 82!
O ÁS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo

2.ª Semana

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O VARREDOR
c/ Mário Moreno (Cantinflas)

3.ª semana

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30,
– N. ac. men. 13 a.
AC/DC, ALTA TENSÃO

Às 21.30
REVEILLON

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15
– N. ac. men. 13 a.
TRON
c/ Jeff Bridges e Bruce Boxleitner

Às 21.30
REVEILLON 82/83

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16 15, 18.30 e 21.30
– N. ac men. 18 a.
A FACE DO PODER

2.ª Semana

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Sempre prontos para um arraial de pancadaria
Os 3 INDOMÁVEIS MALUCOS EM FÉRIAS

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO
c/ Bud Spencer
Colorido

A saudade de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.00
– Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 21.00
– Int. men. 13 a.
DIVA

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.00
A SAUDADE DE VERONIKA VOSS
– N ac. men. 18 a.

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.00
– N ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 21.30
n. a. m. 13 anos
SCARAMOUCHE
Às 15.00, 17.00 e 19.00
O MESTRE ESCOLA

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
SUPERTOTÓ

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
c/ Peter Sellers e David Niven

2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.15
– Para Todos
O SEGREDO DE NIMH

2.ª Semana

S. JORGE SALA 3

– N. ac. men. 18 a.

Às 14, 16.15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÓMENO
9.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

2.ª Semana
Às 21.30
REVEILLON 82/83

7.ª ARTE 730715
Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19 10, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
Domingo às 11.15 – Para Todos
ASTERIX, O GAULÊS

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

17.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21 30 e 23.30
– N ac men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595
Av da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
PAPUÇA E DENTUÇA
Technicolor
Falado em português
4.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O VARREDOR
c/ Mario Moreno (Cantinflas)

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14 15, 16 30, 19
– N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER
11.ª Semana
Às 23 45
UMA ESCRAVA E UM DESCANSO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «O Ás dos Ases», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «O Calor das Caloiras», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Uma Mulher para Todos», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «Os Deuses Devem Estar Loucos» 21.30 (13 anos
ROYAL – «Conan e os Bárbaros» 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «A Roda da Fortuna» 21.30 (13 anos)
2000 – «Pink Floyd» 21.30 (18 anos)
ZODÍACO – «Uma Sombra no Amor» 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

PAREDE – Royal-Cine – «O Caminho da Liberdade», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Casal Trapalhão», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Condorman», às 21.15 (6 anos)

CASCAIS – Oxford – «Annie» 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «A Corrida Mais Louca do Mundo» 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine Estúdio – «Ferifox» 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Guerra do Fogo», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

CACEM – Estúdio Flores – «Bólides de Morte» 21.30 (13 anos)

DAMAIA – D. João V – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Fama», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Annie», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «Vingança ao Amanhecer», às 21 15 (13 anos)

Porto

TERÇO – «Os Boinas Verdes», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Desordem na Terra dos Gringos», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Dói-me Aqui, Sr. Doutor», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «007, Operação Relâmpago», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
OLÍMPIA – «Os Executores», às 21.30 (13 anos)
AGUIA – «O Bombardeiro», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «A Bela Siciliana», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
COLISEU – «Festival de Circo», às 21.30 (6 anos)
FOCO – «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Sexo Fraco... Joga Forte», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «O Varredor», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «Annie», às 21.30 (13 anos)
Bebé – «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO – «O Inspector Martelada no Nilo», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «O Pequeno Banhista», às 21.30 (6 anos)
CHARLOT – «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Trom», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.º CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 782606); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAIS DO SODRÉ: Central**, R. São Paulo, 108 (T. 320389); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **ESTRELA: Marques Freire**, R. de Santo António à Estrela, 96; **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R Cidade da Beira, lote 19, loja A (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES: Algarve**, Av. de Roma 7-B (T. 801478);

SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **ÁLGÉS: Combatentes**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T 2104953); **BRANDOA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051)

REFORÇO

ALTO DE SÃO JOÃO: Zional, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 321415); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32; **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Ruaito**, R. Alto Cárvalhão, 5-B (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T 890621); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Albano**, R. Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO: Prates & Mota**, R. Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite Vasconcelos, 72-C (T 862333); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 331612); **BURACA: Vaz Martins**, R António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T Prioras (T 2519939).

teatros

Lisboa

MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga» às 20.45 e 23.00 (13 anos)
VILLARET – «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada» 21.00 e 23 00 (18 anos)
COLISEU – Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
D. MARIA II – «Pedro o Cru», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
MONUMENTAL – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
BARRACA – «Tudo Bem», às 21.30 (13 anos)
FEIRA POPULAR – Circo Americano, às 21.30 (6 anos)
CAMPO GRANDE – Circo Shen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «E Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Reis – R. Cot. António Feio, 19 Permanente; **COVA DA PIEDADE – Morgado** – R. Cabo da Boa Esperança, 25 A (Tel. 274356) Até às 22 horas; **BARREIRO – Moderna** – R. D. Henriqueta G. Araújo, 12 (Tel. 2073448) Permanente; **LARANJEIRO – Almeida Araújo** – R. D. Duarte, 7-B. Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (Tel 2400020) Até às 19 horas; **SETÚBAL – Cunha Pinheiro** – Est. Camarinha, 32 Permanente; **Lisboa** – R. Dr. Paulo Borba Até às 22 horas.
SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 124 (T. 2211131); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2311008); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T 234100)

Linha de Sintra

AMADORA: Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303) Permanente; **Dias & Brito**. Av. Marquês de Pombal, 45-A (T 934589). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas, **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T 250117). Até às 22 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 9260194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

LOURES – Sálvia – Av. da República, 29 (Tel. 2531240) Até às 22 horas; **MOSCAVIDE – Santa Bárbara** – R Francisco M. Beato, 175 (Tel. 2518918) Até às 22 horas; **SACAVÉM – Maria** – R. Salvador Allende, Lote 2 (Tel. 2514369) Permanente;

Porto

FERREIRA – Praça D. Afonso V, 55-B; AMEAL – Rua do Ameal, 1227; **CRUZ** – P. de Costa Cabral, 1082; **S. LÁZARO** – Av. Rodrigues de Freitas, 297; **PARENTE** – R. da Flor, 114

(De dia e toda a noite)

CORREIA DE ARAÚJO – R. de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO LDA** – R. Cedofeita 125; **LOUSADA** – R Campo Lindo 52; **CORUJEIRA** – Rua S. Roque da Lameira, 1473; **GUARANI** – R. Pedro Hispano, 367

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

PAIVA – Praça do Comércio. (Tel. 23231).

DL

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.27	4,4 m	9.13	0,7 m
15.55	4,2 m	21.28	0,8 m
Dia 1			
6.37	3,8 m		
19.07	3,5 m	12.31	1,4 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	0°
BRAGANÇA	-3°
VILA REAL	0°
PORTO	3°
PENHAS DOURADAS	1°
COIMBRA	3°
C. CARVOEIRO	7°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	6°
ÉVORA	5°
BEJA	4°
SAGRES	12°
FARO	10°
P. DELGADA	12°
FUNCHAL	17°

últimas

«FILHO DE DEUS» FOI PRESO pela polícia de Wichita Falls, no Texas, Estados Unidos, por distúrbio à ordem pública: atirava notas ao àr. Cerca de 30 pessoas acotovelavam-se em redor desse jovem providencial, que afinal era menos generoso do que parecia. Intitulava-se «filho de Deus» e prega as suas ideias dizendo aos transeuntes que se apanhassem o dinheiro manifestariam dessa maneira a sua avidez e ganhariam o seu lugar no Inferno. A identidade do jovem não foi revelada.

A FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE HOTELARIA criticou hoje a entidade patronal da residêncial «Sol Neve», da Covilhã, que pretende despedir um dirigente sindical. Em comunicado, a Federação afirma que o dirigente do Sindicato de Hotelaria do Centro, Caldeira Valente, foi inquirido ao regressar de férias a que tinha direito, sobre a razão da sua ausência ao trabalho «sem justificação». Acrescenta que apesar do trabalhador e delegado sindical ter provado que as suas férias estavam marcadas e que tinha direito a gozá-las, a entidade patronal procurou transferir de secção o dirigente, deficiente físico, suspendendo-o por fim e movendo-lhe um processo com intenção de despedimento. Classificando a atitude da entidade patronal como absurda, a Federação dos Sindicatos «exige das autoridades competentes o cumprimento da lei e as devidas sanções contra uma entidade patronal que se comporta de forma tão desprezível, violando os mais elementares direitos individuais, humanos e sindicais».

CLÍNICOS DA CASA DE SAÚDE da Boavista no Porto e dirigentes da secção regional da Ordem dos Médicos apresentaram ontem à imprensa as razões da sua discordância pelo encerramento, a partir de amanhã, do serviço de «urgência» daquela unidade hospitalar, determinada pela madre superiora da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Aqueles clínicos discordam nomeadamente das razões invocadas (que seriam de natureza económica) e da forma como este processo foi tratado, praticamente sem diálogo. «Apanhados de surpresa», disseram os médiso, nem sequer foi possível apresentar soluções alternativas, tanto mais que está em causa um serviço público com larga tradição e que assistia 25 mil pessoas por ano (dados de 1981). De acordo com a posição do seu corpo médico e da Ordem dos Médicos, resta agora apenas a esperança de ser o Estado a impor à Congregação a reapreciação do problema e a manutenção das suas obrigações sociais.

Mensagem de Ano Novo transmitida amanhã

Eanes apela à mobilização de todos os portugueses

A despeito dos indíces que se avolumam sobre a possibilidade de realização de eleições antecipadas, Pinto Balsemão apresentou esta manhã, a Ramalho Eanes, o nome de Vítor Crespo como seu sucessor, de acordo com a posição aprovada pelas cúpulas do PSD. Na opinião de Balsemão, que esteve cerca de 50 minutos com o Presidente da República, o CDS já entendeu que haveria vantagem em formar rapidamente Governo e estabelecer sem demora contactos entre os dois partidos. A crise interna naquele partido não foi, contudo, comentada pelo Primeiro-Ministro demissionário.

Fontes contactadas pelo «DL» indicam que o Presidente da República tem mantido, nestes ultimos dias, intensos contactos com personalidades próximas da área de Belém, nada deixando transparecer sobre as suas verdadeiras intenções, nem mesmo para alguns dos seus colaboradores mais próximos. A despeito disto, generaliza-se a opinião de que «o fruto podre não pode continuar na árvore», ou seja, de que Ramalho Eanes, provavelmente, optará pela realização de eleições. Como «timing» tudo aponta para que as «grandes decisões» sejam tomadas nos primeiros 10 a 15 dias de Janeiro.

Na mensagem que amanhã transmitirá ao País, tanto quanto o «DL» pode apurar, Eanes não se referirá a estes aspectos concretos da situação nacional, já que entende que os mesmos não se enquadram numa mensagem de Ano Novo.

Esta mensagem, que hoje de manhã estava a ser ultimada com vista à sua gravação esta tarde, para a Rádio e a TV, deverá centrar-se em dois vectores principais: primeiro, num alerta aos portugueses para as grandes dificuldades que terão de enfrentar em 1983, sobretudo no plano económico; segundo, apelar à mobilização do País para o combate à crise e à procura de uma solução para os problemas nacionais.

A mensagem presidencial deverá ter uma duração entre 10 a 15 minutos.

Entretanto, esta tarde, Freitas do Amaral irá avistar-se com Eanes, estando a audiência prevista para as 18 horas.

Rallye Centenário da Figueira da Foz

O regresso das velhas glórias

Dez, quinze, vinte anos depois, velhas glórias do automobilismo desportivo, símbolos de uma época desportiva significativamente diferente da actual, voltaram à estrada para disputar o Ralli Centenário da Figueira da Foz, uma prova que tem pouco a ver com a estrutura actual dos ralis. É principalmente um convívio e uma confraternização entre desportistas retirados que participaram nos Ralis do Fim do Ano da Figueira entre 1954 e 1969.

Partiram ontem do Porto, de Lisboa e da Figueira início dos itinerários de concentração. Esta manhã estão na estrada a disputar um percurso comum. Classificações só haverá lá mais para a tarde.

A maior parte dos concorrentes trouxe os filhos como «penduras», já que o regulamento assim o permitia. Foi o caso de Manuel Lopes Gião, afastado desde 1972, interrompendo uma

José Lampreia foi um dos mais talentosos pilotos portugueses de sempre. Estava mesmo retirado, mas a filha Raquel, de 10 anos, obrigou-o a inscrever-se e quiz vir com ele ao Rallye Centenário da Figueira da Foz

carreira brilhante por razões profissionais; de José Lampreia que se retirou em 1970 como campeão nacional de velocidade e que a filha Raquel de 10 anos obrigou a inscrever e veio com ele, para ver se o pai era tão com como se dizia, etc.

Outro «regresso» de assinalar é o de José Baptista dos Santos, completamente retirado desde 1970, após um gravíssimo acidente em Montes Claros, ao volante de um Fórmula Ford.

Na segunda-feira contamos apresentar uma reportagem mais desenvolvida sobre o regresso das velhas glórias.

Paz para as nossas vidas

para que resvalámos e no qual se afundam, dia a dia, com a qualidade de vida, a segurança da vida quotidiana, a confiança no futuro, a esperança.

Sabemos que só poderemos vencer a crise pela mobilização das energias e capacidadee nacionais, num combate que exige devoção e sacrifícios e que não é neutro.

A consideração da justiça social é condição de uma recuperação do equilíbrio económico e financeiro. O povo não suporta os «regressos» e a «restauração» de situações e de privilégios. A crise é grave, mas pode ser vencida — com trabalho, criatividade, inteligência, vontade.

Vontade política empenhada em concretizar, na vida dos portugueses e na vida de Portugal, o acto de libertação que foi o «25 de Abril». A Democracia não pode limitar-se a uma recordação, a uma referência histórica, a uma habituação eleitoral. O Ano de 1983 deverá proporcionar-nos, na via pluralista de coexistência e liberdade, um reforço da participação cívica e a criação de condições políticas que permitam a mobilização dos produtores de riqueza e dos criadores de cultura para vencer a crise.

É uma vitória possível. Está ao nosso alcance. Um grande esforço de clarificação dos problemas nacionais nos é exigido. Para vencer a crise é preciso, além de trabalho e de vontade política, verdade.

Precisamos de verdade, de liberdade e vontade política na defesa da Democracia e do avanço económico e sociopolítico, para que os nossos concidadãos tenham, nesta terra e nestes dias, a felicidade a que têm direito.

Só se justifica a actividade política que conduz os homens a mudar a sociedade — para mudar de vida, para serem mais felizes e mais livres. Para viverem com alegria no presente, com confiança no futuro e em paz.

Paz. Amanhã é o Dia Mundial da Paz. A palavra resume, para 1983, os nossos melhores votos.

DL

Com palavra de esperança para o Norte

Zenha empossou em Braga responsáveis municipais

O dirigente do PS Salgado Zenha, considerou ontem em Braga que existe a necessidade de o Norte ganhar maior importância política no todo nacional.

O dirigente socialista, na qualidade de presidente da Assembleia Municipal, de Braga, falava na cerimónia de posse da gestão camarária saída das eleições do dia 12.

Salgado Zenha, ao justificar aquela afirmação, pôs em relevo a importância económica da região Norte, «que em termos políticos não tem sido considerada na mesma proporção».

Zenha admitiu a realização de eleições gerais antecipadas, dada a demissão de Freitas do Amaral de presidente do CDS.

O dirigente nacional do PS pediu um consenso nacional, independentemente das opções ideológicas de cada um e uma perspectiva de se «cimentar a democracia em Portugal».

Mesquita Machado, presidente eleito pela terceira vez consecutiva para a Câmara Municipal de Braga, manifestou a opinião de que o Poder não desgasta os vereadores que vão ao encontro das reivindicações populares.

Esta câmara é constituída por nove elementos: cinco do PS, três da AD e um da APU.

Um dos eleitos, Machado dos Santos, vice-reitor da Universidade do Minho, independente que concorrerá pelo PS, optou pela Assembleia Municipal, pelo que avançou para o seu lugar António Pereira Martins.

A Assembleia Municipal de Braga tem 123 elementos: 70 do PS, 36 da AD, nove da APU e oito independentes.

Estremoz já tem novos autarcas

Os novos membros da Câmara e Assembleia Municipais e os presidentes das 11 freguesias do concelho de Estremoz foram ontem empossados na sala das sessões da sede do município.

O novo presidente da edilidade é o sociólogo José Emílio Guerreiro, eleito pela APU como independente, e a Câmara inclui mais três vereadores da Aliança Povo Unido, dois da AD e um do PS.

O novo presidente afirmou que um dos objectivos da edilidade é «a satisfação das necessidades mais prementes da população do concelho», acrescentando que irá «responsabilizar e dar amplas competências aos vereadores para a construção de uma sociedade melhor».

A Assembleia Municipal é composta por 17 autarcas da APU, 12 da AD e seis do PS. A APU detém igualmente a presidência de nove das 11 Juntas de Freguesia do concelho, sendo as outras duas da AD.

Posses na Guarda são no dia 5

O novo elenco da Câmara Municipal da Guarda é empossado no dia 5 de Janeiro - soube a ANOP junto do município.

De maioria socialista, o executivo vai ser constituído por cinco vereadores do Partido Socialista e dois elementos da Aliança Democrática.

A posse vai ser conferida pelo presidente da Assembleia Municipal, Almeida Santos, que, no mesmo dia, toma posse também como presidente reeleito deste órgão.

Covilhã e Moita marcam para dia 3

O novo executivo da Câmara Municipal da Covilhã é empossado no dia 3 de Janeiro - anunciou o município.

O elenco camarário, sob a presidência do socialista Lopes Teixeira, reeleito para este cargo é constituída por quatro elementos do Partido Socialista, dois da Aliança Democrática e um da Aliança Povo Unido.

Novos autarcas de Lisboa ainda sem posse marcada

A tomada de posse dos novos eleitos para a Câmara e Assembleia Municipais de Lisboa ainda não está marcada. Duas datas têm sido ventiladas (5 e 8 de Janeiro) mas ainda nada se encontra decidido.

A escolha do dia para a tomada de posse dos novos membros dos dois órgãos municipais assume particularimportância pelo facto de se encontrar agendada uma reunião extraordinária da Assembleia Municipal para o dia 6 de Janeiro.

A maioria no órgão deliberativo da Câmara de Lisboa continua a pertencer à AD, mercê do número de presidentes de Juntas de Freguesia de que dispõe. Mas a nova composição do executivo poderá proporcionar uma inversão na marcha dos assuntos que respeitam à capital.

A reunião extraordinária da Assembleia Municipal, no dia 6 foi convocada por deliberação do presidente reeleito, tendo na agenda de trabalhos problemas que a oposição, agora fortalecida no interior da Câmara, se propõe retomar. É o caso de uma entrega de terrenos municipais a uma empresa privada em troca da execução do Centro Cívico dos Olivais e de alguns fogos no Casal dos Machados.

A AD, que mantém a maioria na AM, perdeu dois vereadores nas últimas eleições, um para o PS e outro para a APU. Assim, ficou com apenas sete vereadores eleitos, contra os dez da oposição. A coincidência de pontos de vista em alguns aspectos dos programas propostos ao eleitorado pelo PS e pela APU, deixam antever dificuldades ao novo Executivo.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA SEXTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1982

Imagens de 82

Desde a destruição de Beirute e a eleição de Andropov até à guerra das Malvinas e às novas revelações sobre a morte de Marylin, os acontecimentos que encheram as primeiras páginas dos jornais, invocados através da imagem fotográfica em três páginas neste último número do ano do Sete Ponto Sete.

Jorge Leitão Ramos faz, nas páginas 2 e 3, o balanço cinematográfico dos últimos 365 dias.

Seria injusto fechar este número do Sete Ponto Sete sem uma referência ao prof. Freitas do Amaral: não porque o consideremos exactamente o «homem do ano», mas porque, no estertor de 1982, resolveu dar a machadada que pode muito bem ser final na coligação de centro-direita que nos governa desde 1980

Os equívocos da Televisão

O debate que seguiu a transmissão do filme «Escândalo na Televisão» de Sidney Lumet na rubrica **Cabra Cega** de 17 de Dezembro foi um somatório de banalidades. Não seria talvez grave se não fosse uma acumulação de equívocos cuja função primeira é a camuflagem das questões que o filme levanta acerca do fenómeno televisivo, camuflagem que se insere numa pura táctica publicitária ingénua que nada ajuda ao equacionamento nem à tomada de consciência dessas questões. A projecção do filme transformou-se assim num mero pretexto formal; o único nó de ligação entre o filme e o debate consistiu numa palavra esvaziada, num termo enlouquecido, na palavra televisão. Da sua dimensão espectacular, da forma implosiva da sua violência, da instrumentalização massificadora das suas personagens, da mais valia simbólica que gera a sua máquina discursiva — tudo questões que Sidney Lumet coloca com sagacidade — nada foi tratado pelos convidados de **Cabra Cega.**

A televisão é antes de mais um fenómeno discursivo. É a prática discursiva própria a um campo social que se diferencia dos restantes campos sociais (religioso, familiar, escolar, terapêutico, económico, político, lúdico, etc.) para melhor desempenhar o seu papel específico numa estrutura social regida pela divisão funcional do tempo e do espaço, o seu papel de mediação. Por isso, escamotear a natureza discursiva da TV, esquecer que ela existe como instituição do discurso, não só do discurso verbal mas de todos os modos possíveis e imaginários de discurso, é passar ao lado do mais importante. A relação do campo dos media com os outros campos sociais é uma relação discursiva, o que o torna perfeitamente impermeável às críticas feitas em nome dos valores próprios aos outros campos sociais, quer se trate de valores económicos, políticos, sociais, culturais, religiosos. Por estranho que pareça, todos esses valores que alimentam a crítica são-lhe adventícios, escapam à sua lógica específica; mesmo quando simula respeitá-los, é por pura táctica ao serviço da estratégia discursiva.

O campo discursivo dos media vem ocupar o lugar da dominação social que o campo político não consegue por si só, na sua ingenuidade democrática, apropriar e que, nas suas margens, escapa à sua inscrição racional, à domesticação fascista que preparou durante décadas de maneira maravilhosamente eficaz a domesticação democrática, que é a domesticação da massa, dos números, da viscosidade silenciosa e resignada. O campo discursivo dos media é precisamente a voz dos silenciosos que o político mantém nas suas margens como massa a domesticar, como outro, sempre prestes a estoirar de maneira imprevisível, mortífera, fazendo-a explodir diariamente numa infinidade de espaços domésticos, interiores. E esta explosão doméstica, quotidiana, que permite hoje ao político economizar a explosão externa, colonialista, dolorosa, regulando a violência como um hábito. A revolução quotidiana da TV é assim a nossa revolução perene, limite, total, discursiva, dissuasora, exactamente como a bomba de neutrões, a bomba limpa. A TV não nos mostra o sangue (dos vietnamitas, dos libaneses, dos afegãos, do asfalto, das transplantações cardíacas...), serve-nos o sangue discursivo ou o discurso sanguinário na taça de cristal de um banquete que acompanha a morte total do imprevisível.

Aliás, a crítica mais ridícula que se pode fazer à TV é, ao fim e ao cabo, a crítica de esquerda, quer ela seja feita em nome de uma suposta pedagogia cultural, quer em nome de um suposto projecto de apropriação do medium pelas massas trabalhadoras. Que apropriação poderão as massas trabalhadoras ainda pretender, visto já possuírem na TV muito mais do que poderiam pretender: revolução em pantufas, espectáculo gratuito, revolta diária ao domicílio contra toda a opressão, greves, crises... Jamais movimento revolucionário conseguiu uma dose explosiva semelhante e com tão poucos custos.

Tudo na TV é por antonomásia; a morte em directo do actor, do apresentador do telejornal, do Chefe de Estado está sempre em vez de todas as mortes, da dos outros e da minha, esconjurando-as; é a grande metáfora da substituição vicária que neutraliza, elimina de uma só vez a relação à morte real, transformando-a em morte imaginária, mítica. Podemos dizer exactamente o mesmo do amor por procuração que permite economizar a realidade do amor e das suas consequências, tornando-a menos real do que o amor no écran.

Do mesmo ridículo enfermam as críticas moralizantes, em nome de uma espécie de humanismo adocicado e decadente em que se abrigam os críticos conservadores dos valores da chamada civilização cristã. É que a TV é tanto melhor quanto mais fizer salivar as pulsões irracionais da massa, quanto mais embrutecer e anestesiar o sentido crítico, quanto mais alimentar a sede de sangue, de dominação. As sondagens de audiência não medem senão a resposta mais ou menos imediata a esta máquina de estímulos sensoriais.

Ao institucionalizar-se, o campo dos media destrói toda a carga subversiva, introjectando-a na massa imóvel, silenciosa, produzindo uma espécie de mais-valia disponível e reinvestindo-a miticamente na sua própria engrenagem discursiva. A TV é uma máquina de recuperação de toda a discursividade: em si mesma, a instituição dos media não possui nenhuma legitimidade própria, não enuncia nada por si própria; o seu poder de enunciação é um poder derivado, parasita. É uma pura superfície lisa em que vêm projectar-se todos os poderes enunciadores com as suas máscaras a-morfas, ob-jectivas. É a projecção das diversas máscaras da legitimidade do poder que dá origem as diferentes dimensões discursivas que atravessam o campo dos media, da TV em particular. O campo dos media é assim o espelho em que vem reflectir-se a multiplicidade das formas do poder que se autonomizaram nas sociedades modernas. E graças à sua função especulativa que os media servem de cimento à sociedade dividida, garantindo-lhe a remitificação da sua racionalidade funcional. Como qualquer espelho, os media invertem as formas que estruturam os campos que neles se reflectem, numa lógica perfeitamente antitética à lógica da racionalidade funcional que preside à divisão social da ordem legítima. A racionalidade da eficácia lucrativa tanto do campo económico como do campo político, monetária e eleitoral, vem reflectir-se nos media sob a forma da gratuidade e da permissividade. A lógica do consumo regulador do mercado vem projectar-se nos media sob a forma da consumação festiva. As personagens que ocupam o topo da hierarquia social nos diversos campos cedem o lugar nos media aos humildes, aos desamparados, ao órfão, ao terceiro e ao quarto mundo das campanhas humanitárias. É esta lógica da reversibilidade total que define talvez da melhor maneira a forma especulativa de todo o discurso que circula no campo dos media. Reversibilidade iniciática ou sacrificial, xamanística, substituto moderno e secularizado da dimensão religiosa tradicional.

E graças a esta lógica que podemos fazer determinadas considerações à priori sobre a programação da RTP, independentemente da experiência dos pretensos conteúdos dos programas. Aqui reside um dos mais graves equívocos do debate da rubrica **Cabra Cega** do dia 17 de Dezembro. É que, se o juízo sobre os programas pode pressupor o seu visionamento prévio, a sua estrutura lógica é **a priori,** jogada de antemão pelas regras das expectactivas sociais e das reciprocidades que alimentam o campo da discursividade dos media. No caso da RTP, estas regras são ainda mais evidentes dada a ingenuidade de modo de inserção da sua estratégia discursiva no mercado dos valores políticos dominantes. Foi esta ingenuidade que o debate do dia 17 de Dezembro nos ofereceu em espectáculo.

Adriano Duarte Rodrigues

Coordenador do departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa.

Cinema **Sete Ponto Sete**

Depardieu e Michele Baumgartner no Truffaut do ano: **«A mulher do lado»**

Maria de Medeiros a luz vivíssima desse clarão português que se chama **«Silvestre»**

1982, relatório e contas

Que tal o ano? Mediano. O tom geral é o de uma série de filmes interessantes **ma non troppo** onde meia dúzia, não mais, fazem figura de excepção. O tom geral é de uma curiosidade que poucas marcas indeléveis deixou e onde grande parte dos filmes mais importantes se quedou antes do salto que separa o bom industrioso da surpresa diferente.

Acontecimentos houve vários, a começar por sucessos enormes de bilheteira **(Os salteadores da arca perdida, Reds, A amante do tenente francês, Uns e... os outros)** alguns dos quais vinham de 1981 e entraram bem dentro de 1982 – e um deles, o filme de Spielberg, passando mesmo para 1983! Mas a sensação geral foi de que o cinema marcou passo.

Estados Unidos

O cinema americano foi o único que chegou cá à medida que estreava na Europa. O ano começou mal com a desilusão de Huston com **Fuga para a vitória,** que **Annie,** a fechar 82, provaria não estar enterrado. Depois veio Pollack com **A calúnia** mostrar como é possível uma reflexão inteligente sóbre a diferença entre o actual e o verdadeiro, ou seja, questionando ainda uma vez o que é isso de pôr os factos a serem significantes. **Reds** de Warren Beatty, uma das locomotivas do ano, chegou e venceu mas não (me) convenceu totalmente. **Blow out** de Brian de Palma fez a coisa espantosa de tratar Travolta como actor e confirmou aquele realizador como um dos poucos a ocuparem-se dos materiais de que se faz o cinema, neste caso o som. Os mestres também apareceram, um para deslumbrar de desenvoltura e ironia (Cukor com **Célebres e ricas**), o outro para nos divertir num Verão desértico (Wilder com **Os amigos da onça**). Verão esse, de resto, onde liquidaram a sangue-frio e premeditamente o mais desequilibrado e arrojado filme do ano, **As portas do céu** de Cimino. John Landis continuou a divertir-nos em humor negro **(Um lobisomem americano em Londres),** Forman trouxe-nos o seu melhor trabalho de sempre **(Ragtime),** uma saga que o público ignorou. A surpresa que foi **O clarim da revolta** e o prazer do reencontro com Bogart e Katherine Hepburn em **A rainha africana** de Huston preparam-nos para a **rentrée** onde o prémio de Cannes **Missing** nos reconciliou com o cinema político e com Costa-Gavras. As desilusões de **Estado de guerra** de Walter Hill e de **Poltergeist** de Tobe Hooper (e com a mão de Spielberg) só tornaram mais agradável o final do ano com a inquietação de Brooks **(O homem das lentes mortais),** o experimentalismo visual de **Tron,** o reencontro com o melhor Bogdanovich **(Um romance em Nova Iorque)** e o maravilhamento de **E.T. — O extraterrestre.**

A Europa

Começando pelo mais longe, começamos entre a desilusão e a surpresa. Desilusão com **As herdeiras** de Márta Mészáros, o seu pior filme de sempre; surpresa com **Mephisto** de István Szábó subtil encenação de um actor sob um poder totalitário. Foi tudo, da Hungria.

Se subirmos até à Alemanha Federal veremos que, no ano da sua morte, Fassbinder continuou a marcar pontos em Portugal com dois filmes notáveis, **A terceira geração** e **A saudade de Veronica Voss.** Da Alemanha veio também o significativo **Os anos de chumbo** de Margarethe von Trotta.

Passando à França descobrimos que só Truffaut (com **A mulher do lado**) e Annaud (com **A guerra do fogo**) deixaram saudades. Claro que Lelouch levou sucesso de bilheteira mas o sucesso não é tudo. Bem, não nos esqueçamos dessa média metragem genial de Resnais **(Noite e nevoeiro)** feita em 1955 e que demorou vinte e sete anos a estrear em Portugal. Não nos esqueçamos até porque a História do Cinema não a esquecerá.

Da Itália, onde o cinema estertora, aconteceu uma pequena surpresa de registo **(Duas mulheres apaixonadas),** um Risi não anónimo **(Fantasma de amor),** um antigo Ferreri **(Harém),** a descoberta, catastrófica, de Carmelo Bene **(Salomé),** a reconciliação, afinal possível, com Liliana Cavani **(A pele)** e o fabuloso filme de Bertolucci chamado **A tragédia de um homem ridículo** que a crítica e o público salvaram do enterro que um lançamento em época fatídica lhe estava preparando.

Se referenciarmos a reposição de **Em busca da verdade** de Bergman, creio que, da Europa, só falta falar do cinema português.

Portugal

Quatro filmes estreados é pouco, não é? É abaixo de pouco. É o retrato de uma política de encravamento em que o IPC continua a insistir para gáudio de todos os que querem ver o dinheiro gerido e o cinema calado. No final de 1982, com filmes bloqueados a meio da rodagem, com a V.O. Filmes em situação financeira inextrincável, com filmes prontos sem serem exibidos, os senhores administradores do Instituto Português de Cinema bem podem limpar as mãos à parede com o estado em que deixam o cinema português. É que se, praticamente, não há novos fil-

Agenda

● E.T. — o extraterrestre

de Steven Spielberg
(USA — 1982)

Uma daqueles muito raros fenómenos de eficácia, sucesso, unanimidade entre crítica e público. **E.T.** é um filme que descobre a nossa disponibilidade para o maravilhoso e para uma religiosidade difusa. Admirável.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)Berna e Mundial
(14 16.30, 19 e 21.30h)
(para todos)

● A saudade de Veronika Voss

de Rainer Werner Fassbinder
(RFA — 1982)

Preto e branco para a noite e o frio dos sentimentos e das desesperanças. A sombra dourada/temível/culposa do nazismo numa Alemanha de pós guerra. A morfina e o cinema, fábricas de sonhos, de morte.

Cinema Quarteto — sala 3
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Romance em Nova Iorque

de Peter Bogdanovich
(USA — 1981)

Oito personagens em busca de amor. Nova Iorque filmada nas ruas, quotidiana. Humor e actores sempre espantosos entre os quais eu destacaria Patti Hansen numa motorista de táxi que é literalmente a fada boa de Ben Gazzara. Bogdanovich reencontra a desenvoltura dos mestres da comédia americana (Hawks, é claro...) e faz um filme surpreendente.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
e Satélite
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● O homem das lentes mortais

de Richard Brooks
(USA — 1982)

Brooks ousa penetrar no arquipélago das imagens televisivas, lá onde o cinema se dilui. Aposta ganha. **O homem das lentes mortais** é uma ficção político-policial de imparável ritmo, crescente inquietação e perturbante ironia.

Cinema Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida

de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Começou em 1981, passou por 1982, vai entrar em 1983. Um êxito histórico para um filme onde se encontra a aventura e o imaginário da adolescência urbana. E desde os tempos do «Cavaleiro Andante» que não estávamos lá.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 11.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● Tron

de Steven Lisberger
(USA — 1982)

A paisagem electrónica num filme que é um exemplo de experimentalismo fascinante ao nível da imagem mas onde o argumento acaba por soçobrar. E é pena. **Tron** vai ficar como um pioneiro, não tem hipóteses de ser um grande filme.

Cinema Monumental
(15.15, 18.15 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Annie

de John Huston
(USA — 1982)

Uma comédia musical que Houston dirige com um humor surpreendentemente perverso. File infantil onde os pais se divertirão bem mais que os filhos.

Cinemas Castil
(15.30, 18.30 e 21.30h)
e Império
(15.15, 18.30 e 21.30h)
(para todos)

● Yol

de Yilmaz Guney e Serif Goren
(Truquia — Suiça — 1982)

Uma sequência genial sobreleva bem as avulsas fraquezas de **Yol.** Ganhamos um cineasta.

Cinema Quarteto — sala 1
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● A diva e os gangsters

de Jean-Jacques Beineix
(França — 1981)

Belo, coerente, refinado, **A diva e os gangsters** é um filme amável que eu não consigo amar.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● O segredo de Nimh

de Don Bluth
(USA — 1981)

O desenho animado clássico re-insuflado de inventiva. Mas ainda há lugar no cinema para este tipo de filmes?

Cinemas ABCine — sala A
(14.30, 16.30, 18.30 e 21.15h)
e S. Jorge 2
(14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h)
(para todos)

Bertolucci (à esq.) com Vítor Carvalho, Laura Morante e Ugo Tognazzi, os protagonistas do único grande filme italiano de 1982: **«A tragédia de um homem ridículo»**

Steven Spielberg: com um sucesso estrondoso (**«Os salteadores da arca perdida»**), uma produção desequilibrada (**«Poltergeist»**) e um filme de maravilhamento (**«E.T.»**) ele foi o realizador do ano.

mes, se o lançamento dos que existem não se promove, se isto volta tudo a penates, se o mais que se consegue é umas quantas operações de prestígio em festivais e umas tantas viagens e estadias nas estâncias europeias, se não se faz nada para estrear **A ilha dos amores, A estrangeira, Um S marginal, Rita, Guerra do Mirandum, Dina e Django, Ana, Gestos e fragmentos,** se nunca mais se sabe o que é feito de **O último soldado** de Jorge Alves da Silva ou de **O crime de Simão Bolandas** de Brum do Canto cuja conclusão se aguarda há demasiados anos, se tudo isto continua numa salada incompreensível, creio que é tempo de dizer **basta!,** mesmo que seja em português vernáculo, mesmo que a AD não tivesse perdido as eleições.

Bom, mas deixemos os mandantes e passemos aos filmes que se viram. O cinema português até vinha com um bom balanço de 1981. Tão bom que houve mais de cem mil espectadores para **A vida é bela...!?** de Galvão Teles, a provar que o público não tem sempre razão já que o filme era intragável. Intragável e ignorado, a atirar para o disparate, foi também **O Chico Fininho.** De maneira que 1982 fica reduzido a **Conversa acabada** de João Botelho, falhado mas interessante, polémico, a pedir que João Botelho reincida no cinema (que não neste filme...) porque nele há jeito e inventiva, e a **Silvestre,** o clarão português do ano, um dos mais deslumbrantes filmes de todo o cinema português! Fê-lo João César Monteiro, não é supérfluo dizê-lo. Agora que funcionários administrativos se ofendem tão facilmente...

E dos outros países?

Se o meu negócio fossem números quase que apetecia dizer **zero.** As indianadas andaram por aí, claro, mas cinema que se visse, sem vergonha, onde? O Brasil lá salvou a honra dos «outros países» com **Pixote** de Babenco e **Bye bye Brasil** de Carlos Diegues... **Yol,** porque Grande Prémio de Cannes, também chegou (da Turquia com passagem pela Suiça)... Littin demonstrou continuar com uma sanguinolenta fixação, com **Actas de Marusia,** vindo do México. Mas foi tudo.

E 1983?

Em termos de produção (as vitrinas dos festivais mostram-no) 1982 até teve uma safra excepcional. As distribuidoras portuguesas até compraram alguns dos mais relevantes filmes que por esse mundo se fabricaram (as listas assim o atestam). O que quer dizer que se espera para 1983 um bom ano para a exibição cinematográfica entre nós.

E bom fechar um balanço com boas perspectivas de futuro. E, já agora, para não fugir ao «jogo» do costume, aí se deixa em destaque, a minha lista dos doze filmes que mais apetece lembrar neste final de 1982.

Jorge Leitão Ramos

Pouco visto, pouco amado, apaixonante: **«Ragtime»** de Forman, tem razão a prova de que o público nem sempre

OS DOZE MAIS DE 1982
(por ordem de estreia)

Noite e nevoeiro de Alain Resnais (França)
A Terceira geração de R.W. Fassbinder (RFA)
A mulher do lado de François Truffaut (França)
Silvestre de João César Monteiro (Portugal)
Célebres e ricas de George Cukor (USA)
Ragtime de Milos Forman (USA)
As portas do céu de Michael Cimino (USA)
A tragédia de um homem ridículo de B. Bertolucci (Itália)
A guerra do fogo de Jean Jacques Annaud (França-Canadá)
A saudade de Veronika Voss de R. W. Fassbinder (RFA)
O homem das lentes mortais de Richard Brooks (USA)
E.T. — O extraterrestre de Steven Spielberg (USA

Peter Bogdanovich (à esq.) dirige John Ritter durante a rodagem de **«Romance em Nova Iorque»**

● Poltergeist

de Tobe Hooper
(USA — 1982)

Tão belo e tão inteligente e, depois, tão permissível à canga! **Poltergeist,** produzido e escrito por Spielberg, falha o grande filme que seria se outra contenção houvera.

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.15, 19 e 21.45h)
(não acons. men. 18 anos)

● Veio do outro mundo

de John Carpenter
(USA — 1982)

Carpenter com grandes meios é bem menos estimulante que Carpenter engenhoso arquitecto de mistérios.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● A face do poder

de Alan J. Pakula
(USA — 1981)

Pakula continua a falar do poder subterrâneo. E a filmar tão eficazmente que a gente até esquece a obscuridade do tema essencial: o mundo da finança.

Cinema Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● Noites escaldantes

de Lawrence Kasdan
(USA — 1981)

Última semana para um equívoco. Um sucesso comercial aplaudido por parte da crítica que, no entanto, não é mais que um desajeitado **pastiche.**

Cinemas Quarteto — sala 4
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

As estrelas

E.T. — o extraterrestre ..... ★★★★
A saudade de Veronika Voss .... ★★★★
Romance em Nova Iorque ..... ★★★
O homem das lentes mortais .... ★★★
Os salteadores da arca perdida .. ★★★
Tron ..... ★★
Annie ..... ★★
Yol ..... ★★
A diva e os gangsters ..... ★★
O segredo de Nimh ..... ★★
Poltergeist ..... ★★
A face do poder ..... ★★
Veio do outro mundo ..... ★★
Noites escaldantes ..... ★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Infernos **Sete Ponto Sete**

O que convém não esquecer de 1982 ...

A destruição de Beirute-Oeste pela aviação e artilharia israelitas, transmitida em directo por cadeias de televisão americanas, demonstrou a incapacidade de agir das grandes potências e das organizações internacionais perante um agressor que invoca a defesa do seu espaço vital para invadir e ocupar um país vizinho.

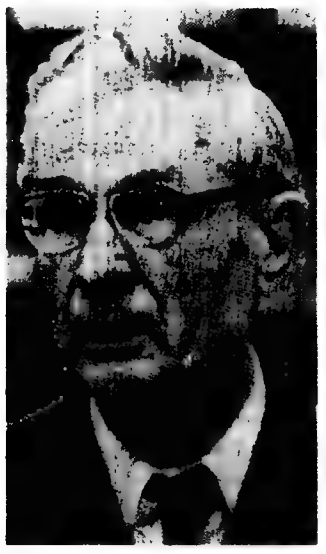
Pouco depois de assinado o último dos cessar-fogo, com Beirute-Oeste evacuada pela OLP e ocupada por uma força multinacional, o exército israelita e as milícias falangistas liquidavam nos seus campos, populações palestinianas, fazendo mais de mil vítimas. Homens, mulheres, crianças desarmadas foram abatidos em massa a pretexto da sua simpatia pela causa palestiniana.

O primeiro-ministro Begin e o seu ministro da Defesa Sharon tornaram-se directamente responsáveis por crimes contra a humanidade só comparáveis aos dos nazis e passarão à História como criminosos de guerra.

Mil vezes anunciada e falsamente noticiada nos últimos anos, a morte de Leonid Brejnev acabou por ocorrer dias depois do grande desfile militar de 7 de Novembro, em Moscovo. Com uma celeridade que surpreendeu todos os observadores, o plenário do CC do PCUS elegeu para o substituir, Yuri Andropov, que aparece agora como um homem pragmático. Também este ano, desaparecera Mikail Suslov, geralmente tido como «o principal ideólogo do Kremlin».

Yasser Arafat, líder da OLP, manteve-se em Beirute-Oeste até ao último momento, dando ao mundo um exemplo de determinação e de confiança na vitória política que a opinião pública não esquecerá tão depressa. Kadafi, na Líbia, tinha convidado os dirigentes da OLP a suicidarem-se, por irem ser derrotados militarmente por Israel.

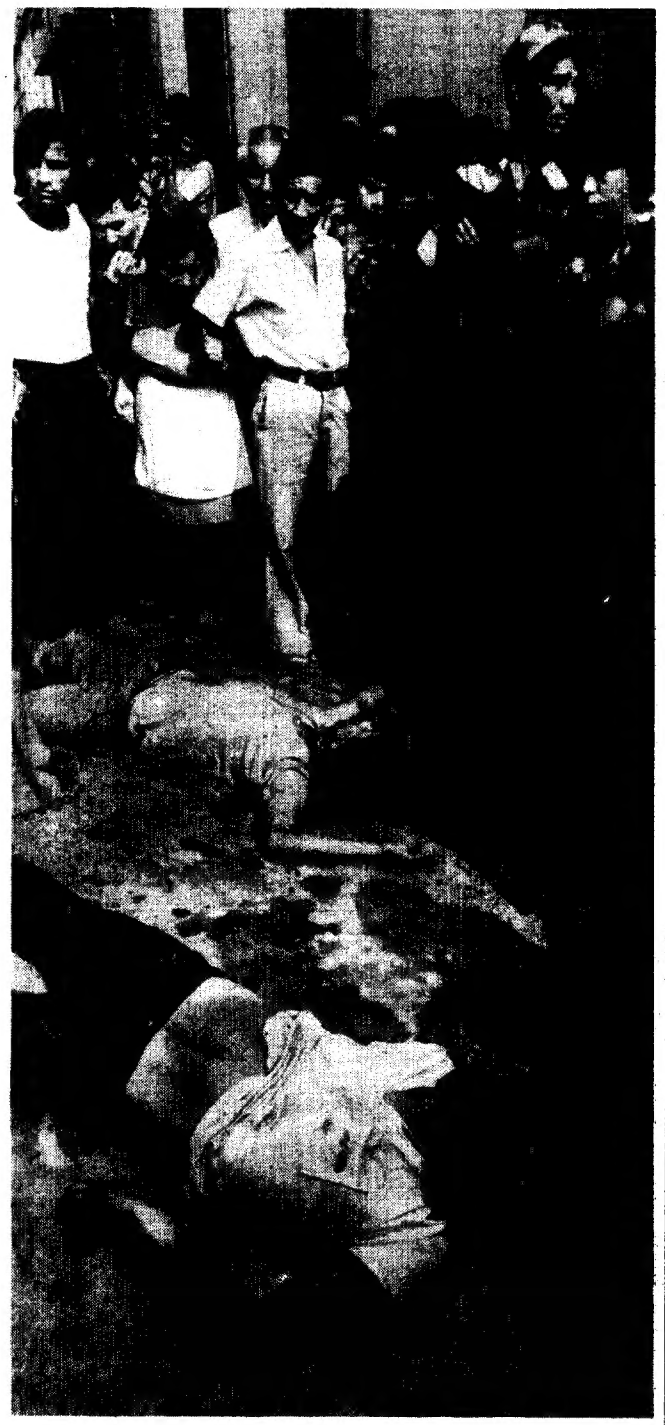
● Desde a impiedosa destruição de Beirute-Oeste até à anacrónica guerra das Malvinas, passando pelo barril de pólvora da América Central, pela guerra Iraque-Irão, pelas questões afegã e polaca, 1982 caprichou em mostrar que a humanidade está longe de alcançar a solução dos conflitos por via pacífica. O poder pacifista e «verde» também sai robustecido deste ano singularmente violento, mas para 1983 já está agendada, pelo menos, a instalação dos novos mísseis americanos na Europa...



O colombiano Gabriel Garcia Marquez ganhou o Nobel da Literatura aos 54 anos e surpreendeu a academia sueca ao proferir um discurso sobretudo político na cerimónia de atribuição dos galardões. Autor de «Cem anos de solidão», «Ninguém escreve ao coronel» e «O Outono do Patriarca», Garcia Marquez foge à imagem tradicional do Nobel por se tratar de um escritor comprometido, que tem denunciado a preparação de uma invasão da Nicarágua sandinista, pelos EUA, e é um lutador pela independência e pela revolução latino-americana. Fidel Castro é um seu grande amigo pessoal.

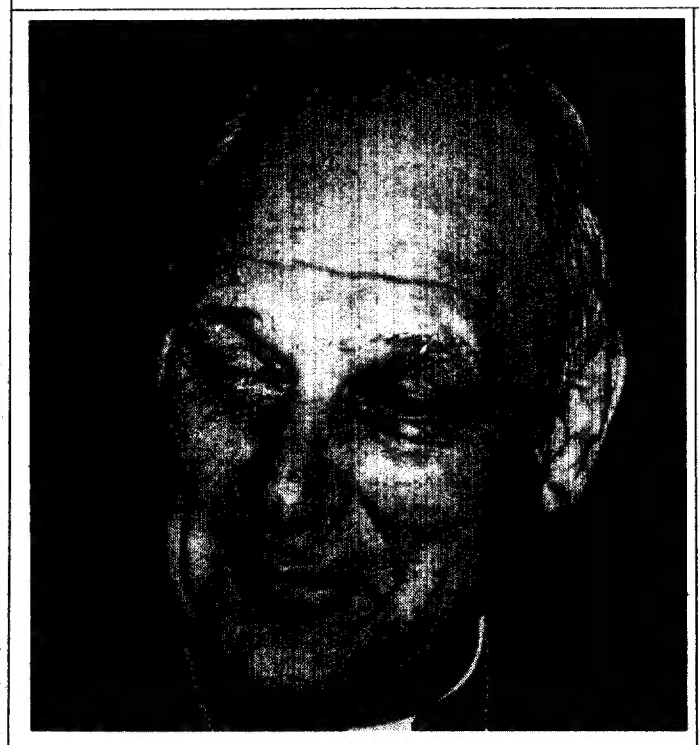
... no ano que vai entrar

A guerra das Malvinas foi sobretudo observada como um cenário real para teste de novas armas no contexto da batalha naval. Os «Exocet» franceses, utilizados pelos argentinos, produziram estragos inesperados na armada do Império britânico, que decidira contra-atacar. A sra. Tatcher e a Inglaterra ganharam militarmente as ilhas à Argentina, mas a questão de fundo parece ter sido sobretudo adiada.



«Vote de manhã e morra de tarde» foi, em determinado momento, este ano, o slogan da guerrilha salvadorenha. Apesar do massivo auxílio americano, El Salvador vive em clima de massacre permanente e tornou-se claro para todo o mundo que todas as soluções políticas são insatisfatórias para o exército popular.

O Papa João Paulo II afirma-se, neste fim de ano, desejoso de voltar à Polónia, onde Lech Walesa acabou por ser libertado após quase um ano de residência fixa e detenção, e onde o «estado de guerra» foi parcialmente levantado para o Natal. A normalização polaca segue o seu caminho mais de um ano depois do 13 de Dezembro, o «Solidarinosc» não conseguiu mobilizar para uma greve geral, boa parte dos activistas sindicais estão ainda internados, mas a questão polaca está longe de ter chegado ao seu termo.

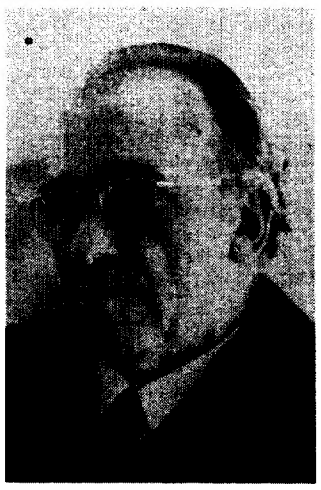


O Vaticano foi pela primeira vez obrigado a reconhecer o seu envolvimento num gigantesco escândalo financeirm revelado após o aparecimento, sob uma ponte do Tamisa, do cadáver de um banqueiro, Calvi, que sempre lhe esteve ligado. O escândalo acabou por comprometer especialmente monsenhor Marcinkus, um arcebispo musculado que se ocupava da segurança papal e era também um dos principais braços do Vaticano no mundo das Finanças.

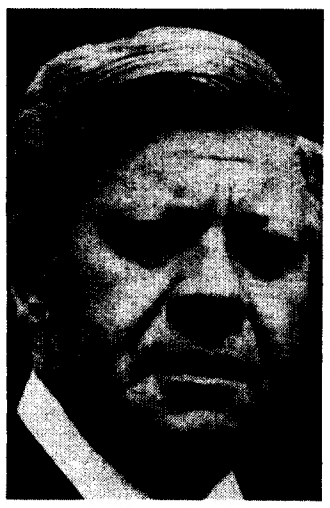
Marilyn Monroe voltou a ser notícia, vinte anos depois da sua morte, porque um detective apareceu a afirmar que estava na posse do desaparecido diário íntimo da actriz, e que esta tinha sido liquidada por homens da CIA quando se preparava para divulgar um plano anticastrista.

Infernos e Parísos **Sete Ponto Sete**

Vista de olhos pelo ano que acaba



O PSOE ganhou a maioria absoluta em Espanha, pulverizando o centro-direita que não sobreviveu, politicamente, às eleições. O fantasma de um golpe militar tinha sido agitado até à exaustão, mas os eleitores do país vizinho não se deixaram intimidar. Em resultado da grande queda eleitoral do PCE, o seu secretário-geral, Santiagm Carrillo, demitiu-se das suas funções. Substitui-o, com o seu acordo, um jovem asturiano, Iglésias. Carrillo fora, com Marchais e Berlinguer, um dos principais defensores do eurocomunismo.

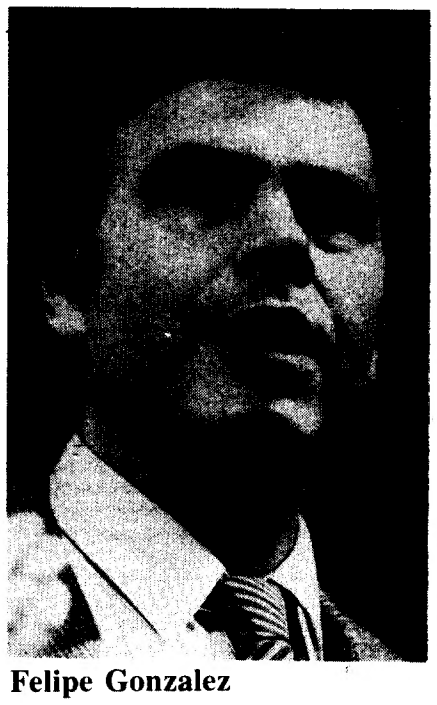


Helmut Schmidt foi derrubado do poder na Alemanha Federal, cedendo lugar a um Khol mais pró-americano. A posição de considerável independência face a Washington alcançada pela RFA com Schmidt, e o «eixo» Paris-Bona, que ele robustecera com Giscard e não desprezara com Mitterrand, correm agora um sério risco. Irá a RFA de Khol alterar o equilíbrio de forças no continente europeu?

O progresso dos ecologistas e a generalização dos movimentos a favor da paz e do desarmamento na Europa adquiriram este ano uma importância política que constitui sem dúvida algo de muito novo no envelhecido continente. O fenómeno «verde», em gestação desde o princípio dos anos 70 e que parecia não ter conseguido ultrapassar a adolescência, aparece assim a apontar claramente para o futuro.

O Sete Ponto Sete escolheu

Os personagens do ano



Felipe Gonzalez

Christie Hefner

E.T.

Felipe Gonzalez, líder do PSOE, porque, com a sua campanha «Por el cambio», conseguiu varrer da cena política espanhola o centro-direita, que na transição do franquismo para a democracia tinha até agora parecido o único «lugar» político próximo do Poder.

Christie Hefner porque passou a ser chefe-executivo do conjunto das empresas «Playboy», nos EUA, tornando-se assim a primeira mulher ainda jovem a reinar sobre um incrivelmente rico negócio machista. Perturbador sinal dos tempos, sinal equívoco da paridade homem-mulher no universo dos negócios ou testemunho de que os homens estão, de facto a acabar?

E.T., o boneco articulado que Spielberg tornou «uma nova estrela», porque demonstra a todos os monstros que podem, finalmente, fazer uma opção de coerência e serem monstros até ao fim. Mas também porque, sendo o mais diferente dos diferentes ou o mais semelhante dos semelhantes, ele merece, para além da lamechice com que o constiparam, encantar.

Dois destaques

Vítor Crespo porque ninguém, nestes últimos dias de 1982, teria admitido como possível que ele viesse a ser o alvo da preferência do PSD que toca à escolha de um Primeiro-Ministro para substituir Pinto Balsemão. Vítor Crespo também, porque, a despeito da incredulidade geral, ele começou efectivamente a fazer telefonemas e a marcar encontros com pessoas alvos da sua escolha para futuros ministros.

O sr. Roberto Marinho, dono da Rede Globo do país irmão porque, não contente com o facto de ser proprietário de uma das quatro primeiras redes mundiais de TV, não contente com o facto de ter vendido ainda mais telenovelas a Proença de Carvalho, ainda encontrou motivação negocial para investir em mais um novo vespertino português. Apre...

A entrevista

Ela sentia-se dominada por uma timidez muito pouco profissional, pelo sentimento de insuficiência que tinha antes de cada entrevista – faltava-lhe a firmeza viril do grande repórter, segundo a imagem tradicional, mas não o seu cinismo. Foi isso, pelo menos, o que pensou nesse momento: podia mostrar-se tão cínica como qualquer homem, e tinha muito boas razões para isso.

NA altura encontrava-se no pequeno pátio de um pavilhão da periferia, todo branco, e estava cercada por rostos de mestiços. Os homens traziam todos uma pistola ao cinto. Um deles tinha um «walkie-talkie» encostado ao ouvido, como se esperasse, com o reconhecimento de um padre, a palavra de um dos seus deuses índios. Estes homens são-me tão estranhos, pensou ela, como os índios o devem ter parecido a Cristóvão Colombo, há cinco séculos. Os seus camuflados lembravam motivos pintados na pele nua. **«Não falo espanhol»**, anunciou ela, tal como Colombo o podia ter feito há cinco séculos. **«Não falo a língua índia».**

Tentou o francês — sem êxito —, depois o inglês que era língua de sua mãe, mas não obteve nenhum resultado.

— Chamo-me Marie-Claire Duval. Tenho um encontro com o general.

Um dos homens, um oficial, desatou a rir. Aquele riso deu-lhe vontade de abandonar o pátio nesse mesmo instante, de voltar ao pseudo-luxo do seu hotel, depois ao aeroporto em construção, e de embarcar para a longa e fastidiosa viagem de regresso a Paris. O medo provocara-lhe sempre a cólera.

— Vá dizer ao general que eu estou aqui, disse. Mas claro que ninguém a compreendia.

Um dos soldados, sentado num banco, limpava a sua arma automática. Atarracado, de cabelos já grisalhos, usava o uniforme de sargento à maneira de um impermeável qualquer que tivesse posto pelas costas para se proteger da chuva fina e intermitente que vinha do Pacífico. Observou-o atentamente, enquanto ele limpava a arma, mas o homem não ria. O que segurava o «walkie-talkie» continuava à escuta do seu deus e não lhe prestava atenção.

— Gringo, disse o oficial.

— Não sou gringo. Sou francesa.

Agora ela dava-se perfeitamente conta de que ele não compreendia uma só palavra — à excepção de **gringo**. Sorria-lhe de novo com um ar trocista, acusava-a — foi essa, pelo menos, a impressão que teve, por causa da sua ignorância do espanhol. Todas as mulheres são inferiores parecia dizer-lhe, se não têm um homem para as proteger, e tu ainda mais do que as outras porque não falas espanhol.

— O general, disse ela ainda, **o general.**

Ela sabia que pronunciava essa palavra de um modo desastroso para um ouvido espanhol. Nunca tivera a memória dos nomes estrangeiros, mas conseguiu repescar o do conselheiro que lhe conseguira a entrevista com o general.

— Señor Martinez, anunciou sem deixar de perguntar a si própria se o nome seria mesmo esse. Talvez fosse Rodriguez, Gonzalez ou Fernandez.

O sargento fechou a culatra da arma com um ruído seco, e, sem abandonar o seu banco, dirigiu-se-lhe num inglês quase perfeito. **«A senhora é Mademoiselle Duval?»**

— Madame Duval.

— Então é casada?

— Sou.

— Bem, isso não tem grande importância, disse travando a arma.

— Para mim tem.

— Não estava a pensar em si.

Levantou-se e foi falar com o oficial. Os seus galões anunciavam-no como um simples sargento mas irradiava da sua pessoa uma espécie de autoridade que não tinha nada a ver com a hierarquia. Tinha-lhe parecido insolente, e foi-o igualmente com o oficial. Com a arma apontou-lhe então a porta de entrada do insignificante pavilhão.

— Pode entrar. O general vai recebê-la.

— O senhor Martinez está lá para traduzir?

— Não. O general quer que eu me encarregue da tradução. Ele deseja vê-la a sós.

— Nesse caso como pode traduzir as minhas palavras?

Ela verificou que apesar das palavras que dizia, o sorriso do sargento não tinha, afinal, nada de insolente.

— Ah! Aqui diz-se sempre a uma mulher: vem comigo para ficarmos sós.

Fizeram-na novamente parar num pequeno vestíbulo onde havia um mau quadro, uma mesa de pé de galo, um nu esculpido em estilo vitoriano, já no seu fim, e um cão de porcelana em tamanho natural. O soldado que a deteve apontou para o gravador que ela levava a tiracolo.

— Exacto, disse o sargento. **É melhor deixá-lo em cima da mesa.**

— É um simples gravador. Nunca aprendi estenografia. Acha que se parece com uma bomba?

— Não. Mas em todo o caso é melhor. Se faz favor.

Ela pousou o aparelho sobre a mesa de pé de galo. Tenho que confiar na minha memória, pensou. Na minha maldita memória que detesto.

— Ao fim e ao cabo, mesmo que eu fosse uma assassina, o senhor tem um revólver consigo.

— Um revólver não o protege, respondeu o sargento.

Havia mais de um mês que o chefe de redacção a convidara para almoçar no Fouquet's. Ela não o conhecia mas ele tinha feito um convite hábil e cortez, escrito em caracteres que lembravam letras de Imprensa. Fazia o elogio de uma entrevista que ela publicara noutro jornal. Talvez a carta tivesse um tom um pouco condescendente: ele não deixava de lembrar que a revista de que estava encarregado tinha um mais alto nível intelectual. Também seria mais bem paga, o que era sempre uma prova de qualidade.

Aceitou o convite porque nessa mesma manhã tivera uma nova «explicação final» com o marido — a quarta em quatro anos. As duas primeiras tinham sido menos dolorosas: os ciúmes são afinal de contas, uma prova de amor. A terceira, terrível, deixou estalar a dor das promessas não cumpridas, mas a quarta foi a pior, sem amor nem cólera, nada mais do que o cansaço e a irritação nascidos da repetição da mesma censura, da convicção de que o homem com quem se vive nunca mudará, e da triste certeza de que, no fundo, já não nos preocupamos muito com isso. Esta vez, pensara, é mesmo a explicação final. Só lhe restava fazer as malas. Felizmente não havia filhos a tomar em consideração.

Entrou na sala do Fouquet's com dez minutos de atraso. Esperara muito em restaurantes para continuar a ser pontual. Pediu ao empregado que lhe indicasse a mesa do senhor Jacques Durand e viu um homem levantar-se para a receber. Era alto, magro, muito belo e lembrava-lhe o marido. A sedução física pode ser tão enjoativa como as trufas de chocolate.

A sua distinção seria quase imponente, sem a ondulação um pouco demasiado perfeita dos cabelos grisalhos sobre as orelhas — mas as suas orelhas, tinha de o confessar, possuiam o tamanho masculino ideal. (Detestava orelhas pequenas). Tomá-lo-ia por um diplomata se não soubesse que dirigia esse semanário da esquerda de luxo, que ela só lia raramente, porque não sentia nenhuma simpatia pela sua tendência para a política de salão.

São numerosos os homens que parecem amorfos de início mas que se animam com o olhar; neste, os olhos, apesar da galanteria um tanto desdenhosa que neles se lia, eram a parte menos viva. Só os movimentos do seu corpo elegante, enquanto lhe oferecia uma cadeira e lhe passava a ementa, o dotavam de uma certa vida. Havia nisso uma parte de sedução, mas essa sedução só se exprimia por palavras.

Aconselhou o rodovalho. Depois, quando ela aceitou a sugestão, falou-lhe de novo no prazer que sentira ao ler essa última entrevista, repetindo as palavras da carta — afinal que contas talvez fossem suas e não da secretária, ele não ia dar-se ao cuidado de as decorar.

— O rodovalho é aqui excelente, acrescentou.

— Obrigada. É muito amável.

— Há muito tempo que sei o que faz, Madame Duval. A senhora vai ao fundo das coisas. As suas entrevistas não são ditadas pelas suas vítimas.

— Utilizo um gravador.

— Não falava num plano literal. (Fez estalar a sua fatia de pão torrado). **Sabe, há muito tempo** (o seu vocabulário parecia limitado, mas talvez isso se devesse ao respeito por um protocolo jornalístico) **que a considero um dos nossos.**

Aquilo na sua boca era visivelmente um cumprimento, e marcou um espaço, decerto à espera de um novo agradecimento. Ela perguntou a si própria quanto tempo levaria antes de passar às coisas sérias. Em cima da sua cama as malas continuavam abertas. Queria fazê-las antes do regresso do marido — era pouco provável mas não impossível que ele chegasse a casa antes da hora do jantar.

— Fala espanhol? perguntou o senhor Durand.

— Só sei francês e inglês.

— Não sabe alemão? A sua entrevista com Helmut Schmidt foi soberba. Que demolição!

— Ele fala bem inglês.

— Duvido que seja esse o caso do general.

Durand pôs-se a comer em silêncio o seu rodovalho. Era muito bom, uma das especialidades do Fouquet's. Se puder sair de casa antes do Jean chegar, poupam-se muitas discussões. Pode deixar-se isso aos advogados, mais tarde. Teremos de nos voltar a ver para uma tentativa de reconciliação, pensou, mas essa simples ideia aborrecia-a profundamente. Queria fazer tábua rasa tão depressa quanto possível.

— A situação na Jamaica é outro assunto em que estou a pensar. No regresso podia dar lá um salto. Segundo me disse fala inglês. Uma conversa com o Manley, talvez mais simpática do que as que habitualmente tem. É um dos nossos, mesmo que, de momento, esteja out. Quanto ao general, creio que é um tema que convém ao seu estilo habitual. Presta-se à sua ironia. como pode imaginar, não temos os generais, principalmente os da América Latina, no coração.

— Quer então que eu vá a qualquer lado?

— É verdade. Você é uma mulher muito sedutora. E, segundo se sabe, o general tem um fraco por mulheres sedutoras.

— Não é o caso de Manley?

— Lamento, na verdade, que não fale um pouco de espanhol. Sabe tão bem fazer as perguntas pessoais bem directas. Na nossa opinião a política nunca deve aborrecer o leitor. Não está contratada, não é verdade?

— Não. Mas de que general se trata? Não está a pensar em me mandar ao Chile?

— As pessoas já começam a estar um pouco cansadas do Chile. Duvido mesmo de que pudesse conseguir qualquer novidade sobre o Pinochet. De resto talvez ele nem a recebesse. A vantagem de uma pequena república é que se pode cobri-la realmente — e seriamente —, em poucas semanas. Pode ser considerada um microcosmo da América Latina. O conflito com os Estados Unidos é lá, naturalmente, mais visível, por causa das bases.

////

Ela consultou o relógio. Teria tempo de meter nas malas tudo aquilo de que tinha imediata necessidade — para ir onde?

— Que bases? Não deixaria nada escrito porque os advogados podiam servir-se disso.

— As bases americanas, claro.

— Não o presidente. O general. O presidente não tem importância real. O chefe da revolução é o general. (Deitou-lhe mais meio copo de vinho. Ela só pedira um jarro pequeno). **— Sabe, desconfiamos um pouco do general. É certo que ele visitou o Fidel e se encontrou com o Tito em Colombo. Mas perguntamos a nós mesmos se o seu socialismo não será puramente formal. Ele não tem nada de marxista. E depois, talvez, à ida ou no regresso, um retrato simpático de Manley, na Jamaica. O Manley agrada-nos.**

Ela ainda não percebera bem a que país é que ele a queria mandar. A geografia não era o seu forte. Talvez tivesse dito o nome mas esse nome desaparecera no fundo das suas malas vazias. De resto, isso não tinha grande importância. De momento qualquer lado era melhor do que Paris.

— Quando quer que eu parta? perguntou ela.

— Logo que possível. Receia-se uma crise nos próximos meses e nesse caso... podia ter que se limitar a fazer uma simples necrologia do general.

— Suponho que um general morto não era um socialista bastante bom para si.

O seu riso, se assim se podia dizer, parecia um mero raspar de garganta. Os seus olhos, uma vez comido o rodovalho, percorreram de novo a ementa, e não mostrava, de modo algum, que uma graça, tal como um anjo, passara discretamente por ali.

— Como dizia, temos algumas dúvidas no que diz respeito ao seu tipo de socialismo, disse. **Posso aconselhar-lhe um queijo?**

— Pode ter que se limitar a uma simples necrologia.

A frase pronunciada duas semanas antes por um chefe de redacção da esquerda mundana, que consultava a ementa do Fouquet's voltou à memória de Marie-Claire no momento em que o seu olhar encontrou o do general. Segundo o que sempre julgara saber, um general latino-americano aceitava a morte como horizonte prematuro — Miami constituía, está bem de ver, o outro — mas ela não imaginava o homem que tinha diante dos olhos a partilhar essa cidade com o ex-presidente e a esposa, e o cunhado e o primo. Ela já sabia que ali Miami era conhecida pelo «vale dos mortos». O general estava de pijama e de pantufas, tinha os cabelos despenteados como os de um garoto, mas um garoto não teria olhos tão carregados de peso e de futuro. O sargento traduzia num inglês correcto embora um pouco empolado.

— O meu general diz que é bem-vinda à nossa república. Ele não conhece o seu jornal mas o senhor Martinez assegurou-lhe que é conhecido em França pelas suas opiniões liberais.

Marie-Claire pensou que havia provocação. Helmut Schmidt respondera às suas primeiras perguntas com cólera e com orgulho. Entregara-se à impiedosa fita magnética, mas, desta vez, a fita e o aparelho tinham ficado lá fora.

— Não, liberais não, corrigiu ela. **De esquerda. Seria exacto dizer que o general é muito criticado pelas suas reticências no caminho para o socialismo?**

Observou o sargento com atenção, enquanto este traduzia, esforçando-se por compreender um sentido qualquer nas consonâncias latinas. O sargento deitou-lhe um olhar um tanto malicioso, como se a pergunta o divertisse. Talvez mesmo a aprovasse.

— O meu general diz que vai até onde o povo quer que ele vá.

— Não serão antes os americanos que lhe dizem até onde deve ir?

— O general diz que deve, naturalmente, ter em conta o ponto de vista dos americanos. A política exige-o num pequeno país como o nosso, mas ele não é obrigado a aceitar os pontos de vista deles. Diz que a senhora deve estar cansada de estar de pé e sugere que se instale confortavelmente no fauteuil.

Marie-Claire sentou-se. Ela sentiu que o general acabava de passar além de Helmut Schmidt e dela também. Não tivera tempo de preparar a pergunta seguinte — pensava que o general deixaria a porta aberta para uma pergunta-surpresa, mas ele parecia ter fechado solidamente todas as saídas. Houve um longo silêncio incómodo. Sentiu-se aliviada quando o general voltou a falar.

— O meu general diz que espera que o senhor Martinez lhe dê toda a ajuda possível.

— O senhor Martinez pôs amavelmente o carro à minha disposição, mas o motorista só fala espanhol, o que não facilita as coisas.

Os dois homens lançaram-se numa longa discussão. O general tirou uma das pantufas e massajou a sola do pé esquerdo.

— O meu general diz que pode mandar embora o motorista e o carro. Encarregou-me de me ocupar de si. Sou o sargento Gurdian. Tenho ordens para a levar a toda a parte onde queira ir.

— O senhor Martinez pediu-me na sua carta que estabelecesse um programa a fim de o submeter à sua aprovação.

Houve novo conciliábulo.

— O meu general acha melhor que não tenha programa. Um programa mata tudo.

Os olhos cansados e sonhadores observavam-na com aquilo que ela tomou pelo divertimento de um jogador de xadrez que sabe que acaba de desconcertar o adversário com um movimento inesperado.

— O meu general diz que mesmo um programa político pode matar. O seu chefe de redacção devia sabê-lo.

— O senhor Martinez achava que eu devia ir ver...

— O meu general pensa que deve sempre fazer o contrário daquilo que o senhor Martinez sugere.

— Mas disseram-me que ele era o principal conselheiro do general.

O sargento encolheu os ombros e sorriu por sua vez.

— O meu general diz que é, naturalmente, seu dever, ouvir os conselheiros, mas que a senhora não é obrigada a fazê-lo.

O general pôs-se a falar em voz baixa ao sargento. Marie-Claire teve a impressão de que a entrevista estava a escapar-lhe completamente e se transformava numa catástrofe. Ao separar-se do gravador perdera a sua melhor arma.

— O meu general quer saber se o seu chefe de redacção é marxista.

— Apoia os marxistas, de um certo modo, mas nunca confessaria que é marxista. Antes da guerra chamava-se a pessoas como ele «compagnons de route». O partido comunista é legal neste país, não é verdade?

— Com efeito é absolutamente permitido ser-se comunista. Mas não temos partidos.

— Nem um sequer?

— Não, nem um. Um homem pensa o que quer. Isto acontece no interior de um partido?

Ela deu deliberadamente a sua resposta com o objectivo de se mostrar insultuosa — a experiência mostrara-lhe que as pessoas só dizem a verdade quando se encolerizam: o próprio Schmidt dissera assim algumas verdades.

— O seu general é um «compagnon de route» como o meu chefe de redacção?

O general sorriu-lhe de um modo encorajador. Durante um momento pareceu menos fatigado, um pouco mais interessado.

— O meu general diz que os comunistas e ele viajam durante algum tempo no mesmo comboio que ele. Os socialistas também. Mas ele é que é o maquinista. Ele é que resolve qual a estação onde pára, não são os passageiros.

— Em geral os passageiros têm bilhetes para destinos certos.

— O meu general diz que poderá dar-lhe mais explicações quando a senhora tiver visto uma parte do país. Ele gostaria muito de que, antes de regressar à Europa, visse uma vez o país com os seus próprios olhos. Olhos estrangeiros. Acrescenta que são olhos muito belos.

O seu chefe de redacção tivera pois razão, pensou, ele gosta de mulheres, acha-as fáceis, o poder é um afrodisíaco evidente. O encanto também pode ser um afrodisíaco, Jean tinha-o para dar e vender, destilava-o com a habilidade de um político, mas ela acabara com o encanto e com os afrodisíacos.

— Agora que o general detém o poder, declarou, **suponho que ele acha que as mulheres são fáceis de obter.** O sargento Gurdian sorriu. Absteve-se de traduzir.

— Suponho que ele goza com o seu poder. E quase acrescentou: **E com as suas mulheres.**

Tentou uma pergunta que por vezes dera resultados espantosos.

— Que sonhos tem ele? Quero dizer, de noite. Sonha com mulheres? E acrescentou em ar trocista: **Ou sonha com os acordos que vai fazer com os gringos?**

Os olhos cansados e magoados fitaram a parede para além dela. E Marie-Claire pôde mesmo ouvir a única palavra que ele disse em resposta: **«La muerte».**

— Sonha com a morte. A tradução do sargento era supérflua e eu podia construir um artigo inteiro à volta disso, pensou ela detestando-se.

Graham Greene

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos

CASIMIRO, ANTÓNIO — cenografista

António Casimiro Sá Ó da Silva nasceu em Lisboa, a 26 de Junho de 1934. Cursa a Escola de Artes Decorativas António Arroio e frequenta a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Em meados da década de 50 começa a fazer cenários para récitas de amadores, mas só em Dezembro de 1958, quando é admitido na RTP como assistente de cenografista, se profissionaliza nesse campo. Em 1960 é já cenografista da Televisão, onde ainda hoje se mantém e são inúmeros os trabalhos que aí tem realizado.

Em 1961/62 é bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Roma (RAI) e Paris (ORTF).

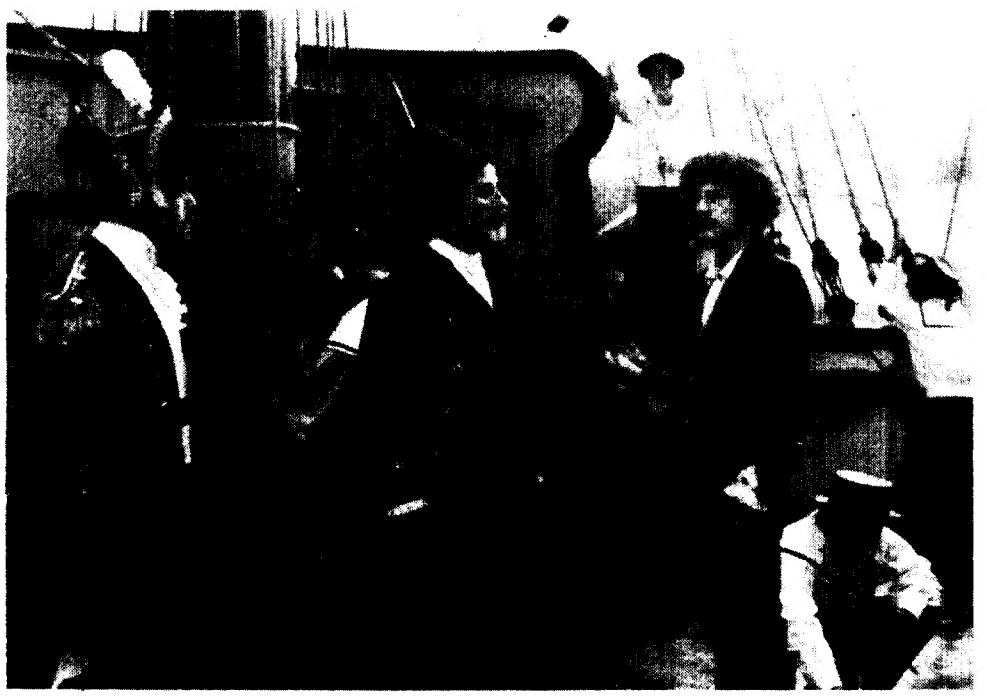
Como assistente de Marcelo Morais, Casimiro inicia-se no cinema em 1962 (**em Pão, Amor e Totobola** de Henrique Campos e **Forbiden fruit** de Thor Brooks), mas só nos anos 70 voltaria a esse campo e começaria a assinar trabalhos cenográficos.

Para além da Televisão, António Casimiro ocupa a década de 60 com uma actividade intensa como pintor (várias exposições colectivas em Portugal, França, Itália e Bélgica e, em 1964, é fundador da galeria «Época» em Lisboa) e como cenografista teatral.

O seu primeiro trabalho data de 1961 («o pescador à linha» de Jaime Salazar Sampaio, enc. Artur Ramos, no Teatro Nacional). Da sua carreira teatral refira-se, entre outras peças, a cenografia de «O braço da justiça» de Joaquim ço d'Arcos (enc. Varela Silva, 1963) no Nacional, «Empresta-me o teu apartamento» de Ray Cooney e John Chapman (enc. Varela Silva, 1971), «Quarenta quilates» de Barillet & Gredy (enc. Armando Cortez, 1971) no Teatro Monumental, «O contrato» de Francis Veber (enc. Maria Helena Matos, 1971), «Que medo, senhor Alfredo!» de Claude Magnier (enc. A. Cortez, 1972), «O dia em que raptaram o papa» de João Bethencourt (enc. Paulo Renato, 1973), «A menina Alice e o inspector» de Robert Thomas (enc. Varela Silva, 1973), «As espingardas da Mãe Carrar» de B. Brecht (enc. João Lourenço, 1974), «Português, escritor, 45 anos de idade» de Bernardo Santareno (enc. Rogério Paulo, 1974), «Legenda do cidadão Miguel Lino», de Miguel Franco (enc. Herlânder Peyroteo, 1976), «Felizardo & C.ª» de Pedro Bandeira Freire e Raul Solnado, seguido Schwalbach (enc. Carlos Avilez, 1977), «O caso da mãozinha misteriosa» de Ary dos Santos, Augusto Sobral e Rui Mendes (enc. Rui Mendes, 1978), «O chá dos generais» de Boris Vian (enc. Rui Mendes, 1979), «As três irmãs» de Tchekov (enc. Costa Ferreira, 1980), «Onde Vaz, Luís?» de Jaime Gralheiro (enc. Carlos Avilez, 1981), «O meu rapaz é rapariga» de Ron Clark e Sam Bobrick (enc. Carlos César, 1982), «Oiçam como eu respiro» de Dario Fo (enc. João Lourenço, 1982). Em revista assinalem-se trabalhos de Casimiro em «Click já está» de Badaró e José Mesquita (1968), «Lisboa é sempre mulher» de Paulo da Fonseca, Rogério Bracinha e César de Oliveira (enc. Camilo de Oliveira, 1968) e «P'rá frente Lisboa» de Paulo da Fonseca, Rogério Bracinha e César de Oliveira (1972).

António Casimiro

Bolseiro do Governo italiano, frequenta em 1973 um curso geral de televisão em Florença; em 1975 faz um estágio, em Paris, na televisão francesa, sobre a cor em TV. É professor de cenografia no Conservatório Nacional desde 1980. Refiram-se alguns dos seus trabalhos importantes recentes na RTP: os «Jogos sem fronteiras», de 1979 e 1981, os teledramáticos «Os Maias» e «A tragdia da rua das Flores», o Festival RTP da Canção 82, a série «Gente fina é outra coisa».



«Amor de perdição»: cenários e figurinos de António Casimiro

FILMOGRAFIA: Pedro Só de alfredo Tropa (1971); **A promessa** de António de Macedo (1972); **Sofia e a educação sexual** de Eduardo Geada (1973); **Benilde ou a virgem mãe** de Manoel de Oliveira (1974); **O rei das Berlengas** de Artur Semedo (1975/77); **Amor de perdição** de Manoel de Oliveira (1976/79); **A fuga** de Luís Rocha (1977), colaboração; **Dina e Django** de Solveig Nordlund (1979), colaboração; **Cerromaior** de Luís Rocha (1979/80); **Francisca** de Manoel de Oliveira (1980); **O banqueiro anarquista** MM de Eduardo Geada (1981); **O homem que não sabe escrever** MM de E. Geada (1981); **Senhora, partem tão tristes** de António de Macedo (1982). Para além da cenografia, António Casimiro assina também os figurinos de **A promessa, Benilde ou a virgem mãe, Amor de perdição, Cerromaior** e **Senhora, partem tão tristes.**

É na reconstituição, no cenário naturalista, que António Casimiro tem tido presença relevante no recente cinema português. E, acima de tudo, ele ficará como o cenografista da trilogia de amores frustrados de Oliveira, da reconstituição da casa de Régio em **Benilde** aos faustosos interiores novecentistas de **Francisca.** Mas também é de referir a casa dos pescadores de **A promessa,** os cenários medievalizantes ou miniaturais (o inferno português, a Assembleia Nacional...) de **O rei das Berlengas** ou a decoração requintada e triste de **Cerromaior.** Cenário naturalista, disse, é o ponto-mor do trabalho de Casimiro. Madeira, tinta e engenho para resolver não poucos problemas técnicos (como o posicionamento de câmara e luzes tantas vezes colocam em **Benilde** ou em **A promessa** para só citar os casos mais evidentes); minúcia quase exaustiva (vejam-se os figurinos de **Amor de perdição**).

Mas para além desse pendor reconstitutivo (de que ele é o cenografista maior do moderno cinema português) da qualidade da simulação, Casimiro já começou a entrar noutros terrenos. Por um lado no faz-de-conta que assim se quer visível (como acontece, por vezes, em **Benilde** e em **Francisca**) por outro no espaço cenográfico fantástico, visionarizante, de que parece ser exemplo **Senhora, partem tão tristes.** Daí que se aguarde com expectativa a estreia próxima do mais recente filme de António de Macedo.

«Francisca»: cenários de António Casimiro

ALGARVE
— curta-metragem
— 35 mm/cor

Realização: Faria de Almeida. **Texto:** Alexandre O'Neill (**dito por** Gustavo Rosa). **Execução musical:** Shegundo Galarza. **Genérico:** Ricardo Neto, Álvaro Patrício. **Produção:** Telecine. **Duração:** 12 minutos. **Rodagem:** 1972. **Estreia:** ? **Localização de cópias:** Telecine-Moro/Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Patrocinado pela Torralta, **Algarve** é um dos muitos documentários de cariz turístico-promocional que se fizeram entre 1965 e 1974.

Esquema habitual: duas pinceladas pela História do Algarve, uma volta pelos mercados, um **flash** sobre a pesca do atum, as inevitáveis amendoeiras em flor, um olhar pelo artesanato (olaria e trabalhos em palma), um rancho folclórico e a necessária visita à Torralta. Tudo envolvido pela «Tia Anica de Loulé» em vários ritmos executada pelos violinos de Galarza.

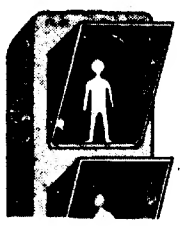
No texto coisas do estilo «O Algarve nunca perderá a sua naturalidade» como se a promoção turística fosse algo que deixasse intocada a região.

Curiosamente, num documentário sobre o Algarve, quase não se vêem praias (só no último minuto do filme há alguns planos a elas dedicados).

A estrita e rasteira encomenda para-publicitária.

Nota: O genérico não indica a quem pertence a fotografia do filme. Matos-Cruz no seu ficheiro «8 décadas de filmes» atribui-a, porém, a Mário Moreira.

Faria de Almeida, o realizador de **«Algarve»**



NAS PASSADEIRAS

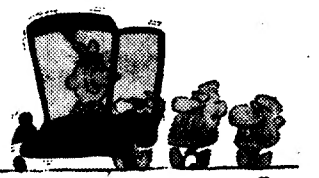
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização lumînosa

circular e viver

Evite o encandeamento.
Vele pela sua segurança
e pela dos outros.
circular e viver.

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO